

**A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança
Um Estudo de Caso**

Sara Morais Ribeiro de Sousa

Porto, Outubro de 2013

Mestrado em Relações Interculturais

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Um Estudo de Caso

Sara Morais Ribeiro de Sousa

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Relações Interculturais

Orientadora:

Professora Doutora Maria Manuela Dias Malheiro Ferreira

Porto, Outubro de 2013

RESUMO

A Dissertação de Mestrado que se apresenta tem como foco principal uma Investigação centrada num *Estudo de Caso*, modelo de análise qualitativa, subordinada ao título: *A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança – Um Estudo de Caso*.

O objectivo principal desta investigação consiste em avaliar o impacto do ensino-aprendizagem da dança enquanto forma de expressão artística intercultural, no seu contributo quanto à sensibilização de professores e alunos para a comunicação e para o diálogo interculturais.

O Quadro Teórico-Conceptual, que norteia toda esta investigação, é composto por três capítulos que consideramos de capital importância: I - A Dança nos Processos de Educação, Comunicação e Diálogo Interculturais, II - Ensino-Aprendizagem da Dança como Forma de Expressividade de Povos e Culturas e III - Danças em Sociedades Orientais e Brasileiras numa Visão Social, Cultural e Visual.

O Estudo Empírico foi realizado numa instituição portuguesa de ensino privado, denominado *Ginásio da Venda Nova*, situado na cidade de Rio Tinto - concelho de Gondomar, distrito do Porto. Para este estudo, e, dada a sua perspectiva intercultural, foram escolhidas danças brasileiras e danças orientais, nomeadamente, o *samba*, o *farró* e *axé* do Brasil, e a *dança do ventre* do Oriente.

Dado tratar-se de um *Estudo de Caso*, as opções metodológicas incidiram sobre um conjunto de nove entrevistas semiestruturadas, cujos intervenientes foram constituídos pelo Director do Ginásio, pelas Professoras e pelas Alunas das danças em estudo.

Os resultados, validados e consolidados através de uma análise de conteúdo organizada a partir de uma categorização cuidada e reflectida, conduziram a indicadores de significativo interesse, onde a sensibilização para as *artes* e para as *danças de povos e culturas* foram um incentivo à valorização do *outro* permitindo a educação, a comunicação e o diálogo interculturais.

PALAVRAS-CHAVE:

DANÇA – COMUNICAÇÃO – EDUCAÇÃO – DIÁLOGO – INTERCULTURALIDADE

ABSTRACT

The Master's Dissertation presented here is focused primarily in an Investigation centered on a *Case Study* of qualitative analysis model, under the title: *Intercultural Education, Communication and Dialogue through Dance - A Case Study*.

Assuming that dance is a form of intercultural artistic expression, the main objective of this investigation is to assess the impact of teaching-learning of dance in its contribution to the awareness of teachers and students for intercultural communication and for intercultural dialogue.

The Theoretical and Conceptual Framework, which guides all research, consists of three chapters that we consider of vital importance: I - Dance in Processes of Intercultural Education, Intercultural Communication and Intercultural Dialogue, II - Teaching-Learning of Dance as a Form of Expression of Peoples and Cultures, and III - The Dances in Oriental and Brazilian Societies in a Social, Cultural and Visual Vision.

The Empirical Study was accomplished in a Portuguese institution of private education, named *Ginásio da Venda Nova*, located in the city of Rio Tinto - county of Gondomar, district of Porto. For this study, and, given its intercultural perspective, were chosen the Brazilian dance and Oriental dance, including *Samba*, *Forró* and *Axé* from Brazil and *Belly Dance* from Orient.

Given that it is a *Case Study*, the methodological choices were focused on a set of nine semi structured interviews. These interviews were held to the Director of the gym, the Teachers and the Students of the dances studied.

The results, validated and consolidated through a content analysis organized from a careful and thoughtful categorization, led to interesting and significant results, where the awareness for *arts* and for *dances of people and cultures*, were an incentive to each other valorization, allowing an intercultural education, an intercultural communication and an intercultural dialogue.

KEYWORDS:

DANCE - COMMUNICATION - EDUCATION - DIALOGUE - INTERCULTURALITY

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus pais pelo constante apoio e presença durante a sua elaboração.

Ao meu irmão Tiago.

Ao João.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha Orientadora, a Professora Doutora Maria Manuela Malheiro Ferreira por toda a disponibilidade, por todo o empenho, pela forma amável com que me recebeu em Lisboa nas reuniões, e, por todo o incentivo demonstrados no desenvolvimento desta Dissertação de Mestrado.

Ao Professor Doutor Amílcar Martins, pela colaboração no envio das *Mandalas da Dança*, integradas no *Plano da Unidade Curricular do Seminário de Práticas de Dança-Educação e Teatro-Educação*.

À Direcção do *Ginásio da Venda Nova* pela simpatia e sensibilidade com que me recebeu, bem como pela colaboração, disponibilidade e confiança demonstradas, possibilitando a realização das entrevistas que fazem parte do Estudo Empírico deste trabalho de investigação.

Às Professoras de *Danças Brasileiras* e de *Dança do Ventre* pelo importantíssimo papel que desempenharam no desenrolar do Estudo Empírico. Com a sua simpatia, aceitação e disponibilidade, em todos os momentos necessários, foi possível realizar este estudo.

Às Alunas de *Danças Brasileiras* e de *Dança do Ventre* pela amabilidade com que colaboraram nas entrevistas realizadas.

ÍNDICE GERAL

	Pág.
RESUMO	3
ABSTRACT	4
DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	6
ÍNDICE GERAL	7
ÍNDICE DE QUADROS	11
ÍNDICE DE FIGURAS	11
PRÓLOGO	12
Origem da Investigação	12
INTRODUÇÃO GERAL	14
Problemática da Investigação	14
Pergunta de Partida	15
Questões de Investigação	16
Objecto de Estudo	16
Objectivos da Investigação	16
Objectivos Gerais	16
Objectivos Específicos	17
Plano Geral da Pesquisa	17
PRIMEIRA PARTE – QUADRO TEÓRICO-CONCEPTUAL	20
CAPÍTULO I – A DANÇA NOS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAIS	21
1.1. Introdução	22
1.2. Definição de Conceitos	23
1.2.1. Conceito de Dança	23
1.2.2. Conceito de Educação Intercultural	24
1.2.3. Conceito de Comunicação Intercultural	27
1.2.4. Conceito de Diálogo Intercultural	28
1.3. Políticas para a Interculturalidade	29
1.3.1. Uma Política Intercultural	29
1.3.2. Uma Escola Intercultural	30

	Pág.
1.3.3. O Papel do Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI)	31
1.3.4. O Papel dos <i>Media</i>	32
1.4. A Dança e a Produção Musical nos Contextos da Interculturalidade	33
Resumo do Capítulo I	41
CAPÍTULO II – ENSINO-APRENDIZAGEM DA DANÇA COMO FORMA DE EXPRESSIVIDADE DE POVOS E CULTURAS DO MUNDO	42
2.1. Introdução	43
2.2. Dança em Contextos Religiosos e Profanos – uma Perspectiva Histórica e Cultural	43
2.3. Origens da Dança em Portugal e no Mundo	44
2.4. Dança e Ensino em Portugal e no Estrangeiro	45
2.5. Expressividade e Criatividade através da Dança	50
Resumo do Capítulo II	52
CAPÍTULO III – AS DANÇAS EM SOCIEDADES ORIENTAIS E BRASILEIRAS: UMA VISÃO SOCIAL, CULTURAL E VISUAL	53
3.1. Introdução	54
3.2. Danças do Mundo/Danças de Outras Culturas	55
3.2.1. Danças Orientais – A <i>Dança do Ventre</i>	56
3.2.2. Danças Brasileiras – O <i>Samba</i> , o <i>Forró</i> e o <i>Axé</i>	58
3.2.2.1. O <i>Samba</i>	58
3.2.2.2. O <i>Forró</i>	60
3.2.2.3. O <i>Axé</i>	61
Resumo do Capítulo III	62
SEGUNDA PARTE – ESTUDO EMPÍRICO	63
CAPÍTULO IV – OPÇÕES METODOLÓGICAS	64
4.1. Introdução	65
4.2. A Investigação Qualitativa	65
4.2.1. Caracterização da Investigação Qualitativa	66
4.3. O Estudo de Caso	68

	Pág.
4.3.1. Características de um Estudo de Caso Qualitativo	69
4.4. O Contexto da Investigação	70
4.4.1. O Meio Envolvente	70
4.4.1.1. Perspectiva Histórica	70
4.4.1.2. Actividade Agrícola	73
4.4.1.3. Tecido Empresarial	73
4.4.2. Caracterização do <i>Ginásio da Venda Nova</i>	75
4.4.2.1. <i>Dia da Dança no Ginásio da Venda Nova</i>	77
4.5. Recolha de Dados	79
4.5.1. Os Sujeitos da Amostra	79
4.5.2. A Entrevista Semiestruturada	80
4.5.3. Apresentação dos Guiões das Entrevistas	81
CAPÍTULO V – ANÁLISE DE DADOS	87
5.1. Introdução	88
5.2. A Análise de Conteúdo	88
5.2.1. Categorização	89
5.2.2. Características das Categorias	89
5.2.3. Fontes das Categorias	90
5.2.4. Dificuldades da Categorização	90
5.2.5. Unidades de Análise	91
5.2.6. Fidelidade e Validade	92
5.3. Categorização e Análise de Conteúdo das Entrevistas	92
5.3.1. Entrevista realizada ao Director (D)	94
5.3.2. Entrevistas realizadas às Professoras	99
5.3.2.1. Entrevista realizada à Professora de Danças Brasileiras (P1)	99
5.3.2.2. Entrevista realizada à Professora de Dança do Ventre (P2)	102
5.3.3. Síntese da Análise de Conteúdo das Entrevistas Realizadas às Professoras	106
5.3.4. Entrevistas realizadas às Alunas	111
5.3.4.1. Entrevista realizada à Aluna A1	111
5.3.4.2. Entrevista realizada à Aluna A2	116
5.3.4.3. Entrevista realizada à Aluna A3	120

	Pág.
5.3.4.4. Entrevista realizada à Aluna A4	124
5.3.4.5. Entrevista realizada à Aluna A5	129
5.3.4.6. Entrevista realizada à Aluna A6	132
5.3.5. Síntese da Análise de Conteúdo das Entrevistas realizadas às Alunas	138
CAPÍTULO VI – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES GERAIS	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
WEBGRAFIA	171
ANEXOS	173
Anexo1 – Síntese da análise de conteúdo da entrevista do Director	174
Anexo 2 - Análise de conteúdo das entrevistas das Professoras	176
Anexo 3 - Síntese da análise de conteúdo das entrevistas das Professoras	180
Anexo 4 - Análise de conteúdo das entrevistas das Alunas	182
Anexo 5 - Síntese da análise de conteúdo das entrevistas das Alunas	196
Anexo 6 - Síntese da análise de conteúdo das nove entrevistas	202
Anexo 7 - Protocolos das entrevistas	207

ÍNDICE DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1 – Caracterização do Director do GVN	79
Quadro 2 – Caracterização das Professoras	79
Quadro 3 – Caracterização das Alunas	79
Quadro 4 – Guião da entrevista do Director	81
Quadro 5 – Guião das entrevistas das Professoras	83
Quadro 6 – Guião das entrevistas das Alunas	85

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – As Danças e as Músicas de cada Cultura estão de mãos dadas	33
Figura 2 – Flautas de Pã, características das Culturas Andinas, América do Sul	34
Figura 3 – Bailarinas de <i>Ballet Clássico</i>	36
Figura 4 – Rancho Folclórico Português – Viana do Castelo	37
Figura 5 – <i>Mandala da Unidade Curricular: Seminário de Práticas de Dança-Educação e Teatro-Educação</i>	47
Figura 6 – <i>Mandala das Competências através da Dança</i>	48
Figura 7 – <i>Dança do Ventre</i>	56
Figura 8 – <i>Samba Brasileiro</i>	58
Figura 9 – <i>Forró</i>	60
Figura 10 – <i>Axé</i>	61
Figura 11 – Painel de Azulejos da Batalha de 824 - Estação de Rio Tinto	71
Figura 12 – A Cidade de Rio Tinto	72
Figura 13 – Ginásio da Venda Nova – GVN	75
Figura 14 – Logotipos do <i>Ginásio da Venda Nova</i>	76
Figura 15 – Dia D - Danças Brasileiras	77
Figura 16 – Dia D - Danças Brasileiras	77
Figura 17 – Dia D - Dança do Ventre	78
Figura 18 – Dia D - Dança do Ventre	78

PRÓLOGO

Los judios de una pequeña ciudad rusa esperaban ansiosos la llegada de un rabino. Se trataba de un acontecimiento poco frecuente, y por eso habian dedicado mucho tiempo a preparar las preguntas que iban a hacerle. Quando, al fin, llegó y se reunieron con el en el ayuntamiento, el rabino pudo palpar la tensión reinante mientras todos se disponian a escuchar las respuestas que iba a darles.

Al principio no dijo nada, sino que se limitó a mirales fijamente a los ojos, a la vez que tataraba insistentemente una melodia. Pronto empezó todo el mundo a tatarar. Entonces el rabino se puso a cantar, y todos le imitaron. Luego comenzó a balancerarse y a danzar com gestos solemnes y rítmicos, y todos hicieron lo mismo. Al cabo de un rato, estaban todos tan enfrascados en la danza y tan absortos en sus movimientos que parecian insensibles a todos los demás; de este modo, todo el mundo quedo restabelecido y curado de la fragmentación interior que nos aparta de la verdad.

Transcurrió casi una hora hasta que la danza, cada vez más lenta, acabo cesando. Una vez liberados de su tensión interior, todos se sentaron, disfrutando de la silenciosa paz que invadia el recinto. Entonces pronunció el rabino sus únicas palabras e aquella noche: *Espero haber respondido a vuestras preguntas* (Anthony de Mello, 1988, citado por Sopeña & Olmedo, 1997, p. 45).

Origem da Investigação

Ao longo do meu processo educacional, ao nível familiar, existiu uma constante preocupação com a educação artística, muito particularmente com a actividade física, com a dança e com a música. Este princípio fez com que aos quatro anos de idade tivesse entrado para a minha primeira turma de *ballet clássico*, na qual era a mais novinha de todas as minhas colegas que frequentavam a pequena escola de *ballet clássico*, em Rio Tinto, concelho de Gondomar, distrito do Porto. Estas aulas revestiram-se para mim de grande importância conduzindo-me, nessa altura, a uma actuação num espectáculo no *Coliseu do Porto*. Desde essa altura ficou o desejo de continuar! Após o percurso realizado nesta pequena escola, prossegui com a frequência de aulas de *ballet clássico* no *Ginásio da Venda Nova*, nunca deixando de praticar outras modalidades de dança e exercício físico. O *Ginásio da Venda Nova*, ainda existente com novas aulas e novas modalidades, foi a instituição de ensino escolhida para a realização do Estudo Empírico desta Dissertação de Mestrado.

Mais tarde, a par da Universidade e do Conservatório de Música, frequentei formações em *dança criativa* na *Escola de Dança Ginasiano*, em Vila Nova de Gaia. Retomei o *ballet clássico* na *Escola de Dança Parnaso*, na cidade do Porto e no *Centro de Dança do Porto* iniciei aulas de *dança jazz*.

Já durante a minha actividade enquanto professora de Ensino da Música, do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, nas AECs – Actividades de Enriquecimento Curricular, procurei interligar sempre a música com a dança e também com a educação física, tendo realizado, em conjunto com a colega da AEC de Educação Física, uma actuação com um grupo de crianças no *Pavilhão Multiusos*, em Gondomar, distrito do Porto, na qual a dança, a música e a educação física estavam interligadas. Ainda neste contexto, frequentei, um curso de vários meses, realizado pela *Casa da Música*, no Porto, e que culminou num espectáculo destinado a crianças e a professores do Primeiro Ciclo do Ensino Básico e que ligou, mais uma vez, a dança e a música.

Mais recentemente, frequentei *danças de salão* onde o *chá-chá-chá*, o *tango*, o *jive*, a *rumba*, a *valsa vienense* entre outras danças, preencheram o meu tempo na *Escola de Dança Afrolatin Connection*, em Vila Nova de Gaia.

Pelo exposto, é uma realidade constatar que desde a minha infância e até ao momento, a dança fez e faz sempre parte das minhas actividades do quotidiano. O gosto de dançar e de aperfeiçoar esta área de expressão artística permanece e continua!

Ao realizar esta Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais, julgo de grande pertinência investigar uma temática com a qual me identifico! A dança, na sua globalidade, conjugada com as danças de outras culturas constitui motivo de alargamento do conhecimento no sentido de uma maior abertura aos horizontes da interculturalidade.

Nesta perspectiva, passamos à problemática da investigação, à pergunta de partida desta investigação, às questões de investigação, ao objecto de estudo, aos objectivos gerais e aos objectivos específicos e ao plano geral da investigação.

INTRODUÇÃO GERAL

Problemática da Investigação

Com a globalização, existente nas sociedades actuais a nível mundial, as migrações nacionais e internacionais, o interculturalismo, os conflitos internacionais, a construção europeia – projecto político que envolve vinte e sete países e milhões de habitantes, encontramos-nos perante enormes desafios relacionados com a educação, a comunicação e o diálogo interculturais.

Neste sentido, são propósitos da educação, da comunicação e do diálogo interculturais, desenvolver nas pessoas provenientes de grupos minoritários, ou não, atitudes e comportamentos melhor adaptados aos contextos da diversidade individual e grupal em que os mesmos se situam. Assim, torna-se necessário desenvolver novos e diferentes olhares quer sobre nós mesmos quer sobre o *outro*, desenvolvendo aptidões que conduzam a um processo de consciencialização cultural e a uma melhor capacidade de comunicação e de participação na interacção social. Essas atitudes e comportamentos levar-nos-ão ao desenvolvimento de uma maior compreensão dos mecanismos psicossociais e sociopolíticos susceptíveis de originarem a rejeição, a intolerância, a violência, o racismo e o fundamentalismo (Ramos, 2001).

Na linha do pensamento destes novos olhares, pensamos que as *danças de outras culturas* tocam a sensibilidade no que se refere às questões da interculturalidade. Por isso, dado não nos ser possível abordar a variedade imensa de danças próprias e típicas de povos e culturas existentes no mundo, optámos pelo conhecimento de dois modelos de danças de duas culturas diferentes: brasileira e oriental. Neste sentido, professores e alunos permitiram-nos o alargamento do nosso conhecimento, proporcionando-nos a abrangência e as dinâmicas destas actividades artísticas, nos contextos das sociedades interculturais em que vivemos, conduzindo-nos a fenómenos de interacção e de relação humanas, pouco possíveis em outras situações e em outros contextos. “Además de ser una actividad lúdica, ejercen un importante trabajo psicomotriz e de expresión, fomentando el conocimiento de nuestro propio cuerpo y la atención hacia los demás” (Sopenã & Olmedo, 1997, p. 45). A dança surge, então, como uma forma de comunicação normal entre as pessoas desde o entretenimento à actividade profissional. Do ponto de vista de a podermos considerar como uma forma de comunicação intercultural, através das músicas que delas fazem

parte, das suas expressividades próprias, das suas originalidades, típicas de cada país e de cada cultura, pensamos que a dança poderá ter efeitos benéficos na atenuação do défice da comunicação entre crianças, jovens e adultos provenientes, ou não, de comunidades migrantes, existentes nas sociedades.

Sendo o movimento corporal inerente a todo o ser humano, parece-nos que, neste contexto, as danças de povos e culturas poderão exercer um importante papel na comunicação, pois a sua linguagem própria e a sua expressividade particular serão motores convidativos ao diálogo e à comunicação intercultural (Jaritonsky, 1996).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), o movimento corporal é consequência de um tecido complicado de vivências, de muitas histórias que há que continuar a contar e a transformar, dando expressão ao comportamento cultural através de um meio de comunicação não-verbal.

A expressão corporal, como disciplina artística, baseia-se, nutre e coloca ênfase nos valores estéticos da dança. A sua intencionalidade fundamental diz respeito ao facto de o sujeito poder construir, desde a exploração pessoal, a sua própria dança, quer pelo prazer e pelo gosto de a inventar, quer pelas possibilidades de a partilhar e de a comunicar com todos os outros (Jaritonsky, 1996). Podemos dizer, então, que este grande desafio consiste em “expressar y comunicar ideas através del lenguaje del movimiento” (Jaritonsky, 1996, p.55).

No contexto da reflexão apresentada e no contexto da fundamentação que pretendemos para o nosso estudo apresentamos, de seguida, a pergunta de partida sobre a qual nos iremos debruçar ao longo desta Dissertação de Mestrado.

Pergunta de Partida

Qual a contribuição da prática das danças brasileiras e orientais para o conhecimento do *outro* e para o diálogo intercultural?

Questões de Investigação

Para conseguirmos responder à pergunta de partida, já formulada e apresentada, expomos, de seguida, as questões de investigação, que nos ajudarão a uma melhor compreensão e consciencialização desta problemática.

Como será possível conhecer o *outro* através da dança?

De que modo a dança contribui para a diálogo intercultural?

Objecto de Estudo

O objecto de estudo desta investigação consiste em analisar e estudar a contribuição das danças brasileiras e orientais para a educação, a comunicação e o diálogo interculturais.

Objectivos de Investigação

Objectivos Gerais

Nesta secção cingiremos os objectivos gerais deste trabalho de investigação aos seguintes:

- a) Sensibilizar para os valores que se revelam através da dança, como forma de expressão artística, corporal e universal, através do movimento, na qual a música exerce uma importância primordial;
- b) Conhecer *danças de outras culturas*, percebendo a expressividade de sentimentos e de emoções entre povos e culturas de todo o mundo;
- c) Sentir a dança como fonte de união e de partilha entre culturas, desenvolvendo a criatividade, a expressividade e a comunicação numa dimensão intercultural;
- d) Sensibilizar para a aprendizagem de *danças de outras culturas* através da investigação em curso.

Objectivos Específicos

Do mesmo modo abarcaremos os objectivos específicos do mesmo trabalho de investigação e que constituem os seguintes:

- a) Conhecer especificamente danças brasileiras e danças orientais, dentro dos seus contextos históricos, sociais e culturais;
- b) Investigar no âmbito do *Ginásio da Venda Nova*, previamente escolhido, as práticas de ensino-aprendizagem que se exercem neste estabelecimento de ensino, nomeadamente, a aprendizagem das danças brasileiras e das danças orientais;
- c) Analisar qual a contribuição das danças estudadas para o conhecimento do *outro* e para o diálogo intercultural.

Plano Geral da Pesquisa

A presente Dissertação de Mestrado inicia-se com o **Prólogo**, no qual é abordada a origem da investigação. Segue-se uma **Introdução Geral** que contém as principais orientações que presidem a esta investigação: a **Problemática da Investigação**; a **Pergunta de Partida**; as **Questões de Investigação**; o **Objecto de Estudo**, os **Objectivos Gerais** e os **Objectivos Específicos** e o **Plano Geral da Investigação**.

Encontra-se dividida em duas partes fundamentais, de capital importância: um **Quadro Teórico-Conceptual** e um **Estudo Empírico**.

Do Quadro Teórico-Conceptual que consubstancia todo o Estudo Empírico, fazem parte três capítulos, todos eles iniciados por uma *Introdução* e finalizados por um *Resumo de Capítulo* que conduzem às principais linhas orientadoras que norteiam cada um deles.

Capítulo I - A Dança nos Processos de Educação, Comunicação e Diálogo Interculturais – Ao longo deste capítulo teremos a oportunidade de conhecer os conceitos de dança, de educação intercultural, de comunicação intercultural e de diálogo intercultural em diferentes perspectivas e visões de variados autores. Fará sentido, no contexto da interculturalidade inerente a todos estes conceitos, referenciar algumas políticas para a interculturalidade dado serem essenciais para uma verdadeira educação, comunicação e diálogo interculturais. Assim, falaremos da existência de uma política intercultural, de uma escola intercultural, do papel do Alto-

Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) e do papel dos *media*. Concluiremos o Capítulo I, interligando a dança com a produção musical precisamente nos contextos da interculturalidade.

Capítulo II – Ensino-Aprendizagem da Dança como Forma de Expressividade de Povos e Culturas – Ao longo deste capítulo percorreremos momentos relativos às origens da dança em Portugal, à problemática do ensino da dança em Portugal e no mundo, onde ficarão referidos os objectivos desta área de expressão artística necessária ao desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa humana. Ficarão expressos, por um lado, os programas já realizados, com indicadores de relevância e de pertinência, mas por outro, o muito que ainda falta para que a dança seja considerada pelas entidades governamentais como disciplina fundamental numa educação artística de qualidade. Embora a dança integre os currículos nacionais, não se considera primordial na educação, recorrendo-se, normalmente, a escolas de ensino privado para levar à prática esta vertente da educação global.

Capítulo III – Danças em Sociedades Orientais e Brasileiras numa Visão Social, Cultural e Visual – Ao longo deste capítulo falaremos das *Danças do Mundo* para concluirmos o enquadramento teórico-conceptual com as danças que são objecto de estudo desta investigação. Assim, e dado que o estudo empírico deste trabalho assenta nas danças orientais - *dança do ventre* e nas danças brasileiras – *samba*, *farró* e *axé*, procuraremos enquadrar teoricamente estas danças nos seus contextos socioculturais e artísticos.

A Segunda Parte inicia-se com **O Estudo Empírico**.

Capítulo IV - Opções Metodológicas: Este capítulo envolverá a Investigação Qualitativa; o Estudo de Caso; o Contexto da Investigação, no qual se destacarão a Caracterização do Meio Envolvente e a Caracterização do *Ginásio da Venda Nova*; a Recolha de Dados, onde se darão a conhecer os Sujeitos da Amostra; a Entrevista Semiestruturada e a Apresentação dos Guiões das Entrevistas.

Capítulo V – Análise de Dados - Ao longo deste capítulo procederemos à análise dos dados recolhidos através das entrevistas semiestruturadas através da técnica da análise de conteúdo.

Capítulo VI – Discussão dos Resultados e Conclusões Gerais – Neste capítulo ficaremos com uma visão global de todo o trabalho científico realizado. Iremos discutir os resultados e apresentar as conclusões gerais desta Investigação, procurando responder à pergunta de partida, às questões de investigação e aos objectivos gerais e específicos enunciados.

As **Referências Bibliográficas** e a **Webgrafia** indicarão os autores e os *sites* consultados ao longo da investigação, todos eles de referência nestes domínios.

Na parte dedicada aos **Anexos** apresentaremos um conjunto de registos e documentos de significativo interesse: análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas realizadas; sínteses da análise de conteúdo realizadas e finalmente os protocolos das entrevistas.

Depois deste Plano Geral da Pesquisa que nos dará, certamente, um plano global desta Dissertação, passamos, então, ao desenvolvimento da mesma.

PRIMEIRA PARTE – QUADRO TEÓRICO-CONCEPTUAL

Capítulo I - A Dança nos Processos de Educação, Comunicação e Diálogo Interculturais

1.1. Introdução

Podemos afirmar que, a história da dança se desenvolve em volta de influências sociais sobre o indivíduo, denunciando, desta forma, as suas origens. Consideramos, portanto, que o acto de dançar é um acto humano, e, é uma actividade que se baseia na beleza da energia humana, enquanto movimento produzido pelo corpo (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001).

A dança é uma forma artística de expressão que caracteriza o meio e a cultura em que cada ser humano se encontra inserido. Dado que a educação artística se reveste de grande importância na educação global de todos os intervenientes do processo educativo (Sousa, 2010), escolhemos a dança como actividade alargada onde os horizontes da interculturalidade poderão ser factores que contribuam para uma melhor inserção e integração das comunidades educativas. Neste contexto, a terminologia *danças de outras culturas* surge como um reflexo da idiosincrasia de cada povo, de cada cultura, que vai sendo transmitido e modificado ao longo dos tempos. Ao conhecer as diferentes e variadas danças, e, ao nos expressarmos através da dança, estreitamos laços de união com outras culturas aceitando-as e tornando-nos mais tolerantes em relação a essas mesmas culturas (Sopenã & Olmedo, 1997).

Las danzas populares constituyen uno de los mejores elementos de transmisión de las diferentes culturas através de los tempos, pues la danza, como arte natural y primordial por excelencia, tiene un valor universal y simbólico, porque expresa un sentimiento, un estado de alma (Bonilla, 1994, citado por Sopenã & Olmedo, 1997, p. 46).

Esta problemática, pouco estudada em Portugal, nos contextos da arte e da interculturalidade, despertou em nós o desejo desta investigação. Além de inovadora, conduz-nos, rapidamente, à relação *eu-outro* facilitadoras da educação, da comunicação, e do diálogo interculturais.

Entendemos a dança, como forma de expressividade, como fonte inesgotável de comunicação, de procura do conhecimento e como veículo capaz de integrar as mais diversas culturas existentes no mundo.

Dado que a problemática da nossa investigação se situa no âmbito das dimensões da interculturalidade através das *danças de outras culturas* entendemos de grande pertinência, dedicar o Capítulo I à dança nos processos de educação, comunicação e diálogo interculturais como forma de criatividade, de comunicação de sentimentos e de emoções, de forma de lazer, de partilha, e, ainda, como forma de educação, e, de aquisição de competências em contextos artísticos e culturais. Neste sentido,

passamos a enunciar um conjunto de conceitos que nos permitirão perceber de que forma os mesmos se interligam, dando origem a processos de interculturalidade. Vejamos o conceito de dança.

1.2. Definição de Conceitos

1.2.1. Conceito de Dança

As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 149).

São muitos e variados os conceitos de dança. Para Pinto (2000, p.6) a dança é

(...) entendida como um elemento que propicia a desinibição corporal, a estruturação espaço-temporal, a criatividade e a sensibilidade estética, para além de ser um importante factor de socialização. Todas as crianças devem dançar. É bem saudável dançar, criando gestos expressivos, aprendendo a movimentar-se num espaço limitado, conseguindo extroverter-se e sabendo como se situar num grupo de pessoas. A dança é intrínseca ao ser humano. É do domínio comum que, desde os tempos mais remotos, que as pessoas sentem necessidade de se exteriorizar fisicamente, num acto de comunicação, por vezes aliado ao divertimento e à alegria (Pinto 2000, p. 6).

Na obra *Dança Escolar* de Vanja Ferreira (2005, pp. 9-10), o conceito de *dança* é descrito, segundo vários autores, da seguinte forma:

“Projectar o belo e criar o novo” (Barbosa (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “(...) movimento; é a partir da dança que podemos mudar, criar, transformar, sentir, realizar e ter prazer” (Castro (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “Dizer coisas. Escrever, verbalizar com o corpo” (Guerra (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “Um trabalho de sensibilização, consciencialização corporal e improvisação” (Rocha (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “Expressar o inexprimível através do movimento” (Sant’anna (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “Expressar representativamente os diversos aspectos da vida do homem” (Taffarel (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “Permitir ao corpo improvisação e expressão. Assim o corpo funciona como uma orquestra” (Morato (s/d)

citado por Ferreira, 2005, p.9); “(...) um trabalho árduo, acrobático e susceptível a luxações e distensões. É importante que o profissional saiba sobre anatomia para não lesionar os alunos” (Borizon (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.9); “(...) uma das maiores terapias que existe (Batista (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.10); “[Não só] *botar* o corpo em movimento; é necessário sentir e conhecer o corpo” (Alonso (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.10); “(...) expressar seus sentimentos através do corpo em movimento” (Miranda (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.10); “(...) a coisa mais maravilhosa do mundo; é uma terapia; é vida; é tudo” (Santos (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.10); “[Ir] além da alma. Com a dança consegue-se unir tudo, o físico, a emoção, a fé, todo o corpo e a mente” (Matuck (s/d) citado por Ferreira, 2005, p.10); “(...) buscar tesouros no fundo do mar e encontrar sua riqueza. É determinação e construção, sem as quais o homem se torna uma coisa qualquer” (Pereira, 2004, citado por Ferreira, 2005, p.10).

A educação, a comunicação e o diálogo interculturais são, hoje, cada vez mais pertinentes. As sociedades tomam características de tal forma complexas, devido sobretudo à explosão demográfica que se faz sentir na maioria dos países do mundo. Esta problemática obriga a que todos os países de inserção e de acolhimento procurem um conjunto de respostas às comunidades migrantes, provenientes de diferentes países e de diferentes culturas, especificamente no que se refere à educação global de crianças, jovens e adultos (Sousa, 2010).

A dança, na sua globalidade, e, especificamente, as *danças de outras culturas*, podem assumir, através da sua expressividade cultural, um papel muito importante ao nível da educação intercultural, da comunicação intercultural e do diálogo intercultural.

Desta forma, passamos, no ponto seguinte, aos conceitos de educação intercultural, de comunicação intercultural e de diálogo intercultural.

1.2.2. Conceito de Educação Intercultural

A Educação tem sem dúvida um papel importante a desempenhar, se se quiser dominar o desenvolvimento de entrecruzar as redes de comunicação que pondo os homens a escutar-se uns aos outros, faz deles verdadeiros vizinhos. (...) Sentida de maneira confusa por cada indivíduo, tornou-se para os dirigentes uma fonte de dificuldades. A consciência

generalizada desta *globalização* das relações internacionais constitui, aliás em si mesma, uma dimensão do fenómeno (Delors et al., 2005, p.36).

Manuela Malheiro Ferreira (2003), na sua obra *Educação Intercultural* apresenta-nos o conceito de educação multicultural distinto do de educação intercultural: o primeiro como um conceito ligado a países de culturas anglo-saxónicas, o segundo como um conceito ligado e mais próximo da cultura românica.

Nos países anglo-saxões, existirá uma maior tendência para aceitar um relativismo cultural e, conseqüentemente, uma maior preocupação em preservar as diferentes culturas, as identidades próprias de grupos étnicos diferenciados, enquanto, por exemplo, em França, marcada pelo universalismo, se dá uma maior importância, ao carácter mutável das culturas, das identidades, num mundo marcado pela globalização, mundialização dos fenómenos e se atribua, conseqüentemente, mais ênfase ao contacto, ao encontro de culturas (Ferreira, 2003, p. 111).

A educação intercultural deverá conciliar a unidade com a diversidade:

(...) unidade num país, num continente, num mundo que tem um destino comum; diversidade de culturas, de identidades, marcadas pelos contextos de origem, diferenciados sob os pontos de vista geográfico, histórico, religioso. Culturas, que fora e dentro do seu contexto de origem, se vão inevitavelmente modificando, porém das formas mais diversas (Ferreira, 2003, p.111).

Sousa (2010, p.50) afirma que

(...) a terminologia *intercultural education* foi o primeiro grito de alerta. O fluxo migratório que irrompeu nos Estados Unidos da América fez emergir a necessidade da criação de condições de integração social para grupos étnicos, provenientes dos mais diversos países do mundo. Estudos internacionais deram ênfase a esta problemática, e, por volta da década de 60, o termo *ethnic studies* aparece no contexto da literatura da educação. A sociedade americana despertou, assim, para o desenvolvimento das problemáticas multiculturais.

Peter McLaren, professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), esteve recentemente em Portugal, numa entrevista a um jornal português, com o título “Professores devem assumir o papel de *novos agentes da esperança*”, afirma que: “Qualquer que seja a nossa abordagem no sentido da construção de uma nova sociedade, ela terá que ser concebida na perspectiva multifacetada (...) precisamos de uma luta anti-racista, anti-sexista, anti-imperialista, pró-igualitária (...)” (McLaren, 2008, citado por Sousa, 2010, p. 50).

Entendendo que a educação intercultural é um processo que envolve todos os intervenientes no processo educativo e conseqüentemente, uma educação completa terá que ser intercultural, será necessário adoptar uma nova estrutura vocabular para

que os projectos educativos nas escolas tomem dimensões que transformem a escola tradicional em escola intercultural (Sousa, 2010). Segundo Cardoso (1996), a definição de educação multicultural nem sempre tem sido consensual. Vários são os autores que se têm debruçado sobre o conceito de educação multicultural, variando este conceito de acordo com os diferentes contextos de políticas desenvolvidas. Assim, são usados diferentes termos no discurso e na literatura: *educação multicultural, intercultural, anti-racista, multirracial, para a igualdade de oportunidades, para a diversidade cultural, etc.*, normalmente em muitos dos casos com iguais significados. No entanto, o termo mais utilizado e de consenso geral é o de *educação multicultural* que

(...) consiste, fundamentalmente, no conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, da escola e da classe, cujo objectivo é promover a compreensão e a tolerância entre indivíduos de origens étnicas diversas, através da mudança de percepções e atitudes com bases em programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e estilos de vida (Carrington & Short, 1989, citado por Cardoso, 1996, p.9).

Embora muitos autores considerem que a educação multicultural inclua práticas baseadas em currículos que expressem diversidades culturais e estilos de vida, isto não significa que estejam completos os requisitos para que se possa promover uma verdadeira educação para a igualdade, faltando-lhes, por conseguinte a dimensão da educação anti-racista. Então, Troyna e Carrington, 1989, definem *educação anti-racista* como sendo um “conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, de escolas e de classe cujo objectivo é promover a igualdade racial e eliminar formas de discriminação e de opressão, quer individuais quer institucionais” (Troyna & Carrington, 1989, citado por Cardoso, 1996, p.9).

James Banks (1994, citado por Sousa, 2002) refere, em síntese, que a problemática da educação intercultural é ampla e complexa. Sem esgotar de forma alguma esta questão, afirma que a educação intercultural é, fundamentalmente, uma educação globalizadora apoiada em grandes objectivos, os quais passamos a enunciar:

- uma educação para todos,
- uma educação para a liberdade,
- o desenvolvimento de competências de interacção cultural,
- a reflexão sobre a interdependência e coesão social,

- a reflexão e apoio de reformas educativas.

De acordo com Banks (1994, citado por Sousa, 2002) as dimensões da educação intercultural são indicadores de formas e de caminhos que conduzem à concretização de uma nova forma de viver em sociedade. O mesmo autor preconiza uma pedagogia para a igualdade, para a integração de conteúdos, para os processos de construção do conhecimento, para a redução de preconceitos e de estereótipos e para a promoção de uma estrutura escolar e social valorizada (Banks, 1994, citado por Sousa, 2002).

1.2.3. Conceito de Comunicação Intercultural

Ao longo das pesquisas efectuadas encontramos autores de referência, que não definindo o conceito de comunicação intercultural, se aproximam do mesmo.

Segundo Ladmiral e Lipiansky (1989, p.11) na obra *La Communication Interculturelle*

(...) la communication implique toujours des personnes et ce sont eles qui véhiculent ou médiatisent les rapports entre cultures. Même s'il s'agit d'un voyage d'étude, de la découverte d'un pays ou d'une région, il y a toujours au départ une démarche personnelle: ce peut être l'acquisition d'un savoir, la découverte de paysages, de monuments, d'œuvres d'art ou de traditions; mais cela entraîne aussi le contact avec des modes de vie, des manières de penser et de sentir incarnés dans des groupes et des individus concrets. Ainsi par communication interculturelle, il faut d'abord entendre les relations qui s'établissent entre personnes ou groupes appartenant à des cultures différentes. C'est le fait relationnel qui nous interesse ici, même s'il entraîne avec lui tout un arrière-plan de représentations, de valeurs, de codes, des styles de vie, de modes de penser propres à chaque culture.

Ramos (2001, p.166) afirma que “a comunicação intercultural envolve os problemas e processos de interacção verbais e não-verbais entre indivíduos pertencentes a grupos ou subgrupos culturais diferentes em contextos situacionais variados e a variação cultural na percepção dos objectos e dos acontecimentos sociais.”

A mesma autora afirma que estes problemas não existem apenas entre pessoas que habitam em países ou continentes diferentes, mas a comunicação intercultural, existe, também, entre grupos que habitando o mesmo país, a mesma língua e a mesma cultura podem partilhar dessas mesmas dificuldades. Estes problemas poderão abarcar as religiões, onde as diferenças se acentuam e desenvolvem problemas intergrupais. Os problemas de comunicação intercultural derivam, em grande parte, de

diferentes visões na percepção de objectos e dos acontecimentos sociais dos membros desses grupos (Ramos, 2001).

1.2.4. Conceito de Diálogo Intercultural

The word *dialogue* means speech or conversation between two people. It expresses a communicative relationship between two beings, and it evokes intentions, ways of acting, emotions and cogitations, memories; hence, the word *dialogue* refers to a great deal more than the simple coming and going of sounds and meanings (Gonçalves, 2008, p.9).

Nos dias de hoje, fala-se muito em diálogo intercultural. De facto, é uma questão pertinente e seria impensável escrever esta Dissertação de Mestrado sem que esta questão fosse abordada, no contexto de uma educação intercultural que se pretende seja de qualidade. Contudo, levantamos a seguinte questão: *Em que consiste o diálogo intercultural?* A resposta a esta problemática remete-nos para tudo o que temos vindo a constatar: para a comunicação intercultural, para a educação intercultural, que por sua vez não se poderá entender sem um diálogo intercultural, permanente e contínuo, em escolas, empresas e muitos outros locais de trabalho, onde as comunidades migrantes se encontram em contacto com as culturas dominantes dos países de acolhimento, e às quais se torna necessário dar resposta.

Segundo Santos, 2003 (citado por Baratto, 2009, p.72), diálogo intercultural está ligado à questão dos direitos humanos e, nesta perspectiva, afirma que:

(...) no diálogo intercultural todas as culturas têm, potencialmente, a oportunidade de enriquecer as suas próprias concepções sobre os direitos humanos, elaborando novas formas mais eficazes e legítimas para a sua efectivação. O reconhecimento deste carácter torna-se fundamental para que exista um verdadeiro diálogo intercultural! A cultura não pode ser considerada fechada, mas deverá ser considerada como uma realidade dinâmica, aberta, e, em constante mutação (Santos, 2003, citado por Baratto, 2009, p. 72).

De acordo com Marcia Baratto (2009), para que exista diálogo intercultural, a valorização da diversidade cultural, no contexto da valorização dos direitos humanos, é fundamental. O paradoxo da vulnerabilidade cultural traz a principal questão que move a perspectiva do diálogo intercultural: equilibrar a legitimidade e a eficácia dos direitos humanos para que, os mesmos sejam suportes e veículos para a preservação e provação das tradições culturais Por outro lado, esse mesmo diálogo intercultural, devido ao contexto de uma globalização mundial, é muito importante na medida em

que pode promover o pluralismo, reconhecer e conservar, tal como já referimos, a diversidade cultural (Baratto, 2009).

A nível internacional verifica-se a globalização de produtos, incluindo os culturais e as migrações de grandes massas de povos. Por isso é necessário “ter uma visão abrangente da interculturalidade que inclua os povos e as regiões culturais de todos os países” (Ribeiro, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009, p. 81). Devido à grande mobilidade dos povos, as sociedades, sobretudo as urbanas

(...) tornaram-se centros de confluência de seres humanos com origem em todo o globo, formando populações com um elevado grau de miscigenação e nas quais os factores de pertença ao grupo se constroem em bases socioculturais complexas, onde as *origens* ganham novos significados (Farmhouse, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009, p. 59).

A globalização e as migrações estão, portanto, ligadas à dinâmica de diálogo intercultural. Simultaneamente a esta dinâmica de diálogo intercultural assiste-se, em muitos locais do planeta, a grandes conflitos devido a ódios raciais, onde populações inteiras são massacradas, por vezes só por razões religiosas ou culturais (Farmhouse, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009). Neste contexto, podemos verificar que ainda há um longo caminho a percorrer quanto à questão do diálogo intercultural e as gerações futuras terão que ser preparadas, desde já, para esse diálogo.

Passamos, então, a um novo ponto desta Dissertação de Mestrado. No contexto da interculturalidade inerente a todos estes conceitos, faz sentido referenciar algumas políticas para a interculturalidade.

1.3. Políticas para a Interculturalidade

1.3.1. Uma Política Intercultural

A interculturalidade não se resolve apenas com uma legislação ou “normalização ditada exclusivamente pela comunidade que acolhe, a anfitriã. Supõe uma negociação cultural entre grupos e expressões culturais” (Ribeiro, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009, p. 84). A política intercultural constrói-se num mundo

onde se exerce a democracia, o progresso tecnológico e as regras de pacificação entre países. A democracia, tal como a interculturalidade, tem de ser aprendida, assimilada, construída, vivida e exercida. Desta forma, a acção política de um governo deverá ser no sentido de criar condições para a aprendizagem das línguas dos falantes imigrantes para além das línguas tradicionais curriculares. O ensino da história deverá ser reestruturada para que os imigrantes possam conhecer os pontos de vista quer do país anfitrião quer dos países de origem, mesmo que no passado tenham sido vencedores ou vencidos.

Uma política intercultural pressupõe que os imigrantes possam aceder a lugares importantes de decisão política, tais como deputados, presidentes, ou outros cargos, no âmbito das mais diversas instituições económicas e sociais. Nos Estados Unidos da América, é, já, frequente ouvirmos notícias sobre portugueses que concorreram e ganharam eleições em *câmaras* deste país. Em Portugal, infelizmente, esta política de não inclusão continua a ser regra dominante, salvo raras excepções que vão surgindo em algumas áreas e em alguns locais.

A interculturalidade pressupõe uma política de diversidade e a recusa de monocultura. Por isso é muito importante que escola passe de monocultural a intercultural (Encontro Nacional de Fundações, 2009), ponto esse, que desenvolveremos de imediato.

1.3.2. Uma Escola Intercultural

Estudos realizados nos Estados Unidos da América conduziram a conclusões sobre o grande insucesso e as taxas de abandono dos alunos afro-americanos, que constituem, sem dúvida, um desafio e uma preocupação para professores, educadores, encarregados de educação e todo o sistema educativo. Se recuarmos no tempo, encontramos indicadores em meados dos anos oitenta, que nos dizem que: dezasseis por cento dos alunos brancos, quarenta e quatro por cento dos alunos afro-americanos e cinquenta e seis por cento de hispânicos eram marginalmente iletrados (Kozol, 1985, citado por Wyman, 2000).

Acrescente-se que, em meados dos anos 80, enquanto a taxa de abandono na generalidade dos alunos rondava, a nível nacional, os vinte e cinco por cento (Wehlage, 1989, citado por Wyman, 2000), quarenta por cento dos hispânicos e quarenta e oito por cento dos alunos americanos nativos não terminavam o ensino secundário (Flores, 1991, citado por Wyman, 2000). A proporção de alunos afro-

americanos nas escolas secundárias oficiais americanas aumentou de vinte e um para vinte e sete por cento entre 1970 e 1980. Por volta de 1995, trinta e quatro por cento dos alunos nas escolas públicas americanas eram hispânicos e não brancos, e, em 2020, quase metade dos alunos com idade escolar será de origem cultural não branca (Fiske, 1991, citado por Wyman, 2000).

Existem vários factores que poderão influenciar o encontro dos alunos afro-americanos e hispânicos com o sistema de ensino da escola pública, muito embora, nas sociedades actuais, o racismo étnico seja um problema que tem vindo a ser superado significativamente.

O factor principal está directamente relacionado com o controlo e o com o reflexo das escolas portuguesas relativamente a escolas em outros países do mundo, enquanto reprodutoras de uma cultura dominante. Por conseguinte, o grupo dominante determina a estrutura da educação das minorias e a forma e o modo com estas são tratadas na escola. Dado que a cultura de origem dos alunos de outras culturas pode, certamente, estar em desacordo com a cultura do país de acolhimento, estes ficam muitas vezes como que fechados, e, poder-se-á dizer, que ficam, até, encurralados entre dois mundos diferentes. Vários investigadores já o verificaram (Fordham, 1990; Fordham e Ogbu, 1986; Koemer, 1992; Wels, 1985 citado por Wyman, 2000).

Na actualidade, existem outras fontes e outras referências bibliográficas nomeadamente o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2001), Sousa (2002; 2010; 2012) e Bamford (2006; 2007) que nos apresentam estudos e programas interculturais onde estas problemáticas encontram uma grande abertura e uma grande flexibilidade nos contextos curriculares. Os programas apresentados onde a interculturalidade e as artes têm um papel primordial são indicadores de caminhos facilitadores da comunicação e do diálogo interculturais.

1.3.3. O Papel do Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI)

Nesta Dissertação não podemos deixar de referenciar o papel importantíssimo que o Alto-Comissariado para a Imigração e para o Diálogo Intercultural (ACIDI) tem exercido. Esta entidade acolhe “todos os cidadãos que procuram o nosso país como local para viver e trabalhar” (Farmhouse, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009, p. 59). Nas últimas décadas verificou-se um grande aumento de

imigrantes no nosso país. Em 1980 entravam no nosso país 50 754 cidadãos, e, em 2006, esse número já era de 409 185. Os números falam por si, e, o papel destes imigrantes é, sem dúvida, um factor muito importante para o “desenvolvimento económico do país e representam uma imensa riqueza cultural” (Farmhouse, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009, p. 59).

Os cidadãos imigrantes são recebidos em Portugal de acordo com a aplicação dos seguintes princípios:

- a) igualdade entre cidadãos nacionais e imigrantes,
- b) hospitalidade,
- c) cidadania,
- d) diálogo,
- e) proximidade no sentido de uma visão lógica do interculturalismo, do respeito, e, de um verdadeiro consenso pelas diferentes culturas.

Todos estes valores são extraordinariamente importantes, na medida em que promovem a informação e o esclarecimento das sociedades de acolhimento, no sentido de se atribuir a devida importância às comunidades de imigrantes que entram nos respectivos países (Farmhouse, 2008, citado por Encontro Nacional de Fundações, 2009).

Estes princípios reforçam a construção do diálogo intercultural. Os próprios imigrantes, quando devidamente integrados, poderão dar um contributo significativo no atendimento a novos concidadãos imigrantes dos seus países de origem. Os mediadores socioculturais e as associações representativas das comunidades imigrantes têm um papel importante para a integração dos seus compatriotas nas sociedades de acolhimento.

1.3.4. O Papel dos *Media*

No sentido da promoção da educação, da comunicação e do diálogo intercultural, existe a transmissão do Programa *Nós*, na RTP2, aos Sábados, pelas onze horas e na RTP1, RTP África e RTP Internacional, a repetição em vários horários, onde o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) apresenta e dá a

conhecer inúmeras iniciativas quer ao nível da produção científica em termos da realização de trabalhos de investigação expressos em dissertações de mestrado, teses de doutoramento e outros projectos, quer ao nível da procura e da pesquisa de experiências artísticas onde a interculturalidade e a dimensão da dança entre povos e culturas está presente. É um trabalho de grande seriedade que nos conduz ao conhecimento dessas experiências e à difusão das mesmas (Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2013).

De modo a passarmos ao ponto seguinte desta Dissertação, devemos referir que há uma interligação entre os conceitos até aqui abordados. Queremos interligar a dança como forma de expressão artística com os vários conceitos ligados à interculturalidade. Procuraremos salientar a importância da expressão de cada povo e cultura através da expressão artística da dança e da sua interligação com a música para chegarmos à expressão de povos e culturas.

1.4. A Dança e a Produção Musical nos Contextos da Interculturalidade

As pessoas vivem em grupos, nos quais partilham uma mesma língua, uma mesma paisagem sonora, uma história comum, festas tradicionais, isto é, partilham uma mesma cultura (Canal, 2002). “Do mesmo modo, cada cultura tem uma música que a caracteriza: canções, uma música para a dança, instrumentos musicais, etc.” (Canal, 2002, p. 42) (cf. Figura 1 e Figura 2).



Figura 1 – As danças e as músicas de cada cultura estão de mãos dadas
Fonte: Canal (2002, p. 42)



Figura 2 – Flautas de Pã, características das Culturas Andinas - América do Sul.
Fonte: Canal (2002, p. 42)

A música fala-nos de cada cultura. Do mesmo modo que nos podemos relacionar com pessoas de uma determinada cultura através da linguagem verbal e da sua própria língua, igualmente o poderemos fazer através das suas músicas e das suas danças. Naturalmente, se ouvirmos um grupo de flautas de Pã possivelmente pensaremos numa cultura andina, da América do Sul. Ao ouvirmos música de gongos pensaremos numa cultura oriental. O som de um grupo de gaitas de foles recordar-nos-á uma cultura escocesa (Canal, 2002). Assim, podemos concluir que

(...) no planeta convivem muitas culturas diferentes, e, se cada cultura tem as suas músicas próprias, as suas danças próprias e os seus instrumentos musicais próprios, a variedade de músicas, danças e tradições culturais e artísticas é imensa, transportando-nos aos mais variados pontos do planeta e às mais variadas formas de comunicação quer através da palavra, do texto, do som, da imagem, quer através das linguagens da arte (Canal, 2002, p.43).

Deste modo, sendo nós membros de uma comunidade, povo e cultura,

(...) ao vivermos a música, a dança e as artes dessa mesma cultura, cantando, dançando, tocando ou escutando, expressamos os nossos sentimentos, as nossas emoções, comunicando uns com os outros, celebrando acontecimentos importantes, e muitas outras formas de interacção (Canal, 2002, p.43).

Há, portanto, uma interligação entre a dança e a comunicação e diálogo interculturais. A dança é uma forma de expressão da cultura de um povo, como refere Canal (2002).

Por isso, cada um de nós poderá emocionar-se ao perceber a paisagem sonora do seu país e da sua cultura quando se encontra longe deles... Quando vivemos a nossa própria tradição musical, cultural e artística, tornamos possível que esta se mantenha viva e que contribua para manter a grande variedade e vastíssima riqueza de paisagens sonoras existentes na humanidade, que todos nós podemos disfrutar e compartilhar (Canal, 2002, p. 43).

Voltamos ao termo *dança* para dizer que está normalmente conotado com a palavra *ballet* ou outras danças que nos aparecem no cinema ou na televisão, e como estando numa espécie de mundo à parte, e sendo o seu ensino muito específico, com professores de grande formação e altamente especializados, que são ou foram bailarinos, e muito particularmente voltado para a produção de espectáculos. Contudo, a dança é muito mais lata e muito mais simples do que estas ideias preconcebidas. “Trata-se de uma manifestação de movimento muito mais natural, vulgar, espontâneo do ser humano” (Sousa, 2003, p. 113). Saltar de alegria, correr contente, movimentar o corpo em movimentos sem uma grande utilidade aparente, constituem momentos de dança, apenas e só porque nos dão prazer, e, nos concedem o dom da espontaneidade e da alegria (Sousa, 2003). Fazendo uma retrospectiva até aos primórdios da Humanidade, encontrámos, diferentes formas de abordagens, mas todas elas convergentes. Assim, na obra *A Dança e o Bailado*, de Mário Pasi (1991) encontrámos um manancial riquíssimo, ao nível da informação, desde os inícios do aparecimento desta forma de expressão artística até aos nossos dias:

Como ainda hoje se vê em muitos povos que alcançaram uma fase mais avançada da vida tribal, a dança e a música transmitem em código uma lei que é preciso respeitar em todas as circunstâncias. Quer os homens quer as mulheres têm nisso as suas atribuições específicas. Os instrumentos de percussão expandem o ritmo da dança, que de início é percussiva. Bate-se com os pés no chão, batem-se palmas. Move-se o corpo segundo antigas inspirações. Tudo nasceu espontaneamente como espontâneo é hoje o bailado do jogador que marcou um ponto na baliza do adversário (Pasi, 1991, p. 4).

Desta forma, falar de comunicação através da dança será falar de uma forma de expressão artística extraordinariamente ligada aos costumes e tradições de diferentes povos e culturas, passando pelo mundo da música, e do seu poder, enquanto forma de comunicação auditiva, verbal e não-verbal, expressiva e criativa, numa ligação intrínseca e numa conjugação de linguagens expressivas e de comunicação.



Figura 3 – Bailarinas de *ballet clássico*
Fonte: Kolnick (2012)

“A arte da dança mantém uma relação muito estreita com a arte musical. O bailarino expressa através da música com o seu corpo ou então deixa-se inspirar por ela” (Canal, 2002, p.70). Alguns compositores escreveram obras para serem dançadas, nomeadamente peças para *ballet clássico* (cf. Figura 3).

Neste contexto, podemos falar em *Etnomusicologia*, dada a abrangência desta área no contexto das músicas e das danças de povos e culturas.

Assim, segundo Jaap Kunst (1955, citado por Castelo-Branco, 1986, p. 44), etnomusicólogo holandês, define-se etnomusicologia como

(...) o estudo da música tradicional e dos instrumentos musicais de todas as camadas da humanidade, incluindo os chamados povos primitivos e também as nações civilizadas. A nossa ciência examina pois a música tribal, a música popular e também a música erudita extra-europeia. Além disso a etnomusicologia estuda os aspectos sociológicos da música, como o fenómeno da aculturação musical... A música ocidental erudita e a música ligeira não têm lugar neste campo (Kunst, 1955, citado por Castelo-Branco, 1986, p. 44),

Nos anos sessenta e setenta, vários factores contribuíram para a admissão da música ligeira e de outros fenómenos musicais urbanos no domínio da pesquisa etnomusicológica. Primeiro, o alargamento da definição de etnomusicologia. Segundo Alan Merriam (1964, citado por Castelo-Branco, 1986, p.44), etnomusicólogo americano, define etnomusicologia como “o estudo da música na cultura sem especificar as categorias ou culturas musicais.” Isto implica que todas as músicas têm

lugar legítimo no âmbito da musicologia. Durante esta época, muitos etnomusicólogos começaram a considerar a etnomusicologia não segundo as categorias musicais incluídas ou excluídas, ou o contexto onde a música fora criada ou divulgada, mas sim como um método interdisciplinar que pode ser utilizado para estudar qualquer cultura musical. Alargando assim a perspectiva da etnomusicologia, a música ligeira e outros fenómenos musicais urbanos foram também incluídos neste campo (Castelo Branco, 1986).

Em todas as épocas da história da humanidade o homem manifestou a necessidade de preservar a sua própria história, necessidade que se torna mais imperativa quanto mais o cidadão estiver atento à sua própria essência. Cada um vai transmitindo aquilo que pensa de maior interesse para as gerações mais jovens, indicando-lhes caminhos e seleccionando-lhes valores que entende como mais adequados à sociedade em que está inserido. Esta transmissão realizada individual ou colectivamente, abrangendo diferentes áreas de expressão, surge por via oral ou escrita, ou por ambas, definindo um tempo presente que é portador de uma longa herança cultural (Torres, 1998, citado por Sousa, 2002).



Figura 4 - Rancho Folclórico Português – Viana do Castelo
Fonte: Garcia (2012)

A etnomusicologia rural surge do contacto da música popular tradicional relativa a uma determinada região (cf. Figura 4), a uma determinada comunidade rural isolada onde não chegou ainda o fenómeno da urbanização.

Aí, tendem a desenvolver-se repertórios diferenciados para usos muito específicos e naturais: canções ou danças para acompanharem as várias etapas da vida (de embalar, infantis, ligadas ao namoro ou ao casamento, fúnebres) ao ciclo da terra (de vindima, da ceifa), a certos trabalhos (espadelar o linho, remar – neste caso o próprio ritmo da música ajuda a coordenar e a manter o ritmo do grupo) ou actos religiosos de carácter popular (Ardley et al., 1997, p.69).

A sobrevalorização deste género de música rural resulta da forma como os investigadores, no século XIX e início do século XX, a encaravam, valorizando sobretudo o seu arcaísmo. Foi esta a perspectiva que norteou a maior parte das recolhas de canções populares. Considera-se de louvar toda esta actividade de investigação. Existem, contudo, nos dias de hoje algumas limitações: se por um lado, se ignora o elemento dinâmico, isto é, que a cultura musical é algo de vivo, que se vai transformando, transformações essas que exigem atenção e pertinência, por outro lado, há tipos de música popular especificamente urbanos, e nos últimos anos a etnomusicologia urbana é um domínio ao qual se dá cada vez maior importância. Com o fenómeno das migrações surge na etnomusicologia uma nova dimensão devido ao estudo relacionado com o crescimento das cidades, a densidade populacional, a diversidade cultural e a intensa actividade comercial dando lugar a um tipo de etnomusicologia urbana que se distingue na base dos conceitos, métodos e técnicas que necessariamente têm de considerar as características das cidades, diferenciando-as das sociedades rurais ou tribais (Sousa, 2002). A etnomusicologia urbana foca processos sociais e culturais em que a música e a dança têm um papel fundamental, estudando as interacções estimuladas e alimentadas pelo contexto urbano. A metodologia aplicada a esta problemática é, necessariamente, interdisciplinar, servindo-se de métodos da musicologia, da linguística, da antropologia, da sociologia urbana e da dança de povos e culturas. Colaboraram neste processo de aceitação destes fenómenos musicais, no domínio da pesquisa etnomusicológica, os estudos realizados nos anos sessenta e setenta por vários etnomusicólogos sobre a música ligeira e sobre a urbanização de tradições musicais rurais (Castelo-Branco, 1986).

Sousa (2002) afirma que se realizaram investigações nesse sentido, nomeadamente, por Gerard Behague sobre a *Bossa Nova* no Brasil (Behague, 1973, citado por Castelo-Branco, 1986), Charles Keil sobre os *Blues Urbanos* nos Estados Unidos da América (Keil, 1966, citado por Castelo-Branco, 1986), Pekka Gronow sobre a *música ligeira* na Finlândia (Gronow, 1973, citado por Castelo-Branco, 1986), Bruno Nettl sobre a *música ligeira persa* e a *música da comunidade polaca* em Detroit (Nettl, 1957, 1972, 1978, citado por Castelo-Branco, 1986) e Stephen Erderly sobre a *canção*

popular dos húngaros na cidade de Cleveland (Erderly, 1964, citado por Castelo-Branco, 1986).

Perante dados de interesse significativo, o etnomusicólogo tem neste contexto urbano uma enorme variedade e multiplicidade de temas para investigar (Sousa, 2002). Poderemos citar, como exemplo, o papel da música e da dança na vida das comunidades étnicas, a influência dos *media* na produção e no consumo de certas categorias musicais, a reunificação e divulgação da música tradicional rural por parte de grupos de jovens urbanos, as mudanças na vida musical dos imigrantes nas cidades, a importância da música e da dança como factores de integração de crianças ou jovens imigrantes, em escolas portuguesas... Enfim, um conjunto de problemáticas interessantes, todas elas conducentes à valorização da música e da dança tradicionais num contexto urbano. Por outro lado, seria também importante estudar a vida musical e artística no contexto das danças dos emigrantes portugueses nas outras cidades da Europa e do mundo. Os movimentos associativos de emigrantes portugueses espalhados pela diáspora dão alguma ênfase a esta problemática. Assistimos, diariamente, a ligações internacionais que se estabelecem entre grupos de folclore português e de folclore internacional, cantores de música portuguesa que vão propositadamente fazer espectáculos junto de grupos de emigrantes que os convidam para participarem no seio das suas comunidades portuguesas no estrangeiro, no sentido de não só reviverem a sua terra e a sua pátria, mas também no sentido da valorização da cultura musical e artística do seu país.

O estudo da influência das músicas e das danças portuguesas no mundo e da influência de várias culturas estrangeiras, em Portugal, são, hoje, de uma grande pertinência. A música e as danças tradicionais portuguesas compreendem toda a música e todas as danças populares tradicionais, que fazendo parte do património musical português, foram sendo pesquisadas ao longo do tempo, ao longo da nossa história. Nas músicas e nas danças tradicionais estão implícitas a essência e a cultura do nosso povo. As canções e as danças tradicionais portuguesas têm vindo a ser recolhidas desde o início do século por diferentes musicólogos e investigadores do folclore que, prevendo a sua alteração ou o seu desaparecimento da memória colectiva, quiseram deixar o registo destes valiosos alicerces do património musical português (Torres, 1998, citado por Sousa, 2002). Num dos seus escritos, Fernando Lopes-Graça refere que

(...) não são nada simples e ingénuas, mas belíssimas melodias, largamente elaboradas, de um equilíbrio plástico perfeito, de uma ampla

respiração e carregados de um potencial ora dramático, ora patético, ora simplesmente lírico, que faz delas pequenas maravilhas de expressão e musicalidade (Lopes-Graça, 1989, citado por Sousa, 2002, p. 57).

Alguns dos aspectos mais interessantes das músicas e das danças tradicionais portuguesas consistem na enorme variedade de géneros e de estilos, tendo em conta o pequeno território nacional. Ao nível das canções e das danças, diversificadas de região para região, encontramos exemplos interessantíssimos cheios de cor, movimento, ritmo e características que lhe são peculiares. Assim, por exemplo, encontramos o *fandango* do Ribatejo, o *vira* do Minho, o *corridinho* Algarvio, o *bailinho* da Madeira, as danças dos *pauliteiros de Miranda*, entre outras (Sousa, 2002).

Se falarmos de instrumentos musicais, encontramos também uma diversidade enorme e que certamente valerá a pena conhecer e relembrar (Oliveira, 1982, citado por Sousa, 2002). Nos *pauliteiros de Miranda*, o grupo que executa esta dança utiliza um instrumento musical, em vias de extinção, a *gaita mirandesa - uma gaita-de-foles* que se distingue da *gaita galega* e da *escocesa*. Segundo Ernesto Veiga de Oliveira (1982, citado por Sousa 2002), figura notável da etnomusicologia portuguesa, numa das suas obras *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, afirma que nas danças tradicionais são executados instrumentos musicais que não são, de forma alguma, relíquias mortas e inertes, exotismos pitorescos ou curiosidades eruditas, mas sim, testemunhos do passado que explicam o presente, a história da marcha e da luta do homem, a dignidade e a beleza das suas mãos – uma lição viva de humanismo a dizer que o homem é de sempre, que a música e dança são de ontem, de hoje e de sempre.

Depois do que acabamos de expor e das reflexões realizadas, vejamos, de seguida, o resumo do Capítulo I, passando, logo de seguida, para o Capítulo II desta Dissertação: *Ensino-Aprendizagem da Dança como Forma de Expressividade de Povos e Culturas*.

Resumo do Capítulo I

Ao longo do Capítulo I, com o título *A dança nos processos de educação, comunicação e diálogo interculturais*, tivemos oportunidade de conhecer os conceitos de dança, de educação intercultural, de comunicação intercultural e de diálogo intercultural em diferentes perspectivas e visões de variados autores.

No contexto da interculturalidade inerente a todos estes conceitos, fez sentido para nós referenciar algumas políticas para a interculturalidade dado serem essenciais para uma verdadeira educação, comunicação e diálogo interculturais. Assim, falámos da existência de uma política intercultural, de uma escola intercultural, do papel do Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) e do papel dos *media*.

Concluimos o Capítulo I, interligando a dança com a produção musical precisamente nos contextos da interculturalidade.

**Capítulo II – Ensino-Aprendizagem da Dança como Forma de
Expressividade de Povos e Culturas**

2.1. Introdução

Depois de termos abordado vários conceitos, nomeadamente o conceito de dança, de educação intercultural, de comunicação intercultural, de diálogo intercultural e de termos falado da relação existente entre a dança e a produção musical numa vertente intercultural, passámos ao capítulo II desta Dissertação no qual através de outras vertentes da *dança de outras culturas* evidenciaremos aspectos que nos conduzirão a interessantes reflexões. Desde a dança em contextos religiosos, às origens da dança em Portugal e no mundo, passando pelas problemáticas inerentes à dança em contextos educativos, onde a importância da expressividade e da criatividade através da dança evidencia a relevância e o interesse de que se reveste esta área de expressão artística.

Passamos ao seu desenvolvimento.

2.2. Dança em Contextos Religiosos e Profanos – uma Perspectiva Histórica e Cultural

Na obra de António José Faro (1986), *Pequena História da Dança*, e segundo Holanda (citado por Faro, 1986), no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, *etnia* consiste num grupo biológico e culturalmente homogéneo. *Étnico* consiste num conceito relativo ou pertencente a um povo ou raça. É interessante atentar na segunda definição de *étnico*: idólatra, pagão (nos autores eclesiásticos), definição que nos leva directamente ao cerne de toda a questão: o surgimento e a expansão da Igreja Católica Apostólica Romana deram lugar a uma nova definição de *étnico*. Noutras palavras, os porta-vozes da nova religião designaram de idólatra e pagão ao que era feito nas religiões antecedentes.

As definições de *etnia* e de *étnico* levam-nos a reforçar a ideia de que a dança está ligada às cerimónias religiosas e que a sua execução, dentro dos templos, foi banida pela Igreja Católica como instrumento do pecado. A dança integrava as cerimónias religiosas pagãs e desapareceu na Igreja Católica.

No Brasil encontram-se entre os nativos e no *candomblé* - espécie de batuque acompanhado com exercícios de feitiçaria - provas suficientes de vinculação entre a dança e o acto religioso. Encontramos igualmente outras provas dessa tese nos cultos africanos e asiáticos que permanecem vivos no nosso tempo. E esses exemplos, por

extensão, levam-nos à comprovação de que, no mito religioso existente antes do advento da Igreja Católica, a dança integrava, quase que em simbiose, a religião.

No caso das religiões indígenas, e, especialmente, do *candomblé*, ocorreu um sincretismo que permitiu que essas religiões sobrevivessem à guerra que lhes foi movida pela Igreja Católica. Os afro-americanos identificaram os seus *orixás* com santos da Igreja Católica e passaram a executar os seus rituais em lugares distantes e a horas tardias, procurando evitar a fiscalização da polícia. E tanto o conseguiram que esta religião e os seus derivados, especificamente a *umbanda*, a *quimbanda* e o *omolocô* são seguidos hoje em dia por dezenas de milhões de brasileiros (Faro, 1986).

Um canal da TV do Rio de Janeiro levou ao ar, em Junho de 1985, uma série de programas sobre a vida das tribos indígenas do Alto Xingu. Quem assistiu a toda a série não pode deixar de verificar que, em todas as cerimónias mostradas, desde a iniciação dos meninos na vida adulta até aos enterros e casamentos, duas presenças eram constantes: a dança e o pagé, chefe religioso da tribo (Faro, 1986, p.18).

Houve várias razões que contribuíram para a separação entre o religioso e o populares como: o aumento da população, a expansão das áreas urbanas e suburbanas, a grande comunicabilidade entre as nações, o progresso técnico e cultural da Humanidade. Todas estas razões levaram a que as danças, deixassem de ter um cariz exclusivamente religioso (Faro, 1986).

Dado que se verifica que o Homem viveu ao longo do tempo acompanhado de rituais onde a dança era parte integrante da sua própria cultura, entendemos de grande pertinência, perceber qual a influência desta forma de expressão artística na comunicação e no diálogo entre povos e culturas nos dias de hoje.

Depois desta abordagem histórica, que remonta a tempos muito antigos, vejamos outro ponto significativo deste trabalho de investigação.

2.3. Origens da Dança em Portugal e no Mundo

A *dança*, na vida social portuguesa, ocupou durante muitos anos um lugar de relevo, mas nunca chegou a sobressair como uma manifestação artística autónoma. Moldou os cancioneros e, no período áureo do nosso teatro no século XVI, constituiu uma das ocupações favoritas dos portugueses. Esse gosto pela dança passou à cena e enformou-a. No Período Barroco a importação sólida de artistas italianos não possibilitou a eclosão de uma arte coreográfica nacional. Com a criação do

Conservatório, em meados do século XIX, nasceu uma esperança no que respeita à preparação dos artistas, cedo ofuscada pelas condições desfavoráveis da sociedade portuguesa de então. Nos nossos dias, nota-se uma consciência cada vez mais nítida da iniludível necessidade da criação de uma escola e de uma companhia de dança de nível europeu, como inegável afirmação de progresso, sem as quais não será possível esperar o aparecimento de coreógrafos de mérito, capazes de dignificarem a vida artística nacional. Falta agora passar desta consciência à acção (Sasportes, 1970). A Escola Superior de Dança de Lisboa é já uma realidade e a difusão de escolas de dança a nível particular começam a emergir e a formar pessoas que livremente aderem a esta modalidade artística e cultural.

No contexto da difusão da importância da dança em Portugal, são de considerar os programas televisivos que vemos, frequentemente, passar nos diferentes canais das televisões nacionais e internacionais, programas onde bailarinos e concorrentes portugueses e estrangeiros se apresentam com danças dos mais variados pontos do planeta, manifestando a sua criatividade, a sua expressividade através do movimento corporal, sendo de salientar o elevado número de audiências que estes programas provocam quer ao nível do entretenimento, quer ao nível talvez de uma sensibilidade artística e cultural que o público sente, na sua globalidade, procurando saciar o seu desejo pela dança artística, muito pouco desenvolvida em Portugal. Neste sentido verificamos, com agrado, a propagação que se tem fazendo sentir nos últimos tempos com a abertura de variadas escolas de dança de carácter particular e privado onde crianças, jovens e adultos dão largas ao seu conhecimento procurando realizar-se de uma forma que consideramos um dever do estado português.

2.4. Dança e Ensino em Portugal e no Estrangeiro

Nas escolas do ensino básico, de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001), existe uma componente, no domínio das Áreas de Enriquecimento Curricular (AECs), que contempla a dança como área artística. A área de dança é trabalhada como disciplina autónoma e é também trabalhada no contexto da educação física e da música, onde as crianças e os jovens adquirirão competências ao nível desta área. Com estas medidas entendemos que o ensino da dança nas escolas portuguesas é de capital importância. Será uma forma de sensibilização para os contributos e práticas de ensino-aprendizagem que só a dança contém. Dado que este ensino em Portugal é

muito insipiente, muitos dos alunos vão complementar os seus estudos, mais tarde, em escolas estrangeiras.

No seguimento desta preocupação, citamos como exemplo Martins (2012), que nos abre portas para a resolução deste grave problema do ensino da dança em Portugal. No contexto da educação artística, que se pretende cada vez mais abrangente e alargada, Martins (2012) criou uma unidade curricular, na Universidade Aberta, subordinada ao título: *Seminário de práticas de dança-educação e teatro-educação*, da qual passamos a citar as principais linhas orientadoras e os principais objectivos. Estes princípios conduzirão os estudantes à fundamentação teórico-prática desta unidade curricular, procurando através da mesma sensibilizar jovens e adultos, particularmente profissionais de educação, para a importância desta área na educação global do indivíduo, ao mesmo tempo que apresenta um conjunto de competências que se encontram no âmbito da mesma, que consideramos de grande importância.

Assim, o *Seminário de práticas de dança-educação e teatro-educação* centra-se na experiência e prática artística de ensino. O foco convoca e interpela a experiência individual de cada ArteNauta (Viajante, Animador e Educador pela Arte). Faz-se, indagando o contexto de trabalho de cada um, o problema da prática, a questão orientadora, mobilizando a capacidade reflexiva, crítica e criativa. Construir-se-á, assim, uma narrativa personalizada através de um *journal de bordo* que conta toda a prática artística de ensino exercida, servindo-se para isso, da metáfora da *viagem*. No seu percurso, serão convocados alguns autores, essencialmente relacionados com a pedagogia e com a didáctica das artes, designadamente, especialistas em arte-educação, dança-educação e teatro-educação. Da selecção e leitura crítica destes autores, cruzando-a com as práticas no terreno, pretende-se que resulte um aprofundamento do olhar dos profissionais de arte-educação sobre o modo como actuam. Privilegia-se uma perspectiva metodológica qualitativa e fenomenológica, a qual privilegia a dimensão construtivista e personalizada do artista-professor reflexivo. A viagem que este percurso propõe é convidativa à elaboração progressiva de um *diário de bordo* assente em 5 andamentos: 1º Andamento: *contextualizo, problematizo e questiono a minha prática artística de ensino*; 2º Andamento: *fundamento a minha prática artística de ensino*; 3º Andamento: *concebo um roteiro para a minha prática artística de ensino*; 4º Andamento: *implemento a minha prática artística de ensino*; 5º Andamento: *retroajo e avalio a minha prática artística de ensino*.

Da fluidez progressiva destes 5 andamentos, obter-se-á uma narrativa global e personalizada de um *diário de bordo*, tendo por linhas de horizonte justamente os portos/âncoras da *viagem*. No fim da *viagem*, o *diário de bordo* individual e personalizado revelará o mapeamento por onde foi realizada a *viagem*, o que foi feito, e ainda a identificação do que se aspira no sentido do *ser*, do *experimentar*, do *conhecer*, do *apreciar*, do *criar*, enquanto pessoas e profissionais de arte-educação nas áreas da dança e/ou do teatro (Martins, 2012).

No seguimento destas linhas orientadoras Martins (2012) apresenta-nos uma *Mandala*, isto é, “um diagrama simbólico que colhe uma confluência de campos diversos de energia e se exprime através de uma combinação cromática de formas geométricas e de conceitos” (Sousa, 2008, p. 344). Trata-se de uma representação iconográfica das principais vertentes que contemplam essas mesmas linhas orientadoras representativas da dança enquanto forma de expressão artística, e, que passamos a apresentar (Martins, 2012).



Figura 5 – Mandala da Unidade Curricular: Seminário de Práticas de Dança-Educação e Teatro-Educação
Fonte: Martins (2012)

No contexto global deste símbolo iconográfico, encontrámos elementos que nos permitem fazer uma leitura atenta e cuidada dos principais objectivos que presidem a esta relação de ensino-aprendizagem, conjugada com a prática pedagógica da *dança* em colaboração e em desenvolvimento com outras áreas de aprendizagem, nomeadamente, numa forte interligação entre actividades de expressão artística, tais como a *música*, a *plástica* e o *teatro*. Todas estas áreas se interligam levando, conduzindo os participantes a fontes de expressividade e de criatividade contextualizada, construtiva, socializadora e colaborativa. No contexto desta teia de aprendizagens aparecem-nos o conjunto de competências citadas anteriormente (Martins, 2012).

Continuando a reflexão ao longo dos percursos da dança na educação, as competências essenciais a adquirir através da dança são condensadas numa *mandala* confirmando a importância da dança no contexto da educação artística e na formação integral da pessoa humana (Martins, 2012)



Figura 6 - Mandala das Competências através da Dança
Fonte: Martins et al. (2011)

Neste contexto citamos o autor da *mandala* (Martins et al., 2011) e que nos fala da seguinte forma:

A narrativa pedagógica e didáctica sobre a dança na educação elege as competências essenciais, globalizantes e integradas — praticar, conhecer, criar e apreciar —, no sentido de propor uma matriz orientadora, tendo presente a formação artística e cultural dos sujeitos da aprendizagem. O foco estruturante desta narrativa sugere a necessidade de se considerarem os contributos relevantes adquiridos com as práticas da dança para o desenvolvimento pessoal, estético-artístico, multi e intercultural de todas as idades e de todas as condições. Ilustra-se e concretiza-se o conceito operativo de dança para todos através da voz e das práticas presentes, quer através de uma ampla diversidade de vivências devidamente contextualizadas (Escola de Dança de Almada, Escola Básica do Alto da Ajuda, Departamento de Dança da FMH/UTL), através dos próprios sujeitos que dançam (crianças, jovens ou adultos), de artistas e bailarinos de vários estilos e tendências, de pedagogos, professores e investigadores da dança (Martins et al., 2011).

Saindo fora dos contextos portugueses, Gehres na sua obra *Corpo-Dança-Educação* (2008), afirma o seguinte:

A dança, foco principal dos nossos interesses, deveria ser académica e cientificamente analisada, num contexto extremamente específico e, para nós, a fonte primária dos nossos compromissos éticos como professora e pesquisadora. Este contexto não poderia deixar de ser a escola pública e gratuita, a qual no Brasil vem passando juntamente com as demais instituições estatais, por um profundo processo de desmoralização e descrença. Desta forma, constituímos nossa primeira pergunta orientadora: como se estabelece a dança no ensino nas escolas públicas no Brasil? E aqui referimo-nos à *dança no ensino* e não ao *ensino da dança* ou *dança educação* (Gehres, 2008, p.12).

A autora continua dizendo que o *ensino da dança* se relaciona com o processo ensino-aprendizagem na dança vivido em qualquer instituição de ensino de carácter mais ou menos formal, nomeadamente, as academias de *ballet*, danças de salão, entre outras – escolas privadas de dança, e não aquelas envolvidas no processo desenvolvido nas redes públicas dos ensinos básico e secundário. Já a *dança educação* se refere a uma longa tradição na luta pela integração da dança como componente curricular obrigatória na escolarização. Desta forma, torna-se difícil conseguir que a dança seja aprendida/ensinada em contextos escolares obrigatórios, existindo, pontualmente, algumas situações concretas (Gehres, 2008).

Nesta linha de pensamento, podemos perceber as grandes dificuldades que se situam nos sistemas de ensino obrigatório, quer em Portugal, no Brasil e outras regiões do globo. Contudo, existe uma preocupação crescente para que a dança seja validada como área de expressão artística onde a expressividade, a criatividade e as relações

humanas sejam fonte motivadora do conhecimento e de estratégias de ensino-aprendizagem globalizantes e globalizadoras.

Dando continuidade à nossa reflexão em contextos educativos, passamos, de seguida, à importância da expressividade através da dança.

2.5. Expressividade e Criatividade através da Dança

A *dança* é, como temos vindo a constatar, muito mais do que um exercício, um divertimento, um ornamento, um passatempo social. Na verdade é uma actividade séria que segundo vários autores tais como Faro (1987), Martins (2012), Sousa (2010; 2012), Canal (2002), Naudin (2000) e Ardley et al. (1997) entre outros, tinha origens numa vertente tão religiosa que era considerada uma actividade sagrada.

Ao longo dos tempos, cada Era compreendeu a importância do corpo humano, e, dentro das limitações culturais e artísticas do seu tempo, teve a noção sensorial da sua estrutura, dos seus requisitos, das suas limitações, e da combinação da genialidade e da sensibilidade que lhe são inerentes. Poder-se-á concluir que se cultivou e venerou a Dança em todas as gerações, culturas e tradições (Valery (s/d) citado por Faro, 1987, p. 7).

Esta forma de expressividade humana esteve sempre presente ao longo dos tempos, manifestando sentimentos e emoções, quer no sentido da revelação de lazer, quer como ritual de expressividade, de sentimentos e de emoções entre os homens de todos os povos e todas as culturas existentes no mundo.

Como todas as artes, a dança é fruto da necessidade da expressão do homem. Essa necessidade liga-se ao que há de básico na natureza humana. Assim, se a arquitectura veio da necessidade de morar, a dança, provavelmente, veio da necessidade de aplacar os deuses ou de exprimir a alegria por algo de bom sucedido pelo destino (Faro, 1987, p.13).

Segundo Limon (s/d), (citado por Sasportes, 1970) a dança constitui um fenómeno que tem acompanhado o homem desde os primórdios da humanidade, e, segundo o mesmo autor acompanhará os seres humanos até ao fim da mesma. A dança é uma necessidade humana, profunda e inegável. Quando dançamos somos verdadeiros e profundamente humanos (Limon (s/d) citado por Sasportes, 1970). Segundo Faro (1987), é difícil determinar hoje em dia quando, como, e, por que razão o homem dançou pela primeira vez.

Há quem distinga nas figuras gravadas nas cavernas de Lascaux, pelo homem pré-histórico, figuras dançando. E como o homem da Idade da Pedra só gravava nas paredes das suas cavernas aquilo que lhe era

importante, como a caça, a alimentação, a vida e a morte, é possível que essas figuras dançantes fizessem parte de rituais de cunho religioso, básicos para a sociedade de então, a cujos costumes esse tipo de manifestação já estaria incorporado (Faro, 1987, p.13).

Perante o exposto podemos constatar a riqueza artística e plena da *dança*. Esta revela-se profundamente motivadora e libertadora e conduz-nos à percepção do seu significado no desenvolvimento da criatividade, da expressividade e da beleza de movimentos bem ordenados.

Depois de nos termos debruçado sobre as diferentes formas de abordagem da dança enquanto forma de expressão artística, criativa, expressiva e que desenvolve um conjunto significativo de competências ao longo dos seus diferentes momentos e realidades, passamos de imediato a outra faceta importante do nosso trabalho, e que julgamos de grande pertinência. Após o resumo do Capítulo II, estudemos, então, no Capítulo III, as danças do mundo, para concluirmos a parte do enquadramento teórico-conceptual com as *danças brasileiras* e as *danças orientais* que constituem o objecto de estudo desta investigação: *Danças em Sociedades Orientais e Brasileiras numa Visão Social, Cultural e Visual*.

Resumo do Capítulo II

Ao longo deste capítulo percorremos momentos relativos à dança em contextos religiosos e profanos, às origens da dança em Portugal e no mundo, à problemática do ensino da dança em Portugal e no estrangeiro, onde ficaram expressos os objectivos desta área de expressão artística necessária ao desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa humana. Ficaram apresentados os programas já realizados com indicadores de relevância e pertinência, e, ainda, o muito que falta para que a dança seja considerada, pelas entidades governamentais, como disciplina fundamental numa educação artística de qualidade. Embora a dança integre os currículos nacionais, não se considera primordial na educação, recorrendo-se, normalmente, a escolas de ensino privado para levar à prática esta vertente da educação global. Passamos pelos domínios da expressividade e da criatividade que envolvem a prática da dança. Consideramos de grande importância as questões relacionadas com o ensino-aprendizagem da dança que mereceu relevo especial neste capítulo.

**Capítulo III - Danças em Sociedades Orientais e Brasileiras numa Visão
Social, Cultural e Visual**

3.1. Introdução

Dado não nos ser possível abarcar o conjunto de danças orientais e brasileiras existentes em cada uma destas sociedades, centrar-nos-emos nas danças seguintes: *dança do ventre* - dança oriental e *samba, forró e axé* - danças brasileiras.

Tal como já referimos, a dança, como fenómeno universal que é, tem sido praticada em todos os países e em todas as culturas do mundo, e é de todos os tempos e de todos os países. Nos nossos dias, não há, praticamente, de uma ou de outra forma, quem a não pratique. Se percorrermos a história encontramos-a desenvolvida de uma forma mais ou menos intensa ou, mais ou menos honrosa, mas sempre presente (Prudhommeau, 1995).

Segundo o mesmo autor, a história da dança inclui-se no âmbito da história da humanidade. António José Faro (1987), na sua obra *Pequena História da Dança*, afirma que:

(...) podemos circunscrever a dança a três formas distintas: a dança étnica, a dança folclórica e a dança teatral. É preciso chegar até aos Romanos para encontrarmos uma manifestação documentada da dança folclórica e da dança étnica ou religiosa (...). Parece não haver dúvidas de que as danças folclóricas nasceram, em princípio de danças religiosas que pouco a pouco foram sendo liberadas pelos sacerdotes de um culto para as celebrações – por exemplo, de um nascimento, de um casamento, de uma boa colheita – passassem a ser realizadas em praça pública e não mais dentro dos templos. Ao mesmo tempo todo o povo passou a participar de ritos que antes eram só permitidos aos iniciados, dentro dos grandes templos (...) Ao passarem do domínio dos sacerdotes para o domínio do povo as manifestações religiosas transformaram-se em manifestações populares. Assim, com o passar dos anos, a ligação com os deuses foi ficando cada vez mais longínqua e danças que nasceram religiosas foram paulatinamente se transformando em folclóricas (Faro, 1987, pp.13 -14).

Contudo, outros autores poderão considerar a dança sob várias formas e contextos, no âmbito das sociedades em que se inserem. Nos dias de hoje, se fizermos uma pesquisa sobre as diferentes escolas de dança existentes em diferentes países e em diferentes culturas, encontraremos, certamente, várias formas de encarar a dança, dada a evolução dos tempos. Cada vez mais, as danças latinas, africanas e afro-americanas são focos centrais de aprendizagem e de manifestações étnicas e culturais, bem aceites, por muitas das pessoas que procuram nestas formas de expressividade o encontro com a diversão, com o lazer e com as culturas típicas de cada país e de cada continente.

Com esta pequena digressão, quisemos demonstrar que a progressão da dança, de cerimónia religiosa a arte dos povos, não é aleatória mas obedece a padrões sociais e económicos que tiveram efeitos semelhantes sob as demais artes, as quais não surgiram do nada, mas nasceram da necessidade latente na criatura humana de expressar seus sentimentos, desejos, realidades e traumas através das formas mais diversas (Faro, 1987, p.16).

Neste contexto, e depois desta visão global da dança em vários países do mundo, passemos às danças do mundo, e, depois, à especificidade dos modelos de dança que vão ser objecto do nosso Estudo Empírico. As danças brasileiras e orientais muito concretamente o *forró*, o *axé*, o *samba* e a *dança do ventre* constituem para nós motivo de reflexão neste quadro teórico-conceptual na perspectiva do conhecimento do que significam estas danças nos seus contextos culturais e artísticos.

Passamos, então, às danças do mundo.

3.2. Danças do Mundo/Danças de Outras Culturas

De acordo com Sopeña e Olmedo (1997), as danças do mundo são um reflexo da idiosincrasia de cada povo, que se foi transmitindo e modificando ao longo do tempo. Ao conhecê-las e ao dançá-las estreitamos laços com outras culturas tornando-nos mais tolerantes face a elas. Este pressuposto, que inicia o Capítulo I, é tão importante que voltamos a referenciá-lo neste capítulo. A execução destas danças não precisa de uma preparação física especial, sendo acessíveis a, praticamente, todas as idades e adequadas ao ensino escolar. Além de serem uma actividade lúdica, exercem um importante trabalho psicomotor e de expressão, promovendo o conhecimento sobre o nosso próprio corpo e o do outro. Os mesmos autores referem, ainda, que as danças populares constituem um dos melhores elementos de transmissão das diferentes culturas através dos tempos, pois a dança, como arte natural e primordial, por excelência, tem um valor universal e simbólico, porque expressa um sentimento e um estado de alma (Bonilla, 1964, citado por Sopeña & Olmedo, 1997).

Ainda, de acordo com Sopeña e Olmedo (1997), a dança move-nos mais perto da verdadeira natureza, e, do carácter de cada povo por meio de uma linguagem comum: a linguagem corporal. Observando ou participando numa dança de outro país, mesmo desconhecendo o seu idioma, podemos ser capazes de compreender o significado que a mesma possui, sobretudo na sua vertente mais básica

Segundo a nossa perspectiva, as danças que constituem o objecto de estudo desta Dissertação, podem ser enquadradas nas danças do mundo ou, por nós apelidadas, *danças de outras culturas*.

Passamos às danças orientais – *dança do ventre*.

3.2.1. Danças Orientais – A *Dança do Ventre*



Figura 7 – Dança do Ventre (Oriental)
Fonte: Seixas (2011)

O mundo árabe é um universo de voz e de expressividade corporal. Os países do Magrebe e do Médio Oriente partilham essa omnipresença do canto e da dança. Todos eles atribuem uma grande importância à mensagem religiosa ou poética do texto, atribuindo também à dança uma mensagem de carácter sagrado (Naudin, 2000).

De entre as variadas tradições de dança oriental, destaca-se a *dança do ventre* (cf. Figura 7) que remonta aos tempos primitivos, talvez entre os anos 7000 e 5000 a.C.. Os seus movimentos são aliados à música com uma sinuosidade ondeada, cujos registos aparecem no Antigo Egipto, na Babilónia, na Mesopotâmia, na Índia, na Pérsia e na Grécia.

São principais objectivos desta dança preparar a mulher para ser mãe através de ritos religiosos dedicados às deusas. Com a invasão dos árabes, a dança foi propagada por todo o mundo, sendo a expressão *dança do ventre* originária da França, em 1893.

No Oriente é conhecida pelo nome árabe *raqs sharqi*, que significa *dança oriental* ou *raqs bládi*, que significa *dança da região* e, por extensão, *dança popular*, ou ainda pelo termo turco *çifteelli*.

É composta por uma série de movimentos e de vibrações, por impactos, ondulações, e rotações que envolvem o corpo como um todo. Na actualidade, esta dança adquiriu aspectos sensuais, exóticos, sendo excluída de alguns países árabes de atitude conservadora. Hoje, é muito conhecida e dançada em várias escolas de dança (Wikipédia, 2012).

Depois de termos apresentado a *dança do ventre* nos seus aspectos fundamentais passamos, de seguida, à abordagem de danças brasileiras: o *Samba*, o *Forró* e o *Axé*.

3.2.2. Danças Brasileiras – O Samba, o Forró e o Axé

3.2.2.1. O Samba

O samba que viu nascer o dia nos bairros pobres da grande cidade recupera o canto em resposta e a polirritmia típicos de África. Alguns elementos europeus ter-se-ão introduzido, mas o essencial tem origem numa mistura de danças e de ritmos provenientes dos antigos escravos. Em 1928 criou-se a primeira escola de samba (Naudin, 1999, p.73).



Figura 8 - Samba Brasileiro
Fonte: Routhier (2013)

A *polirritmia* é o uso simultâneo ou alternado de diferentes ritmos numa mesma composição musical. A *batucada* é a música criada pelas escolas de *samba* nos anos sessenta (cf. Figura 8). Mais rápida do que o *samba*, a *batucada* é tocada essencialmente, por ocasião dos carnavais, de grandes festejos e de desafios de futebol (Naudin, 1999).

Hoje, em muitas escolas de dança ensinam-se e aprendem-se muitas das danças e ritmos brasileiros. São procuradas pelos seus momentos de polirritmia, pelos seus desfiles e trajes. Em Portugal, existem escolas de samba, sendo muito tradicionais aos desfiles carnavalescos das regiões da Beira Litoral, nomeadamente, na Anadia, Aveiro, e S. João da Madeira. As pessoas acorrem, em massa a estes momentos de lazer, procurando, através da dança, expressar a sua expressividade e a sua criatividade, além de muitas vezes se refugiarem nesta forma de expressão artística para esconderem sentimentos, emoções e desilusões, que não poderão expandir de outras formas (cf. Figura 8).

Estas danças, tal como as danças orientais têm um carácter muito sensual, mas são bastante diferentes das danças orientais.

Depois da apresentação do *Samba*, prosseguimos o nosso estudo com o *Forró*, muito característico em terras brasileiras.

3.2.2.2. O Forró



Figura 9 – Forró
Fonte: Corbellari & Mota (2013)

O nome *forró* deriva de *forrobodó*, *divertimento pagodeiro*. Tanto o *pagode* (que hoje designa *samba*) como o *forró* são festas que foram transformadas em géneros musicais. O *forrobodó* também conhecido por *arrasta-pé*, *bate-chinela* ou *fobó*, sempre foi movido por vários tipos de música nordestina - *baião*, *coco*, *rojão*, *quadrilha*, *xaxado*, *xote*, e, animado pelo *pé de bode*, a popular sanfona de oito baixos (cf. Figura 9).

Com a imigração de grandes camadas da população nordestina para a região sudeste, inúmeras casas de *forró* foram abertas geralmente nas periferias, antes de esta dança tornar-se moda entre os jovens e estabelecer os seus domínios nas regiões mais abastadas. No nordeste, as cidades de Caruaru e Campina Grande disputam hoje a cada festa tradicional, o título de capitais do *forró* com festejos de longa duração capitalizados como eventos turísticos que aglomeram multidões de visitantes (Débora, 2010).

Vejamos o Axé.

3.2.2.3. O Axé



Fig.10 – Axé
Fonte: Dance (2013)

O *axé* (cf. Figura 10) é um género musical que surgiu no estado da Bahia, na década de 80, durante as manifestações populares do Carnaval de Salvador, onde se faz sentir uma mistura de ritmos variados, nomeadamente: *ritmos pernambucanos*, *ritmos afro-brasileiros*, *reggae*, *merengue*, *forró*, *maracatu* e outros ritmos *afro-latinos*.

No entanto, o termo *axé* é utilizado erroneamente para designar todos os ritmos de raízes africanas ou o estilo de música de qualquer banda ou artista que provém da Bahia. Sabe-se hoje, que nem toda a música baiana é *axé*, pois no estado da Bahia existe o *samba-reggae*, representado principalmente pelo *bloco afro olodum*, o *samba de roda* e o *ijexá*.

A palavra *axé* é uma saudação religiosa usada no *candomblé* e na *umbanda*, que significa energia positiva. Com o impulso dos *media*, o *axé music* rapidamente se espalhou por todo o Brasil, com a realização de Carnavais fora de época, as *micaretas*, e fortaleceu-se como potencial comercial, produzindo sucessos durante todo o ano (Wikipédia, 2012).

Depois do conhecimento das danças orientais e brasileiras, passemos ao resumo do Capítulo III, e, de seguida, a outros momentos da nossa Dissertação, muito particularmente aos capítulos que compõem o seu Estudo Empírico.

Resumo do Capítulo III

Este capítulo procurou enquadrar as danças do objecto de estudo desta Dissertação de Mestrado nas danças do mundo/danças de outras culturas.

Dado que o estudo empírico deste trabalho assenta nas danças orientais - *dança do ventre* e nas danças brasileiras - *samba*, *farró* e *axé*, procuramos enquadrá-las teoricamente nos seus contextos socioculturais e artísticos.

Passamos então ao Estudo Empírico desta Dissertação.

SEGUNDA PARTE – ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo IV – Opções Metodológicas

4.1. Introdução

O Estudo Empírico, construído numa interligação directa com o Quadro Teórico-Conceptual, teve, como opções metodológicas, uma metodologia de análise qualitativa, que nos conduziu ao Estudo de Caso do *Ginásio da Venda Nova*, situado na freguesia de Rio Tinto, do concelho de Gondomar, do distrito do Porto. A amostra de conveniência caracterizou-se por um conjunto de sujeitos que, livremente, quiseram participar neste projecto, nomeadamente, o Director deste Ginásio, as professoras de danças brasileiras e orientais e as alunas das respectivas danças.

Dentro das danças brasileiras foram escolhidos o *samba*, o *farró* e o *axé*. Das danças orientais escolhemos a *dança do ventre*.

Como instrumento de pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada e procedemos à sua análise de conteúdo.

De modo a dar resposta à questão de partida, às questões de investigação e aos objectivos propostos no início desta Dissertação de Mestrado, optámos por uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, pois consideramos que esta é a mais adequada no que se refere às considerações dos pensamentos e das acções dos sujeitos de investigação.

Assim, abordaremos, num primeiro momento, a investigação qualitativa e as suas características, para depois falarmos do estudo de caso e da caracterização de um estudo de caso qualitativo. Falaremos da contextualização da investigação, caracterizando, por um lado, o meio envolvente onde se insere o *Ginásio da Venda Nova* e, por outro lado, o próprio Ginásio da Venda Nova. Depois, exporemos a recolha de dados, caracterizando os sujeitos da amostra e a entrevista semiestruturada. Depois, apresentaremos os guiões das entrevistas.

Passamos à caracterização da Investigação Qualitativa.

4.2. Investigação Qualitativa

De acordo com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2010), a investigação qualitativa tem tido um interesse crescente, nestes últimos anos. Multiplicam-se os colóquios e os artigos sobre esta temática, atraindo um número cada vez maior de estudiosos das

ciências humanas. Lessard-Hébert et al. (2010) afirmam que houve uma necessidade de colocar em causa o modelo quantitativo de investigação, que visa a quantificação dos fenómenos sociais e o estabelecimento de correlações entre variáveis dependentes e variáveis independentes.

Ao contrário do que sucede com a utilização de metodologias e técnicas mais lógico-dedutivas, como por exemplo a construção de inquéritos por questionário, as metodologias e técnicas qualitativas sofrem de uma grande fluidez de estatuto teórico-epistemológico e de formas de aplicação e tratamento (Guerra, 2006, p. 7).

De acordo com Flick (2005), este tipo de investigação é um processo que avança através da multiplicação de novas abordagens e métodos, sendo assumido por cada vez mais disciplinas, como parte essencial do seu currículo. Nas disciplinas como, por exemplo, estudos culturais encontram-se novas abordagens de investigação qualitativa. O crescimento contínuo da literatura sobre investigação qualitativa é o resultado desta evolução, assim como os novos livros publicados, o início de revistas novas, repletas de artigos metodológicos e de resultados relacionados com a investigação qualitativa.

4.2.1. Características da Investigação Qualitativa

A abordagem metodológica qualitativa tem como principais características as seguintes:

Indutiva: os investigadores desenvolvem conceitos e compreendem os fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados. A teoria é desenvolvida de *baixo para cima* e tem por base os dados obtidos pelos investigadores e a sua inter-relação. Estes não procuram a informação para verificar as hipóteses (Ferreira, 2008). Os investigadores “não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (Bogdan & Biklen, 1994, p.50).

Holística: os investigadores têm em consideração uma realidade global, isto é, “os indivíduos, os grupos e as situações não são reduzidos a variáveis mas são vistos como um todo, sendo estudado o passado e o presente dos sujeitos de investigação” (Ferreira, 2008, p. 198).

Naturalista: as fontes directas de dados consistem nas

(...) situações consideradas *naturais*. Os investigadores interagem também com os sujeitos de uma forma *natural* e, sobretudo, discreta. Tentam *misturar-se* com eles até compreenderem uma determinada situação, mas procuram minimizar ou controlar os efeitos que provocam nos sujeitos de investigação e tentam avaliá-los quando interpretam os dados que recolheram (Ferreira, 2008, p. 198).

Humanística: os investigadores procuram conhecer os sujeitos de investigação enquanto pessoas, não reduzindo as palavras e os actos, a equações estatísticas (Ferreira, 2008).

Descritiva: a descrição

(...) deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observações, documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações vídeo. Os investigadores analisam as notas tomadas em trabalho de campo, os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos (Ferreira, 2008, p. 198).

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.48),

(...) os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos.

Contextual: os investigadores são muito sensíveis ao contexto, e deste modo, actos, palavras e gestos só podem ser compreendidos em contexto (Ferreira, 2008). “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

Em investigação qualitativa o *significado* assume grande importância e os investigadores procuram compreender os sujeitos a partir dos seus *quadros de referência*. Tentam viver a realidade da mesma forma que os sujeitos de investigação, demonstrando empatia e identificando-se com eles para compreenderem a sua realidade, procurando compreender as perspectivas dos sujeitos na sua globalidade. As convicções do investigador devem ser abandonadas (Ferreira, 2008).

“Os investigadores interessam-se mais pelo processo de investigação do que unicamente pelos resultados ou produtos que dela decorrem” (Ferreira, 2008, p. 198).

O plano de investigação em investigação qualitativa é flexível (Ferreira, 2008).

O investigador é quem recolhe os dados. A validade e a fiabilidade dos dados - os dados devem estar de acordo com o que os indivíduos dizem e fazem - dependem muito da sensibilidade, conhecimento e também da experiência do investigador (Ferreira, 2008).

A questão da objectividade do investigador constitui o principal problema da investigação qualitativa (Ferreira, 2008, 199).

Em investigação qualitativa, a preocupação central não é a de saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados (Bogdan & Biklen, 1994).

A observação participante, a entrevista e a análise documental são as técnicas mais utilizadas em investigação qualitativa.

Segue-se a caracterização do Estudo de Caso.

4.3. O Estudo de Caso

De acordo com Ferreira (2008), o estudo de caso tem sido utilizado em investigação em Ciências Sociais – Sociologia, Ciência Política, Antropologia, História, Geografia, Economia e Ciências da Educação. Yin, 1988 (citado por Ferreira, 2008), define estudo de caso como sendo uma abordagem empírica que investiga um fenómeno actual no seu contexto real, quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes e no qual são utilizadas muitas fontes de dados.

O estudo de caso reúne informações tão numerosas e pormenorizadas quanto possível, de modo a abranger a totalidade da situação, e esta é a razão pela qual as suas técnicas de recolha de dados são tão variadas: a entrevista, a observação, os documentos (Bruyne et al., 1975, citado por Lessard-Hébert et al., 2010). Segundo Merriam, 1988 (citado por Bogdan & Biklen, 1994), o estudo de caso consiste na

observação detalhada de um contexto, de um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico. O investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo é focalizado na investigação de um fenómeno actual e no seu próprio contexto” (Yin, 1988, citado por Ferreira, 2008). Segundo Yin, 1988 (citado em Ferreira, 2008), as questões de *como* e *porquê* são utilizadas no estudo de caso.

Para além destes estudos de caso nos quais o objectivo é a explicação de fenómenos, Yin, 1988 (citado em Ferreira, 2008), afirma que há ainda estudos de caso exploratórios e descritivos. “Em estudo de caso pode ainda estudar-se um caso único ou casos múltiplos e os dados recolhidos podem ser de natureza qualitativa, quantitativa ou ambas” (Ferreira, 2008, p. 234-235). O estudo de caso desta Dissertação de Mestrado constitui um caso único, sendo os dados recolhidos de natureza qualitativa.

4.3.1. Características de um Estudo de Caso Qualitativo

Para Merriam, 1988 (citado por Ferreira, 1998, p. 235), as características de um estudo de caso qualitativo são as seguintes:

(...) particular – porque se focaliza numa determinada situação, acontecimento, programa ou fenómeno; descritivo – porque o produto final é uma descrição “rica” do fenómeno que está a ser estudado; heurístico – porque conduz à compreensão do fenómeno que está a ser estudado; indutivo – porque a maioria destes estudos tem como base o raciocínio indutivo; holístico - porque tem em conta a realidade na sua globalidade. É dada uma maior importância aos processos do que aos produtos, à compreensão e à interpretação.

Yin, 1988 (citado por Ferreira, 2008), evidencia a necessidade de definir as questões de investigação: as proposições que focalizam a atenção do investigador sobre algo que deverá ser observado durante o estudo, a unidade ou as unidades de análise - um ou mais programas, acontecimentos, indivíduos, processos, instituições ou grupos sociais de acordo com o estudo em causa – caso único ou casos múltiplos, a lógica que liga os dados às proposições e os critérios para interpretação dos resultados.

Merriam, 1988 (citado por Ferreira, 2008), afirma, ainda referindo-se ao estudo de caso de natureza qualitativa, que, em primeiro lugar, o investigador deverá definir o problema de investigação, que poderá resultar da sua experiência pessoal ou da sua vida prática. Em segundo lugar, o investigador deverá formular as questões de

investigação, que não devem ser muito específicas acerca dos processos (porque é que algo acontece e como) e da tentativa de compreensão dos acontecimentos (o que aconteceu, porquê e como). De seguida, deverá escolher a unidade de análise ou caso.

Uma rigorosa análise de dados é fundamental em qualquer investigação e no caso de um estudo de caso qualitativo o investigador deverá proceder à análise dos dados à medida que procede à sua recolha. O produto final é uma descrição “rica” e rigorosa do caso que constitui o objecto de estudo (Ferreira, 2008, p. 236).

Nos estudos de caso, como em quaisquer outros estudos, segundo Ferreira (2008), é necessário assegurar a validade (garantir que os resultados traduzam a realidade estudada) e fiabilidade (asseverar que os resultados obtidos sejam idênticos caso o estudo fosse repetido) do estudo.

Passamos, agora, ao contexto da investigação, caracterizando, por um lado, o meio envolvente do GVN: perspectiva histórica, actividade agrícola e tecido empresarial, e, por outro lado, o próprio GVN, fazendo referência ao Dia D – Dia da Dança.

4.4. O Contexto da Investigação

4.4.1. O Meio Envolvente

Rio Tinto, onde se insere o *Ginásio da Venda Nova* (GVN), é uma cidade e freguesia portuguesa do concelho de Gondomar, distrito do Porto, que pertence à Grande Área Metropolitana do Porto, e tem 9,38 km² de área e 50 713 habitantes de acordo com os censos de 2011 e densidade 5 406,5 h/ km². É interessante notar que em 1801 a população de Rio Tinto era de 2.675 habitantes e em 2011 era de 50.713.

4.4.1.1. Perspectiva Histórica

O seu nome está ligado ao rio que a atravessa, havendo mesmo uma lenda que explica o seu topónimo:

No início do século IX, os Cristãos ganhavam terreno aos Mouros. Governava o Conde Hermenegildo Gutierres o território da Galiza até Coimbra, tendo como centro o Porto. Contudo, o Califa Abderramão II, com um poderoso exército, fez uma violenta investida, cercando a cidade do Porto. O Rei Ordonho II desceu em socorro do seu sogro, o Conde Gutierres, conseguindo afastar os Mouros e perseguindo-os para longe da cidade. Junto a um límpido ribeiro, travou-se a sangrenta batalha. Na memória do povo, ficou o sangue derramado que, de tão abundante, tingiu as cristalinas águas do rio, passando desde então a chamar-se Rio Tinto (Wikipédia, 2013).



Figura 11 - Painel de Azulejos da Batalha em 824 - Estação de Rio Tinto.
Fonte: Wikipédia (2013)

O rio atravessa a freguesia sensivelmente a meio, numa orientação aproximada Norte-Sul. Nasce em Ermesinde, muito perto do limite norte da freguesia e é a principal, e quase única, linha de água que existe na localidade. Durante séculos, o rio forneceu à população água e peixe. As lavadeiras ganhavam a vida nas suas águas, proliferavam nas margens os moinhos, cujos moleiros disputavam com os lavradores a água das regas. Mais recentemente, durante a última década do século XX, o rio que corre em Rio Tinto foi alvo de um crime ecológico, tendo uma parte considerável da sua extensão sido entubada e enterrada a alguns metros abaixo da superfície do solo, de forma a facilitar a expansão urbanística do pequeno município

A povoação de Rio Tinto é anterior à criação do reino de Portugal, pertencendo o lugar ao antigo julgado da Maia. Este identificava-se pela existência de um antigo convento de Agostinhas fundado em 1062, a actual Quinta das Freiras. Após a criação do reino de Portugal, D. Afonso Henriques, protegeu-o dando-lhe, a 20 de Maio de 1141, foro de couto. Este englobava as aldeias de Vila Cova, Ranha, Rebordãos, Quintã, Triana, Portela, Areosa, Pinheiro, Gesta, Brasoleiro, Forno, Santegãos, Carreiros,

Medancelhe, Casal, Lourinha, Sevilhães, Perlinhas, Ferraria, Vendas Velhas, Vendas Novas, Cavada Nova, São Sebastião, Vale de Flores, Soutelo, Mendalho, Amial e Mosteiro. Em 1801 tinha 2 675 habitantes.

Do mosteiro que caracterizava e dava importância ao couto de Rio Tinto nada resta actualmente. Sabe-se, porém, que foi extinto a 6 de Janeiro de 1535, ficando com os seus privilégios o mosteiro beneditino de Avé Maria no Porto.

Através de um decreto, em 10 de Dezembro de 1867, deu-se a criação do concelho de Rio Tinto e dele faziam parte sete paróquias civis: Águas Santas, Covelo, Gondomar, São Pedro da Cova, Rio Tinto, Valbom, São Vicente de Alfena e Valongo. Este concelho existiu até 14 de Janeiro de 1868. Em 28 de Junho de 1984 voltou a ser vila, agora com duas freguesias - Rio Tinto e Baguim do Monte.

Em 21 de Junho de 1995, onze anos depois de ter sido elevada a vila, foi oficialmente criada a cidade de Rio Tinto, constituída pelas freguesias de Rio Tinto e Baguim do Monte (Wikipédia, 2013).



Figura 12 – A Cidade de Rio Tinto
Fonte: Wikipédia (2008)

Num futuro, a médio prazo, a população desta freguesia irá sofrer grandes alterações na medida em que os actuais adultos irão avolumar significativamente o topo da pirâmide, enquanto as faixas da base passarão para o centro em muito menor número que o topo, permitindo a inversão da pirâmide, apelidada de fase de transição demográfica.

Esta situação poderá continuar a ser adiada ou atenuada pelo efeito de periferia e dormitório que o território possui relativamente à cidade do Porto, que provoca fortes ganhos populacionais oriundos das migrações locais e regionais em idade fértil (Cardoso, Teixeira & Ramalho, 2007).

De acordo com os censos de 1991 e 2001, “concluímos que a freguesia de Rio Tinto se tem revelado um território atractivo demograficamente” (Cardoso, Teixeira & Ramalho, 2007, p. 53).

O aumento populacional, sem um aumento do tecido empresarial, representa um agravamento do défice de emprego local, que obriga os residentes a trabalharem noutros concelhos e provoca o crescimento do desemprego importado ou induzido, distorcendo o indicador, uma vez que obriga ao registo dos desempregados nos centros de emprego da área de residência (Cardoso, Teixeira & Ramalho, 2007).

4.4.1.2. Actividade Agrícola

A actividade agrícola foi o principal meio de subsistência até meados do século XX.

Actualmente esta actividade é residual na freguesia, fruto do grande crescimento habitacional em detrimento das explorações agrícolas.

“De acordo com as informações do INE de 1999 relativas à actividade agrícola, existem 216 hectares de superfície agrícola utilizada e 220 indivíduos enquanto população agrícola na freguesia de Rio Tinto” (Cardoso, Teixeira & Ramalho, 2007, p.55).

4.4.1.3. Tecido Empresarial

Segundo os dados das actividades económicas do INE no ano de 2007, existem 1290 empresas sedeadas em Rio Tinto. Dessas empresas, mais de 81% desenvolvem actividade no sector terciário, cerca de 18% pertencem ao sector secundário e apenas subsiste uma empresa no sector primário (0,08%)

Nestas empresas destacam-se as de comércio a retalho (14,5%) e por grosso (13,9%); bares, cafés, cervejarias e pastelarias (7,3%); construção civil (7,3%) e transportes (7,2%) (Cardoso, Teixeira & Ramalho, 2007).

Das 1290 localizadas em Rio Tinto, “aproximadamente metade tem uma a quatro pessoas ao serviço, 27% não têm sequer pessoal ao serviço, 14,2% empregam cinco a nove trabalhadores, 4,9% têm entre 10 a 19 indivíduos a trabalhar, 3,2% 20 a 49,

0,7% com 50 a 99, 0,4% com 100 a 249 e 0,1% com 250 a 449” (Cardoso, Teixeira & Ramalho, 2007, p.58).

Existem cinco superfícies comerciais de grande dimensão nesta freguesia: Centro Comercial Parque Nascente, Feira Nova, Minipreço, Modelo e Tomita.

4.4.2. Caracterização do *Ginásio da Venda Nova* (GVN)



Figura 13 - Ginásio da Venda Nova (GVN)

A História desta instituição portuguesa de ensino privado, denominada *Ginásio da Venda Nova* (cf. Figura 13), teve o seu início em Setembro de 1979, quando Rui Rios, seu fundador, levou um grupo de cerca de 20 jovens que com ele aprendiam Artes Marciais, na Rua Pinto Bessa, na cidade do Porto, para Rio Tinto, concelho de Gondomar, distrito do Porto.

Instalado, inicialmente, na sede do *Grupo Dramático* - instituição onde se fazia teatro nessa altura, poucos meses depois mudou-se para um armazém na Rua de S. Sebastião na mesma freguesia. Dava-se então, e, quase sem se dar por isso, início a um grande projecto. Os seus fundadores gostam de dizer que não existem grandes acontecimentos para contar ao longo destes 33 anos. Contudo, a História diz o contrário... Quando os 20 rapazes começaram a treinar no tal armazém, não podiam imaginar que estavam a assistir ao nascimento de um projecto que, ao fim de mais de três décadas, se mantém cada vez mais coeso, vivo e dinâmico.

Com o advento das telenovelas brasileiras, no início dos anos 80, o apelo à prática de exercício físico faz eco na sociedade portuguesa. Começa a corrida aos ginásios e, ao armazém da Rua de São Sebastião chega muita gente em

busca de informação. Aí estava uma janela de oportunidades, que Rui Rios e Maria do Céu Rosinha não desperdiçaram. Em breve, estava montada uma sala de musculação e uma outra de ginástica para senhoras (Ginásio da Venda Nova, 2013).

Desta forma, o *Ginásio da Venda Nova* começou a crescer. As suas instalações foram sendo aumentadas e melhoradas. Começando, apenas, com a prática de *karaté*, veio a *piscina* - projecto pioneiro no concelho de Gondomar, e, de seguida abrem-se novas salas com novas modalidades: *fitness, musculação, novos balneários, ginástica rítmica, artes marciais, piscinas de relaxamento e de hidromassagem, aulas de dança, aulas mente e corpo, aulas de cárdio, aulas localizadas, aulas de cycle, aulas de hidroginástica e aulas de natação*, entre múltiplas actividades para crianças, jovens e adultos. A sua primeira festa foi realizada aquando da frequência dos 50 alunos. Neste momento, esse número é considerável, rodando os 2000 e os 2300 participantes inscritos.

A Direcção é composta por dois sócios gerentes e por dois gestores. Os 160 professores que constituem o corpo docente desta instituição são seleccionados de acordo com a experiência que possuem, o seu desempenho, o seu profissionalismo, a média dos alunos por aula, o espírito de equipa, a assiduidade. É feita uma avaliação de professores a cada três meses, sendo avaliada cada uma das facetas citadas, onde a opinião dos alunos exerce um papel fundamental nessa avaliação.

São principais objectivos a dinamização das áreas desportivas e artísticas. As modalidades de *dança* que existem no *Ginásio da Venda Nova* são: *rit-mix, dança de crianças, ritmos urbanos, zumba, baby class, ritmos local e as danças brasileiras e orientais* – onde encontrámos a *dança do ventre*. Foi com gosto que conhecemos este estabelecimento de ensino, encontrando fontes de informação preciosas para o nosso estudo.



Figura 14 - Logotipos do Ginásio da Venda Nova
Fonte: Ginásio da Venda Nova (2013)

4.4.2.1. Dia da Dança no GVN

Das inúmeras actividades que se realizam no *Ginásio da Venda Nova*, destacamos algumas imagens do Dia D - Dia da Dança, decorrido em 24 de Novembro de 2012.



Figura 15 – Dia D - Danças Brasileiras



Figura 16 – Dia D - Danças Brasileiras



Figura 17 - Dia D - Dança do Ventre



Figura 18 – Dia D - Dança do Ventre

No ponto que se segue, falaremos da recolha de dados: sujeitos da amostra, entrevista semiestruturada e guiões das entrevistas.

4.5. Recolha de Dados

4.5.1. Os Sujeitos da Amostra

Quadro 1. Caracterização do Director do *Ginásio da Venda Nova*

ENT.	SEXO	IDADE	NACIONAL.	HAB. LIT.	PROFISSÃO
D	M	24	Portuguesa	Licenciatura em Gestão	Director do Ginásio da Venda Nova

Quadro 2 - Caracterização das Professoras

ENT.	SEXO	IDADE	NACIONAL.	HAB. LIT.	PROFISSÃO	DANÇAS
P1	F	45	Brasileira	Licenciatura	Professora de Dança	D. Brasileiras: samba forró e axé
P2	F	33	Portuguesa	Licenciatura	Professora de Dança e Engenheira Química	D. Ventre

Quadro 3 - Caracterização das Alunas

ENT.	SEXO	IDADE	NACION.	HAB. LIT.	PROFISSÃO	DANÇAS
A1	F	45	Portuguesa	Licenciatura	Professora	D. Brasileiras
A2	F	29	Portuguesa	12ºano	Desempregada	D. Brasileiras
A3	F	33	Portuguesa	12ºano	Desempregada	D. Brasileiras
A4	F	23	Portuguesa	12ºano	Animadora Sócio-Cultural/Massagista	D. Ventre
A5	F	42	Portuguesa	12ºano	Empregada Fabril	D. Ventre/Brasileiras
A6	F	33	Portuguesa	Licenciatura	Bancária	D. Ventre

De acordo com o quadro 1, o quadro 2 e o quadro 3, vemos que os sujeitos da nossa amostra são na sua maioria do sexo feminino, à excepção do sujeito D. As idades são variadas, como se pode verificar pelos quadros referidos, e estão compreendidas entre os 24 e os 45 anos de idade. Quanto às habilitações literárias dos nossos sujeitos, podemos afirmar que, segundo os quadros 1, 2 e 3, variam entre o 12º ano de escolaridade e a Licenciatura. Quanto às profissões dos nossos sujeitos da amostra, elas são muito variadas, pois estamos perante três professoras, uma bancária, duas

desempregadas, uma empregada fabril, uma animadora sócio-cultural e massagista e um director de um ginásio.

4.5.2. A Entrevista Semiestruturada

De entre a entrevista não estruturada, a estruturada e a semiestruturada optamos por abordar, neste momento, esta última dado que foi a utilizada no nosso estudo empírico.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003), a entrevista semiestruturada é a mais utilizada em investigação social. É semiestruturada visto que, por um lado, é totalmente aberta e, por outro lado, não é encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Em geral, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias que são relativamente abertas, mas que as não colocará obrigatoriamente pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista inicialmente. Tanto quanto for possível, deixará o entrevistado à vontade para que possa falar abertamente, com as palavras e pela ordem que desejar. “O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objectivos cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível” (Quivy & Campenhoudt, 2003, pp. 192-193). Nesta linha de pensamento e de acordo com Albarello et al. (2005) a entrevista semiestruturada situa-se num nível intermédio, pois, por um lado, tem uma apresentação não directiva, ao permitir-nos que o entrevistado estruture o seu próprio pensamento em torno do objetivo perspectivado, e, por outro lado, tem um aspecto parcialmente directivo, na medida em que, a definição do objecto de estudo suprime do campo de interesse diversas apreciações, raciocínios e pensamentos para as quais o entrevistado se deixa arrastar naturalmente, e exige o aprofundamento de aspectos que o entrevistador não teria explicitado.

4.5.3. Apresentação dos Guiões das Entrevistas

Quadro 4 - Guião da Entrevista do Director (1/2)

BLOCOS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
1) Validação e motivação para a entrevista.	Legitimar a entrevista. Motivar o(a) entrevistado(a).	Informar em linhas gerais o que se pretende com o trabalho/ Solicitar a colaboração do Director, dando a conhecer a importância do seu contributo/ Garantir a confidencialidade das informações fornecidas/ Solicitar autorização para a gravação da entrevista.
2) Conhecimento dos horizontes para a abertura do ginásio.	Perceber o conhecimento das raízes que fomentaram o nascimento do <i>Ginásio da Venda Nova</i> (GVN) por parte da Direcção do mesmo.	Que razões fundamentam a criação do GVN? Qual o ano da sua fundação? Diga, por favor, quais são os elementos que compõem a Direcção do GVN e, se possível, se poderei ter acesso aos estatutos referentes à sua criação e a outras informações inerentes?
3) Interculturalidade e dança.	Perceber se existem motivações interculturais na escolha das danças e dos professores.	Que critérios são utilizados para a escolha das danças que se ensinam e aprendem no GVN e que critérios presidem à selecção dos professores que as leccionam?
	Perceber se a interculturalidade está inerente à escolha do nome do GVN, e, em caso afirmativo, se consideram que existem possibilidades de comunicação e diálogo intercultural.	Porquê o nome: <i>Ginásio da Venda Nova</i> ?
4) Motivações na escolha das danças por parte dos alunos.	Perceber as motivações que levam os alunos a matricularem-se neste ginásio e qual a o número e identidades dos mesmos.	Qual a frequência de alunos desde a sua criação, e que características são exigidas aos mesmos para a sua frequência?
5) Objectivos do GVN quanto à escolha das danças, professores e alunos.	Perceber quais os tipos de dança existentes no ginásio, e se as mesmas se revelam importantes para a mudança de atitudes quanto às questões da interculturalidade em alunos e professores.	Que modalidades de dança existem e que objectivos presidem a cada uma delas? Quais as modalidades mais procuradas pelos alunos?
6) Graus de participação e de relevância quanto à prática de danças de outros povos e culturas.	Verificar os graus de participação e de relevância que as crianças e os adultos atribuem às danças de outros povos e de outras culturas, nomeadamente no que se refere às danças brasileiras e orientais.	Como reagem as crianças à dança? E os adultos?
	Verificar a importância que todos os intervenientes neste processo, desde a Direcção aos Professores e Alunos, atribuem à dança na Educação num contexto global e/ou artístico.	Considera a dança importante na Educação? Porquê?

Quadro 4 - Guião da Entrevista do Diretor (2/2)

BLOCOS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
7) Razões para a exibição pública da prática das danças.	Perceber o interesse na organização, por parte do ginásio, de exibições públicas das danças que se praticam neste ginásio.	Neste ginásio costumam organizar exibições das danças aqui praticadas?
8) Graus de percepção quanto ao desenvolvimento do GVN no que se refere às danças.	Percepcionar se o funcionamento e o desenvolvimento do ginásio se encontram dentro dos parâmetros a que se propuseram.	O desenvolvimento deste ginásio está dentro dos parâmetros inicialmente previstos, ou gostaria que se desenvolvesse doutra forma?
9) Sustentabilidade do GVN.	Percepcionar formas de sustentabilidade do ginásio e se existem patrocinadores e quais.	Este ginásio vive por si próprio, ou tem alguma entidade ou entidades que o subsidia?
10) Visões do GVN quanto ao desenvolvimento das danças interculturais em Portugal e no futuro.	Percepcionar o pensamento da Direcção do ginásio quanto às questões da dança em Portugal e qual o futuro das mesmas, muito particularmente das danças que envolvem o nosso estudo.	Que pensa do futuro deste ginásio e dos outros ginásios com modalidades de dança e escolas de dança em Portugal? Muito particularmente das danças orientais e brasileiras?

Quadro 5 - Guião da Entrevista das Professoras (1/2)

BLOCOS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
1) Validação e motivação para a entrevista.	Legitimar a entrevista. Motivar a entrevistada.	Informar em linhas gerais o que se pretende com o trabalho. Solicitar a colaboração da professora, dando a conhecer a importância do seu contributo. Garantir a confidencialidade das informações fornecidas. Solicitar autorização para a gravação da entrevista.
2) Conhecimento das professoras que leccionam no GVN.	Conhecer as professoras das danças que leccionam no GVN nomeadamente a idade, o sexo, os níveis de escolaridades e outras profissões (se as houver).	Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade, a profissão?
3) Opções realizadas pelas professoras no que se refere às danças.	Perceber se a professora é bailarina por opção, por vocação, qual o seu percurso profissional e consequentemente que razões presidem à escolha das danças que lecciona.	É bailarina por opção? Que factores tiveram maior influência na sua opção por uma formação em dança? Há quantos anos ensina dança? Que dança(s) ensina? Porque escolheu dançar essa(s) dança(s)?
4) Importância que as professoras atribuem à dança.	Perceber qual o papel da dança na Educação.	Na sua opinião considera a dança importante na Educação? Porquê?
5) Interculturalidade e percepção das professoras.	Perceber até que ponto a professora percebe a dança em causa como sendo um acto intercultural.	Da sua experiência como professora considera as danças de outros países como contributos para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?
	Saber a forma como a professora relaciona a dança com o diálogo intercultural.	Nesta perspectiva, de que forma contribuirá a dança, na sua globalidade, para o diálogo intercultural?
	Ver qual a percepção que a professora tem das danças brasileiras	Qual a sua opinião acerca das danças brasileiras?
	Ver qual a percepção que a professora tem das danças orientais.	Qual a sua opinião acerca das danças orientais?
6) Comunicação e diálogo interculturais.	Perceber quais os contributos do estudo e da prática de danças orientais para a comunicação e o diálogo intercultural com pessoas de outras culturas.	Na sua perspectiva que influências encontra no diálogo e na comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais tais como a dança do ventre?
	Perceber quais os contributos do estudo e da prática de danças brasileiras para a comunicação e o diálogo intercultural com pessoas de outras culturas.	Na sua perspectiva que influências encontra no diálogo e na comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras?
7) Conhecimento, por parte das professoras, das origens e países das danças em questão.	Perceber se a professora conhece os locais de origem das danças em questão ou, se porventura, gostaria de os conhecer.	Gostaria de visitar os países de origem da(s) dança(s) mencionada(s)?

Quadro 5 - Guião da Entrevista dos Docentes (2/2)

BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES
8) Futuro das danças de outros povos e culturas em Portugal.	Perceber qual a perspectiva de futuro que a professora tem das danças brasileiras e orientais em Portugal.	Que pensa do futuro destas danças em Portugal?

Quadro 6 - Guião da Entrevista dos Alunos (1/2)

BLOCOS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
1) Validade e motivação para a entrevista.	Legitimar a entrevista. Motivar o entrevistado.	Informar em linhas gerais o que se pretende com o trabalho. Solicitar a colaboração do aluno, dando a conhecer a importância do seu contributo. Garantir a confidencialidade das informações fornecidas. Solicitar autorização para a gravação da entrevista.
2) Caracterização dos alunos do Ginásio da Venda Nova (GVN).	Conhecer o tipo de alunos que frequentam o GVN, desde a idade, o sexo, os níveis de escolaridade e as profissões de cada um.	Importa-se de me facultar alguns elementos que o identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade, a profissão?
3) Motivações geradoras da prática da dança.	Conhecer quais as motivações que levam os alunos a procurar a dança.	Quais as razões que tem para praticar a dança?
	Saber se a educação de crianças, jovens e adultos se torna mais rica através da dança.	Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?
4) Preferências dos alunos quanto à escolha das danças de outros povos e culturas.	Conhecer quais as danças preferidas dos alunos e saber se estas são originárias de outros países do mundo.	Quais são as suas danças preferidas?
	Perceber se as danças brasileiras são conhecidas entre os alunos.	Conhece danças brasileiras?
	Perceber se as danças orientais são, igualmente, conhecidas entre os alunos.	De igual forma, conhece danças orientais?
	Saber se o aluno tem alguma familiaridade com as danças mencionadas e se as já dançou.	Já dançou algumas destas danças?
	Perceber o grau de dificuldade das danças de outros países.	Quais as dificuldades que encontrou na prática desta(s) dança(s)?
5) Dança, interculturalidade e diálogo intercultural.	Perceber até que ponto o aluno percepciona a dança em causa como sendo um acto intercultural.	Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?
	Saber a forma como o aluno relaciona a dança e o diálogo intercultural.	Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?
	Perceber se o aluno está motivado para a dança na sua faceta intercultural e se conhece os seus países de origem.	Encontra-se motivado para a dança na sua faceta intercultural? Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?
6) Futuro das danças de outros povos e culturas em Portugal	Perceber qual a perspectiva de futuro que o aluno tem das danças brasileiras e orientais em Portugal?	Que pensa do futuro destas danças em Portugal?

Quadro 6 - Guião da Entrevista dos Alunos (2/2)

BLOCOS	OBJETIVOS	QUESTÕES
7) Motivações para a escolha do GVN	Perceber quais as motivações que estão na base da inscrição no GVN e se existem motivações de carácter intercultural.	Por que razão se inscreveu neste ginásio?
8) Razões motivadoras das opções dos alunos pelas danças de outros povos e culturas.	Conhecer qual (quais) a(s) dança(s) que o aluno está a aprender.	Qual (quais) a(s) dança(s) que está a aprender?
	Conhecer quais as motivações que estão na base da escolha destas danças.	Porque escolheu esta(s) dança(s)?
	Saber qual o gosto do aluno pela dança.	Gosta de dançar a(s) dança(s) que escolheu?
	Saber se já frequentou outra(s) escola(s) ou ginásio(s) com modalidades de dança e que modalidades de dança aprendeu.	Já frequentou outro(s) ginásio(s) com modalidades de dança ou outra(s) escola(s) de dança? Que dança(s) aprendeu nesses ginásio(s) ou nessa(s) escola(s)?

Passamos, de seguida, ao Capítulo V - Análise de Dados, no qual foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo.

Capítulo V - Análise De Dados

5.1. Introdução

Neste capítulo procedemos à análise de conteúdo. Começaremos com uma abordagem teórica deste modelo de análise científica, para, de seguida, procedermos à análise de conteúdo propriamente dita, com base nos quadros elaborados (cf. Anexos 1-5).

5.2. A Análise de Conteúdo

Segundo Berelson, 1952, 1968 (citado por Ferreira, 2008), a análise de conteúdo constitui uma técnica de investigação que nos possibilita uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação.

“Este tipo de análise, o mais generalizado e transmitido, foi cronologicamente o primeiro, podendo ser denominado análise categorial. (...) É o método das categorias, espécie de gavetas ou rúbricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (Bardin, 1977, pp. 36-37).

“A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1977, p. 38).

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo trabalha com mensagens (comunicação) tomando “(...) em consideração as significações (conteúdo) eventualmente a sua forma e distribuição destes conteúdos e formas (índices formais e análise de co-ocorrência). (...) A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Bardin, 1977, pp. 43-44).

Segundo este mesmo autor,

(...) a análise categorial temática é, entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo. (...) O objectivo (...) da análise de conteúdo, é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (Bardin, 1977, p.46).

O objecto da análise de conteúdo é a palavra (Bardin, 1977).

5.2.1. Categorização

De acordo com Grawitz, 1993 (citado por Ferreira, 2008), as categorias são rúbricas significativas, em função das quais será classificado e eventualmente quantificado o conteúdo. A definição das categorias poderá ser elaborada *a priori*: o investigador pretende verificar as hipóteses que foram formuladas, tendo definido as categorias de análise antecipadamente; ou *a posteriori*: tipo de análise denominada de *procedimento exploratório*, em que as categorias não foram definidas antecipadamente. No nosso Estudo de Caso as categorias foram definidas *a posteriori*.

5.2.2. Características das Categorias

A escolha das categorias é essencial na análise de conteúdo e devem ter as seguintes características:

Exaustivas: todo o conteúdo que vai ser classificado deve ser incluído integralmente nas categorias consideradas, sendo possível, de acordo com os objectivos, não considerar alguns aspectos do conteúdo, tendo o investigador nesta situação que justificar os aspectos que não foram considerados (Ferreira, 2008).

Exclusivas: “(...) cada elemento não pode existir em mais de uma divisão (Bardin, 1977, p. 120); “os mesmos elementos devem pertencer a uma e não a várias categorias” (Ferreira, 2008, p. 273).

Objectivas: “as características de cada categoria devem ser explicitadas sem ambiguidade e de forma suficientemente clara de modo a que diferentes codificadores classifiquem os diversos elementos, que seleccionaram dos conteúdos em análise, nas mesmas categorias” (Ferreira, 2010, p. 273); “As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises” (Bardin, 1977, p. 120).

Pertinentes: “devem manter estreita relação com os objectivos e com o conteúdo que está a ser classificado” (Ferreira, 2010, p. 274); “uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido. (...) O sistema de categorias deve reflectir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens” (Bardin, 1977, p. 120).

Homogéneas: um único princípio de classificação deve governar a organização das categorias (Bardin, 1977), “num mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise” (Bardin, 1977, p. 120).

Produtivas: os resultados obtidos através da categorização devem ser frutíferos; “um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exactos” (Bardin, pp. 120-121).

5.2.3. Fontes das Categorias

As categorias na análise de conteúdo devem advir de duas fontes:

- do próprio documento que está a ser analisado nomeadamente das respostas no caso de uma entrevista, ou das finalidades, das intenções e dos significados do emissor no caso de um texto;
- de um certo conhecimento geral do domínio ou área a que as categorias dizem respeito (Ferreira, 2008).

5.2.4. Dificuldades da Categorização

A categorização apresenta algumas dificuldades com as quais o investigador se depara:

- a definição de categorias *a priori* pode fazer com que não se considerem aspectos importantes do conteúdo;
- a definição de categorias *a posteriori* deve ser feita depois de muitas leituras e tem de ter em consideração os objectivos da investigação;
- “as categorias não devem igualmente ser numerosas, nem demasiado pormenorizadas ou, pelo contrário, serem em número insuficiente e demasiadamente englobantes e, por conseguinte, de fronteiras imprecisas” (Ferreira, 2008, p. 274).

5.2.5. Unidades de Análise

Após a definição de categorias procede-se à definição de três tipos de análise:

1. Unidade de registo: as unidades de registo consistem em segmentos mínimos de conteúdo que se consideram necessários para proceder à análise, colocando-os numa dada categoria. A escolha das unidades de registo depende dos objectivos estabelecidos e do quadro teórico da investigação. As unidades de registos subdividem-se em dois pontos:

- **Unidade formal:** pode coincidir ou não com unidades linguísticas e referem-se à palavra, à frase, a uma personagem, um item: filme, livro ou discurso (Ferreira, 2008);
- **Unidade semântica:** o tema é uma das unidades de registo mais utilizadas. Poderá verificar-se, com frequência, discordância entre codificadores sobre onde começa e acaba um dado tema, como por exemplo, ao efectuar a análise de um discurso, o que coloca problemas quanto à fidelidade do estudo” (Ferreira, 2008).

2. Unidades de contexto: constituem o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto. Por exemplo, se a palavra for considerada a unidade de registo, a unidade de contexto poderá ser a frase. É assim importante considerar a unidade de contexto para assegurar a fidelidade e a validade da análise (Ferreira, 2008).

Unidades de registo e de contexto muito longas levantam dificuldades quanto à sua validade interna.

Neste contexto, Bardin (1977), afirma que, na análise de conteúdo, são elaboradas unidades de codificação ou de registo (palavras, frases), mas é necessário que se definam unidades de contexto quando existe ambiguidade na referência do sentido dos elementos codificados. As unidades de contexto são superiores às unidades de codificação ou de registo, que embora não tenham sido tomadas em consideração no recenseamento das frequências, permitem compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto.

3. Unidade de enumeração: unidades em função das quais se procede à quantificação como por exemplo, num dado discurso se se pretende distinguir a

importância que foi prestada a vários temas, a unidade de registo será traduzida pelo número de vezes que aparece em cada um dos temas e a unidade de enumeração o número de linhas dedicadas a cada um deles.

A interpretação dos resultados obtidos, feita à luz dos objectivos e do suporte teórico, é fundamental. Além da descrição, a análise de conteúdo deverá não só possibilitar a compreensão do fenómeno que constitui o objecto de estudo, como fazer o investigador chegar à sua explicação e podendo mesmo nalguns casos, fazê-lo chegar a formas de previsão (Ferreira, 2008, pp. 276-277).

5.2.6. Fidelidade e Validade

A fidelidade diz respeito ao problema de garantir que diferentes codificadores cheguem a resultados idênticos (fidelidade inter-codificadores), e que um mesmo codificador ao longo do trabalho aplique de forma igual os critérios de codificação (fidelidade intra-codificador). Para que tal aconteça é necessário que o investigador explique pormenorizadamente os critérios de codificação por ele utilizados e que estes sejam aplicados com o maior rigor. A validade diz respeito àquilo que o investigador pretendia medir. Uma análise de conteúdo tem significado para o problema em causa e reproduz fielmente a realidade dos factos. Para isso, é necessário que todas as etapas que integram o processo de análise sejam correctamente executadas (Ferreira, 2008, p. 277).

5.3. Categorização e Análise de Conteúdo das Entrevistas

Tal como foi referido, partimos de categorias definidas *a posteriori*. Assim, estas categorias aparecem ao longo da análise dos protocolos das entrevistas (cf. Anexo 7). Tendo por base o estudo realizado por Rodrigues (2001), a análise foi realizada na vertical, pois analisou-se cada entrevistado de forma isolada e, só numa fase posterior, se juntaram as análises das entrevistas feitas às duas professoras e às seis alunas, de forma a dar uma visão geral das diferenças existentes nas opiniões das alunas, por um lado, e nas opiniões das professoras, por outro. Em relação à entrevista do director elaborou-se a síntese do protocolo, dado ter sido apenas uma entrevista, não havendo termo de comparação com outras entrevistas a directores.

Após ter sido feita uma primeira leitura dos protocolos das entrevistas, seguiram-se várias leituras, de modo a que fossem encontrados elementos que permitissem a sua classificação de acordo com as questões da entrevista. Definimos os temas e fizemos o levantamento das categorias e das subcategorias, que enquadrámos nesses temas.

De seguida, dividimos a unidade de contexto (cada entrevista) em unidades de registo (frase ou partes de frase). A partir daqui, procuramos definir indicadores que reunissem unidades de registo que tivessem algo em comum. De seguida, distribuímos os indicadores pelas várias categorias. Foi com base na análise destes elementos que procedemos à análise dos dados.

No tratamento das informações, resultantes da análise de conteúdo das entrevistas, elaboramos quadros com base nas nove entrevistas (cf. Anexos 1 a 5), de modo a obtermos uma visão global dos dados obtidos. Desenvolvemos cada um destes quadros, apresentando frases de cada aluna, professora ou director, que caracterizam as suas opiniões relativamente aos temas, categorias e subcategorias em questão.

Vamos proceder, de seguida, e de acordo com os Anexos 1 a 5, referentes à análise de conteúdo das nove entrevistas, à descrição dos quadros expressos nesses mesmos anexos, segundo a seguinte metodologia: Temas, Categorias, Subcategorias e Indicadores.

Começamos, então, pela descrição do quadro referente ao Anexo 1: *Síntese da Análise de Conteúdo da Entrevista do Director (D)*.

5.3.1. Entrevista realizada ao Director (cf. Anexo 1)

Tema A – Fundação do Ginásio

Categoria I – Fundação do *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Razões que fundamentam a sua criação
- *Subcategoria 2* – Ano da sua fundação
- *Subcategoria 3* – Elementos que compõem a Direcção
- *Subcategoria 4* – Possibilidade de acesso aos Estatutos
- *Subcategoria 5* – Informações gerais

Indicadores:

O director do GVN entendeu que a razão principal que fundamentou a criação deste consistiu no facto de este ter sido considerado uma novidade na altura em que foi criado, em 1979.

Os elementos que compõem a Direcção são dois sócios-gerentes e dois gestores.

Não foi possível aceder aos estatutos do GVN.

Conseguimos obter informações gerais no *site* do Ginásio da Venda Nova:

[http:// www.gvnova.net](http://www.gvnova.net)

D: “O Ginásio fez 33 anos em Setembro último. Por isso foi fundado em 1979.”

Tema B – Interculturalidade

Categoria I – Motivações de carácter intercultural para o ensino-aprendizagem das aulas

- *Subcategoria 1* – Escolha de danças que se ensinam e aprendem
- *Subcategoria 2* – Critérios para a escolha e selecção de professores

Categoria 2 – Motivações de carácter intercultural para a escolha do nome *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Possibilidades de comunicação e diálogo interculturais

Indicadores:

O director afirmou que as danças ensinadas e aprendidas no GVN, iam no sentido da tendência modalidades ensinadas noutros ginásios e escolas de dança.

As características exigidas aquando da selecção dos professores são a experiência, o desempenho, o profissionalismo, a média de alunos por aula, o espírito de equipa, a assiduidade e a opinião dos alunos.

Quanto à escolha do nome da instituição, o director não referiu uma intenção de carácter intercultural, mas sim de carácter comercial, salientando a questão do marketing. Deste modo, o nome *Ginásio da Venda Nova* foi escolhido de acordo com o local onde este se encontrava inserido.

D: “Quando escolhemos o nome Ginásio da Venda Nova, tivemos a intenção de o associar à zona, eramos os únicos na zona. (...) Foi uma óptima jogada de marketing (...).”

Tema C – Razões motivadoras para a frequência dos alunos

Categoria I – Motivações dos alunos para a escolha deste Ginásio

- *Subcategoria 1* – Características dos alunos e exigências para a frequência do ginásio
- *Subcategoria 2* – Número e identidade dos mesmos
- *Subcategoria 3* – Graus de frequência dos alunos desde a sua fundação

Indicadores:

O director do GVN referiu que não há segmentação, nem nenhuma classe específica a frequentar o ginásio. São apenas exigidos, por parte de todos os intervenientes, boa disposição, diversão e orgulho em frequentar o ginásio, procurando-se um ambiente muito familiar e protector.

O número de alunos do GVN encontra-se entre os 2000 e os 2300, dentro das várias modalidades de actividades existentes no ginásio.

Os graus de frequência dos alunos, desde a sua fundação, têm vindo a aumentar gradualmente ao longo dos tempos.

D: “Não temos segmentação. É apenas exigida boa disposição e orgulho em estar aqui. Não temos nenhuma classe específica (...).”

Tema D – Danças na sua globalidade

Categoria I – Tipologia de danças na sua globalidade

- *Subcategoria 1* – Modalidades de danças existentes
- *Subcategoria 2* – Objectivos gerais de cada uma delas
- *Subcategoria 3* – Modalidades mais procuradas pelos alunos

Indicadores:

As modalidades de dança existentes no GVN são: *rit-mix, danças de crianças, ritmos urbanos, zumba, dança do ventre, baby class, danças brasileiras, ritmos local.*

Os objectivos gerais de cada uma das modalidades são os seguintes: diversão, fazer exercício físico, procura de hábitos não sedentários.

No contexto das modalidades mais procuradas pelos alunos encontram-se *as danças brasileiras, o zumba, danças de crianças e rit-mix.*

D: “Os objectivos são os de divertir e fazer exercício, fazer com que os hábitos não sejam sedentários.”

Tema E – A dança e a educação

Categoria I – Graus de participação e de relevância das danças

- *Subcategoria 1* – Reacções de crianças e adultos relativamente a danças

Categoria I – Importância das danças na educação

- *Subcategoria 1* – Crianças e adultos

Indicadores:

O director afirmou haver reacções muito positivas em crianças e adultos relativamente à dança. As crianças e os adultos reagem bastante bem à dança e acabavam por se divertir.

O director afirmou que a dança contribui para o crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da sua postura. Referiu existir um interesse na escolha de bons professores com formação adequada. O entrevistado, referiu, novamente, o factor comercial, ao afirmar que, enquanto empresários, há um interesse na rentabilidade das modalidades e em que estas sejam positivas.

D: “É importante no crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da postura. Como empresários estamos interessados na rentabilidade das modalidades. (...) Dá-mos maior

importância aos professores. Estamos atentos à sua boa formação.”

Tema F – Organização do ginásio

Categoria I – Exibições públicas das danças

- *Subcategoria 1* – Formas de organização e de apresentação de exibições públicas das danças

Categoria II - Parâmetros da organização do Ginásio

- *Subcategoria 1* – Desenvolvimento de actividades do Ginásio
- *Subcategoria 1* – Horizontes e perspectivas quanto ao seu crescimento

Categoria III – Sustentabilidade desta instituição

- *Subcategoria 1* – Sustentabilidade individual
- *Subcategoria 1* – Sustentabilidade patrocinada

Indicadores:

Segundo o director do ginásio em estudo, existem preocupações no contexto da exibição pública das danças leccionadas. O GVN costuma organizar e apresentar exibições das danças praticadas, nos dias da Dança, os dias D – como aconteceu no dia 24 de Novembro de 2012.

O desenvolvimento de actividades do ginásio ultrapassou qualquer tipo de parâmetro e expectativa.

Há uma constante adaptação e evolução por parte do ginásio.

A sustentabilidade desta instituição é individual, não existindo qualquer patrocínio.

D: “Ultrapassou qualquer parâmetro. Vamo-nos adaptando ao mercado, vamos evoluindo.”

Tema G – Futuro do ensino-aprendizagem da dança

Categoria I – Futuro do ensino-aprendizagem da dança no Ginásio e em Portugal

- *Subcategoria 1* – No Ginásio
- *Subcategoria 2* – Em Portugal

Indicadores:

O futuro do ensino-aprendizagem da dança no Ginásio vai no sentido de seguir as tendências de outros ginásios e de outras escolas de dança, de criar outras tendências e de apostar, por exemplo, no *kizomba*.

No que se refere à evolução da dança em Portugal, o director optou por não dar resposta a esta questão.

D: “O futuro do Ginásio da Venda Nova é para seguir a tendência. (...) Vamos acompanhando as tendências e criando outras.”

Passamos, de seguida, à descrição dos quadros referentes ao Anexo 2: *Análise de Conteúdo das Entrevistas das Professoras (P1 e P2)*.

5.3.2. Entrevistas realizadas às Professoras

5.3.2.1. Entrevista realizada à Professora de Danças Brasileiras (P1)

(cf. Anexo 2)

Tema A – Experiência pedagógica e didáctica no ensino da dança

Categoria I – Caracterização dos professores de dança brasileira e oriental do *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Opção ou vocação
- *Subcategoria 2* – Factores de maior influência na opção para uma formação em dança
- *Subcategoria 3* – Anos de ensino da dança
- *Subcategoria 4* – Danças ensinadas
- *Subcategoria 5* - Razões da escolha das danças que lecciona

Categoria II – A Dança e a Educação

- *Subcategoria 1* – Importância da dança na Educação

Indicadores:

A professora respondeu ser apaixonada pela dança e que pratica a dança por opção.

O factor de maior influência na opção por uma formação em dança consistiu na adaptação plena ao mundo *mágico* da dança.

A professora respondeu que ensina dança desde a altura em que frequentava a Universidade, desde 1986.

As danças ensinadas são as *danças brasileiras* e as suas variantes.

Quanto às razões da escolha das danças que lecciona, a professora respondeu acreditar que, através das músicas brasileiras, onde há uma empatia com a letra, a expressão corporal é inevitável fazendo com que as coreografias se tornem momentos únicos. A entrevistada respondeu, também, que sente um grande prazer em dar aulas.

P1: “Escolhi dançar essas danças, pois acredito que através de músicas brasileiras onde há uma empatia com a letra da música, a expressão corporal é inevitável e faz das coreografias momentos únicos (...).”

Quanto à importância da dança na educação, a professora referiu que quem dança é mais feliz e que através do corpo e da expressão facial, pode mudar alguma coisa na vida dos alunos.

P1: “Quem dança é mais feliz e a partir desse princípio, acredito eu, que posso passar através do meu corpo e da minha expressão corporal e facial, algo que mude, por alguns instantes, a vida de cada aluno que está dentro da minha aula.”

Tema B – Dança e Interculturalidade

Categoria I – Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Percepção que o professor tem das danças

- *Subcategoria 1* – Opinião acerca das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Opinião acerca das danças orientais

Indicadores:

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da religião, a professora de *danças brasileiras* respondeu que a dança de cada país, por ter as suas características e culturas diferentes, faz transmitir possíveis crenças de cada país (Brasil).

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, dos costumes e das tradições, a entrevistada refere que a dança de cada país, por ter as suas características e culturas diferentes, faz transmitir possíveis costumes desse país (Brasil).

P1: “Sem dúvida. Além de as danças serem uma característica de cada país, de uma cultura diferente, nos faz a partir daí transmitir aos alunos possíveis costumes e crenças do nosso país.”

Relativamente às razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural, a entrevistada referiu que, através do corpo, as pessoas podem interagir com qualquer etnia ou raça, e o que é mais importante é as pessoas poderem expressar-se através da dança.

P1: “Acredito que através do nosso corpo, a gente possa de qualquer forma nos interagir com qualquer que seja a etnia ou raça, pois o que importa é como podemos através da dança nos expressar.”

A professora, no que se refere à percepção e opinião acerca das danças brasileiras, afirmou que a dança é o seu mundo e a sua realização pessoal e profissional.

A entrevistada referiu que as danças orientais, quando se fala na percepção e opinião acerca destas, são de uma grande sensualidade.

P1: “É o meu mundo.”

Tema C – Comunicação e Diálogo interculturais

Categoria I – Contributos do estudo e da prática da dança para a comunicação e diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais

Categoria II – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2* - Danças orientais

Categoria III – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Danças orientais

Indicadores:

No que se refere às influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar *danças brasileiras*, a entrevistada afirma que há uma grande empatia com pessoas de outras culturas, pois a maior parte das pessoas identifica-se com a música e a letra brasileiras.

P1: “Uma empatia quase total, pois todo o mundo se identifica com a música brasileira e com a letra das músicas, e isso torna cada vez mais prazeroso estarmos em contacto com pessoas que têm uma receptividade e uma aceitação cada vez mais surpreendente (...).”

No que se refere às influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar *danças orientais*, a professora respondeu que não pratica dança do ventre.

A professora de *danças brasileiras*, relativamente ao interesse em visitar os países das danças brasileiras, referiu estar interessada na actualização das competências profissionais no Brasil.

P1: “Sou imigrante e sempre que posso vou à minha origem para assim estar sempre actualizada e sempre em busca de algo diferente para nunca deixar de crescer (...).”

Quanto ao futuro das danças brasileiras, a professora respondeu que a cada dia que passa estas vão tomando proporções cada vez maiores e é-lhes colocado um espírito novo e motivador.

5.3.2.2. Entrevista realizada à Professora de Dança do Ventre (P2) (cf. Anexo 2)

Tema A – Experiência pedagógica e didáctica no ensino da dança

Categoria I – Caracterização dos professores de dança brasileira e oriental do Ginásio da Venda Nova

- *Subcategoria 1* – Opção ou vocação
- *Subcategoria 2* – Factores de maior influência na opção para uma formação em dança
- *Subcategoria 3* – Anos de ensino da dança
- *Subcategoria 4* – Danças ensinadas
- *Subcategoria 5* - Razões da escolha das danças que lecciona

Categoria II – A Dança e a Educação

- *Subcategoria 1* – Importância da dança na Educação

Indicadores:

A professora de *dança do ventre* referiu ser bailarina por opção.

Os factores de maior influência na opção por uma formação em dança, foram, por um lado, o facto de se interessar pela cultura e, por outro lado, o facto de a *dança do ventre* ser de um grau de dificuldade bastante elevado.

A professora ensina dança há oito anos.

As danças que ensina são a *dança do ventre*, o *ballet clássico* e o *zumba*.

As razões da escolha destas danças para leccionar prendem-se com o interesse pela cultura oriental e pelo grau de dificuldade da dança, no caso da *dança do ventre*. No caso do *ballet clássico*, a professora referiu que a razão para leccionar esta modalidade relaciona-se com o facto de a terem inscrito na mesma quando tinha apenas sete anos de idade. Por último, referiu que a modalidade *zumba* se encontra na moda, e por isso a lecciona.

P2: “ Primeiro porque me interessa muito pela cultura e depois por a dança do ventre ser de um grau de dificuldade bastante elevado (...).”

A entrevistada considerou a dança importante na educação. A partir do momento em que as pessoas fazem parte de um grupo de dança, têm de ter disciplina, objectivos e têm de aprender a lidar com personalidades diferentes. Todos estes aspectos ajudam na educação.

P2: “ Porque a partir do momento em que fazem parte de um grupo de dança têm de ter disciplina, objectivos e acima de tudo aprendem a lidar com pessoas de personalidades completamente diferentes o que ajuda bastante na educação.”

Tema B – Dança e Interculturalidade

Categoria I – Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Percepção que o professor tem das danças

- *Subcategoria 1* – Opinião acerca das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Opinião acerca das danças orientais

Indicadores:

Relativamente à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – da sua religião, da sua história, dos seus costumes e das suas tradições, a professora respondeu que durante todo o seu percurso profissional enquanto professora, as suas alunas têm vindo a pesquisar e a estudar as danças que estão a ser aprendidas.

P2: “Sim, sem dúvida. Aliás, durante todo o percurso como professora, faço questão que as alunas procurem e estudem sobre o que estão a aprender.”

A entrevistada mencionou que a dança é importante na questão do diálogo intercultural. Referenciou, especificamente, as suas alunas de dança do ventre e o contacto destas com outras culturas, costumes e língua, referindo, mesmo, que muitas delas aprenderam árabe.

P2: “ É importante, porque as minhas alunas de dança do ventre vão estar em contacto com outras culturas, outros costumes, outra língua e também porque muitas delas foram aprender árabe.”

Quanto à percepção e opinião acerca das *danças brasileiras*, a professora considera-as muito alegres.

No que se refere à percepção e opinião acerca das *danças orientais*, a entrevistada afirmou que todas as mulheres deveriam praticar a dança do ventre, pois, por um lado, ficam a conhecer-se melhor, e por outro lado, ajuda-as tanto fisicamente como psicologicamente.

P2: “Acho que todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se melhor e ajuda-as muito a nível físico e psicológico.”

Tema C – Comunicação e Diálogo interculturais

Categoria I – Contributo do estudo e da prática da dança para a comunicação e diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais

Categoria II – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1.* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – *Danças orientais*

Categoria III – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Danças orientais

Indicadores:

No que se refere às influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar *danças brasileiras*, a entrevistada referiu que não lecciona dança brasileira e que lhe era difícil responder à questão.

Quanto às influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar *danças orientais*, a professora referiu que o diálogo e a comunicação com pessoas de outras culturas ajudam muito no conhecimento dessas mesmas culturas e dos seus costumes, reflectindo-se na prática da dança oriental.

P2: “O diálogo e a comunicação com pessoas de outras culturas ajudam imenso no conhecimento de novas culturas, no conhecimento dos costumes dessas mesmas pessoas e com toda a certeza que isso ajuda muito na prática da dança oriental (...).”

Quanto ao interesse em visitar os países das *danças orientais*, a professora referiu o interesse em confirmar os estudos sobre a cultura oriental.

P2: “Gostava bastante, porque estudo bastante sobre o que lecciono e gostaria de saber se é assim mesmo na realidade.”

Quanto ao futuro das *danças orientais* refere que este é, infelizmente, pouco risonho.

P2: “Infelizmente um futuro pouco risonho.”

Passamos, agora, à descrição do quadro referente ao Anexo 3: *Síntese da Análise de Conteúdo das Entrevistas das Professoras*.

5.3.3. Síntese da Análise de Conteúdo das Entrevistas das Professoras (P1 e P2) (cf. Anexo 3)

Tema A – Experiência pedagógica e didáctica no ensino da dança

Categoria I – Caracterização dos professores de dança brasileira e oriental do “Ginásio da Venda Nova”

- *Subcategoria 1* – Opção ou vocação
- *Subcategoria 2* – Factores de maior influência na opção por uma formação em dança
- *Subcategoria 3* – Anos de ensino da dança
- *Subcategoria 4* – Danças ensinadas
- *Subcategoria 5* – Razões da escolha das danças que lecciona

Categoria II – A Dança e a Educação

- *Subcategoria 1* – Importância da dança na Educação

Indicadores:

A professora P1 disse ser apaixonada pela dança, e esta foi uma opção sua. O factor de maior influência na opção por uma formação em dança foi a adaptação plena ao mundo da dança. A entrevistada dá aulas de dança há 26 anos. Ensina danças brasileiras no *Ginásio da Venda Nova*. A entrevistada afirmou que através da música e letra brasileiras, a expressão corporal é inevitável, tornando as coreografias momentos únicos.

P1: “Sou apaixonada pela dança, é mesmo por opção. (...) Os factores que me influenciaram na dança foram a inteira adaptação ao mundo mágico da dança.”

A professora P2 é bailarina igualmente por opção. A entrevistada interessa-se pela cultura e pelo grau de dificuldade da dança do ventre. A entrevistada refere que ensina dança há oito anos. Neste momento ensina *dança do ventre*, *ballet clássico* e *zumba*. Ensina *dança do ventre* pelas razões acima descritas, *ballet clássico* por ter sido inscrita neste quando tinha sete anos de idade e *zumba* por ser uma modalidade que está em voga.

P2: “(...) sou bailarina por opção. (...) porque me interessou muito pela cultura (...) por a dança do ventre ser de um grau de dificuldade bastante elevado. (...)”

Relativamente à importância da dança na educação obtivemos dois tipos de indicadores - uma mais vocacionada para a temática da felicidade, dada pela entrevistada P1.

P1: “Quem dança é mais feliz e a partir desse princípio, acredito eu, que posso passar através do meu corpo e da minha expressão corporal e facial, algo que muda, por alguns instantes, a vida de cada aluno que está dentro da minha aula.”

A outra resposta, dada pela entrevistada P2, é mais vocacionada para a interacção, a disciplina, o ter objectivos, o ser capaz de interagir com pessoas diferentes.

P2: “Porque a partir do momento que fazem parte de um grupo de dança têm de ter disciplina, objectivos e acima de tudo aprendem a lidar com pessoas de personalidades completamente diferentes, o que ajuda bastante na educação.”

Tema B – Dança e Interculturalidade

Categoria I – Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Percepção das danças interculturais

- *Subcategoria 1* – Opinião acerca das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Opinião acerca das danças orientais

Indicadores:

Relativamente à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da religião, a entrevistada P1 afirmou que a dança de cada país, pelas suas características e culturas próprias, transmitem crenças próprias.

P1: “Além de as danças serem uma característica de cada país, de uma cultura diferente, nos faz a partir daí transmitir aos alunos possíveis (...) crenças do nosso país.”

A propósito da dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, dos costumes e das tradições, a professora P1 afirmou que a dança de cada um dos países, pelas suas características e culturas próprias, transmitem costumes próprios.

P1: “Além de as danças serem uma característica de cada país, de uma cultura diferente, nos faz a partir daí transmitir aos alunos possíveis costumes (...) do nosso país.”

A professora P2 afirmou que as suas alunas são impulsionadas a estudar sobre as danças que estão a aprender.

P2: “(...) durante todo o percurso como professora, faço questão que as alunas procurem e estudem sobre o que estão a aprender.”

Relativamente às razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural, a entrevistada P1 afirmou que através do corpo as pessoas podem interagir com qualquer etnia ou raça e que o essencial é expressar-nos através da dança.

P1: “Acredito que através do corpo, a gente possa de qualquer forma nos interagir com qualquer que seja a etnia ou raça, pois o que importa é como podemos através da dança nos expressar.”

A professora P2 falou directamente das alunas de dança do ventre e afirmou que estas estarão em contacto com outras culturas, costumes, línguas (árabe).

P2: “(...) as minhas alunas de dança do ventre vão estar em contacto com outras culturas, outros costumes, outra língua e (...) muitas delas foram aprender árabe.”

Em relação à percepção e opinião acerca das danças brasileiras a entrevistada P1 afirmou que estas são o seu mundo e a sua realização pessoal e profissional. A entrevistada P2 afirmou que as mesmas danças são muito alegres. No que se refere à percepção e opinião acerca das danças orientais, a entrevistada P1 referiu que são de uma grande sensualidade, enquanto a entrevistada P2 considerou que todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se melhor, ajudando-as muito física e psicologicamente.

P2: “Acho que todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se muito melhor e ajuda-as muito a nível físico e psicológico.”

Tema C – Comunicação e Diálogo interculturais

Categoria I – Contributo do estudo e da prática da dança na comunicação e diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais
- *Subcategoria 2* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras

Categoria II – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1.* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Danças orientais

Categoria III – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1.* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2.* – Danças orientais

Indicadores:

No que se refere às influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais, a professora P1 afirmou que não pratica *dança do ventre*, ao passo que a professora P2 afirmou que o diálogo e a comunicação com pessoas de outras culturas ajudam no conhecimento de novas culturas, dos costumes dessas mesmas pessoas, ajudando na prática da dança do ventre. Afirmou também, por um lado, que as *danças orientais* facilitam a comunicação intercultural e, por outro lado, o diálogo e a comunicação intercultural ajudam muito na prática da dança oriental.

P2: “O diálogo e a comunicação com pessoas de outras culturas ajudam imenso no conhecimento de novas culturas, no conhecimento dos costumes dessas mesmas pessoas e com toda a certeza que isso ajuda muito na prática da dança oriental, facilitando a comunicação intercultural”

Relativamente às influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar *danças brasileiras*, a professora P1 afirmou que ao realizar estas danças há uma empatia com as pessoas que conhecem a música e as letras e há uma grande aceitação e receptividade da dança e cultura brasileira.

P1: “Uma empatia quase total, pois todo o mundo se identifica com a música e com a letra das músicas, e isso torna cada vez mais prazeroso estarmos em contacto com pessoas que têm uma receptividade e uma aceitação cada vez mais surpreendente.”

A professora P2 referiu que não lecciona dança brasileira.

No que diz respeito ao interesse em visitar os países das *danças brasileiras*, a entrevistada P1, de nacionalidade brasileira, afirmou que vai ao Brasil para actualização de competências profissionais.

P1: “Sou imigrante e sempre que posso vou à minha origem para assim estar sempre actualizada e sempre em busca de algo diferente para nunca deixar de crescer, pois quando não se busca novidades deixa-se de ser profissional.”

A entrevistada P2 afirmou que gostava de conhecer os países das *danças orientais*, para confirmar os seus estudos realizados sobre a cultura oriental.

P2: “Estudo bastante sobre o que lecciono e gostaria de saber se é assim mesmo na realidade.”

Quanto ao futuro das *danças brasileiras*, a professora P1 afirmou que a cada dia que passa estas danças vão tomando proporções maiores e é-lhes colocado um espírito novo e motivador. Quanto ao futuro das *danças orientais*, a professora P2 afirmou que este não é muito risonho.

P1: “A cada dia que passa vai tomando proporções maiores, e colocando nas danças brasileiras um espírito novo e motivador.”

Seguidamente, vamos descrever os quadros referentes ao Anexo 4: *Análise de Conteúdo das Entrevistas das Alunas (A1, A2, A3, A4, A5 e A6)*.

5.3.3. Entrevistas realizadas às Alunas

5.3.3.1. Entrevista realizada á Aluna A1 (cf. Anexo 4)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

A aluna, referindo-se às *danças brasileiras*, considerou que as motivações que a levaram a procurar as *danças brasileiras*, foram, por um lado, a possibilidade de expressividade e criatividade, e, por outro lado, a valorização da música e da dança brasileira.

A1: “(...) possibilidade que estas danças me oferecem nas dimensões da expressividade e da criatividade como também na valorização da música e da dança brasileira.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores:

Quanto à importância da dança na educação de crianças, jovens e adultos, a aluna considerou a dança uma forma de educação artística fundamental na educação. As crianças, os jovens e os adultos, segundo esta aluna, deveriam ter a oportunidade de conhecer a dança e experimentar dançar de uma forma criativa, expressiva e relaxadora.

A1: “(...) conhecer e experimentar a dança de uma forma criativa, expressiva e relaxadora.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1* – Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Conhecimento das danças orientais
- *Subcategoria 3* – Familiaridade das danças brasileiras
- *Subcategoria 4* – Familiaridade das danças orientais

Categoria III – Dificuldades das danças e razões das dificuldades

- *Subcategoria 1* – Dificuldade das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Dificuldade das danças orientais

Indicadores:

A aluna referiu que as danças brasileiras e as danças de salão (valsa vienense) constituem as suas danças preferidas.

As razões da preferência das danças brasileiras eram o ritmo, a alegria e a expressividade transmitidos pelas mesmas.

A1: “(...) as danças brasileiras pelo ritmo que contêm e pela alegria que exprimem e também pela expressividade.”

No que se refere ao conhecimento das *danças brasileiras*, a aluna respondeu conhecer o samba e o forró.

Quanto ao conhecimento das *danças orientais*, a entrevistada afirmou conhecer a dança do ventre e danças chinesas.

No que concerne à familiaridade com as *danças brasileiras*, a aluna referiu que dançou o samba, deixando-se encantar pelo ritmo, alegria, expressividade e sensualidade desta modalidade de dança.

A1: “(...) dancei o samba e encanta-me o ritmo, a alegria, a expressividade e a sensualidade (...)”

Quanto à familiaridade com as *danças orientais*, a aluna referiu ter dançado danças chinesas.

A aluna não encontra grandes dificuldades na realização das danças brasileiras.

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Considerando a dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento do indivíduo, a aluna respondeu que as danças são um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro.

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da religião, a entrevistada afirmou que através do outro, pode entrar-se nas questões e no conhecimento de religiões de cada povo e cultura.

No que concerne a dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, costumes e tradições, a aluna referiu que através das danças brasileiras e orientais, se entrava no mundo de outros povos e culturas. Este conhecimento motivador e cheio de interesse conduzia ao estudo e à percepção de outras culturas diferentes, onde as músicas, as coreografias e os movimentos eram diferentes.

A1: “(...) através do conhecimento das danças brasileiras e através das danças orientais entramos, rapidamente, no mundo de outros povos e culturas (...)”

O desejo imediato de contactar com as culturas constituiu a razão, segundo a aluna, pela qual a dança contribui para o diálogo intercultural.

A1: “ (...) através da dança sente-se de imediato o desejo de contactar com pessoas dessas culturas (...)”

A aluna afirmou estar interessada em visitar os países das *danças brasileiras e orientais*, por um lado, pela diversidade cultural dos países, e, por outro lado, pelas danças, cujas raízes provêm dessas mesmas culturas.

A1: “(...) pela diversidade cultural em cada país e pelas danças cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas. “

Quanto ao futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal, a aluna referiu que as escolas e ginásios, onde existia a faceta da dança, tinham uma preocupação crescente na divulgação de danças de outras culturas. Referiu mesmo que tanto ginásios como escolas convidam professores nativos para ensinarem as danças das suas culturas, factor fundamental para a motivação dos alunos e enriquecimento da nossa própria cultura.

A1: “(...) as escolas de dança e ginásios onde existe a vertente da dança se preocupam cada vez mais na sua divulgação (...).”

Tema E – Razões para a escolha das danças neste ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem, motivação e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem das danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

No que se refere às motivações gerais para a escolha das danças no GVN, a aluna referiu a proximidade da residência.

O interesse por danças de outras culturas, por um lado, e o interesse por actividades diferentes ao nível da dança fora do país, por outro, são motivos interculturais que levaram a aluna a escolher as danças brasileiras neste ginásio.

As danças que está a aprender são as danças brasileiras.

As motivações para as danças foram já descritas em cima, além da expressividade e originalidade que a dança brasileira lhe oferece.

Gosta das danças que pratica.

“No momento actual estou a aprender danças brasileiras.”

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

No que concerne à aprendizagem, anterior ao GVN, de modalidades de dança, a aluna refere que já dançou danças de salão.

A1: “Aprendi danças de salão.”

5.3.3.2. Entrevista realizada à Aluna A2 (cf. Anexo 4)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

A aluna referiu que as motivações que estão na base da procura das danças de outras culturas eram a perda de peso e o gosto pessoal pela dança.

A2: “A dança faz perder peso. Tenho um gosto pessoal na actividade da dança.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores:

No que se refere à importância da dança na educação de crianças, jovens e adultos, a aluna referiu que a dança trazia benefícios para a saúde, relaxava, fazia exercitar a mente e o corpo, era uma forma de exercício físico. A aluna disse também que a música e a dança ajudavam a descontrair e a encarar a vida de outra forma.

A2: “ (...) ajudam-nos a descontrair e a encarar a vida de outra forma.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1* – Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Conhecimento das danças orientais
- *Subcategoria 3* – Familiaridade das danças brasileiras
- *Subcategoria 4* – Familiaridade das danças orientais

Categoria III – Dificuldades das danças e razões das dificuldades

- *Subcategoria 1* – Dificuldade das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Dificuldade das danças orientais

Indicadores:

As danças preferidas da aluna eram as danças brasileiras.

Tem conhecimento do samba e do forró enquanto danças brasileiras.

Tem conhecimento de danças orientais tais como a dança do ventre.

Dançou já danças brasileiras.

Em questão de dificuldades em relação às danças brasileiras, a aluna referiu que estas prendem-se com a falta de prática e de competências ao nível da dança.

A2: “Falta de prática e falta de competências no sentido de perceber este tipo de dança.”

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro – conhecimento da história, dos costumes, das tradições, a aluna respondeu que as danças podiam contribuir para conhecer os povos brasileiros e orientais e a forma como vivem e se expressam. Disse também que as danças de outras culturas podem contribuir para o conhecimento da vivência dessas mesmas culturas.

A2: “Poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e os povos que habitam o Oriente, a forma como vivem, a forma como se expressam. De certo modo, as vivências destas culturas.”

Segundo a aluna, a dança contribuía para o diálogo intercultural, porque colocava povos de outras culturas em contacto.

A2: “(...) porque nos põe em contacto, ainda que de forma indirecta, com povos de outras culturas.”

A aluna estava interessada em visitar os países das danças brasileiras e orientais.

Quanto ao futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal, a aluna afirmou que estas danças se estavam a expandir.

Tema E – Razões para a escolha das danças neste Ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no “Ginásio da Venda Nova”

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem, motivação e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem de que danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

As motivações gerais para a inscrição no GVN foram: a perda de peso.

A motivação intercultural foi a aprendizagem de *danças brasileiras*.

A2: “Para aprender danças brasileiras e perder peso.”

A aluna referiu que está a aprender *danças brasileiras*.

A motivação para as *danças brasileiras* consistiu na professora que a motiva muito e a ajuda a compreender melhor as danças em questão.

Referiu que gosta das *danças brasileiras*, porque a obriga a conhecer a cultura do povo brasileiro e a sentir-se mais descontraída.

A2: “(...) Porque me obriga a sentir mais descontraída, a conhecer a cultura do povo brasileiro.”

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

A aluna não aprendeu danças anteriormente à sua prática no GVN.

5.3.3.3. Entrevista realizada à Aluna A3 (cf. Anexo 4)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

As motivações para a prática da dança, por parte da aluna, foram a descontração geral, o convívio interpessoal, o esquecer dos problemas e o aprender a dançar danças brasileiras.

A3: “As razões prendem-se com a descontração geral, o convívio interpessoal, o esquecer dos problemas e também o aprender a dançar as danças brasileiras.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores:

A aluna referiu que a dança é muito importante na educação ao nível da postura, ao nível da maneira de estar, da disciplina e do espírito de equipa.

A3: “(...) é sem dúvida muito importante ao nível da postura, da maneira de estar, da disciplina, do espírito de equipa.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1* – Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Conhecimento das danças orientais
- *Subcategoria 3* – Familiaridade das danças brasileiras
- *Subcategoria 4* – Familiaridade das danças orientais

Categoria III – Dificuldades das danças e razões da dificuldade

- *Subcategoria 1* – Dificuldade das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Dificuldade das danças orientais

Indicadores:

A aluna respondeu que prefere *danças brasileiras*, nomeadamente o *forró*.

Conhece o *forró*.

Conhece a *dança do ventre* como *dança oriental*.

Nas danças brasileiras, a aluna afirmou encontrar ritmos bem marcados, alegria, movimento e uma grande expressividade.

Na dança do ventre disse encontrar uma dança com maior sensualidade.

As dificuldades encontradas nas danças brasileiras foram a adaptação aos ritmos e saber os passos.

A3: “As dificuldades tiveram a ver com o adaptar-me aos ritmos e saber os passos (...)”

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, dos costumes e das tradições, a aluna referiu que estas danças podem contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, os seus costumes e a sua história. Referiu que podemos ter noção de como os povos orientais vivem e se expressam através da dança e da música.

As razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural prendem-se, segundo a aluna, com o facto de no encontro com brasileiros e orientais haver um maior conhecimento sobre a dança em si.

Para a aluna, o Brasil é um dos países que gostaria de conhecer.

Quanto ao futuro das danças brasileiras e orientais, a aluna referiu que, em Portugal, estas danças estão bem implementadas e continuarão a surgir novas escolas e ginásios com estas modalidades de dança.

A3: “(...) Acho que quando estivermos com as pessoas brasileiras temos mais conhecimentos sobre a dança em si, assim como com as pessoas orientais.”

Tema E – Razões para a escolha das danças neste Ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem, motivação e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem de que danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

A aluna inscreveu-se no GVN por ordens médicas, para ajudar a emagrecer, para conhecer novas pessoas e para passar o tempo. Estas são as motivações gerais que a levaram à sua inscrição.

As motivações interculturais prendem-se com a aprendizagem de *danças brasileiras*.

A3: “Inscrevi-me para ajudar a emagrecer, por ordens médicas, para conhecer novas pessoas, para passar o meu tempo, para aprender a dançar danças brasileiras.”

A aluna está a aprender *danças brasileiras*.

As principais motivações para a aprendizagem de *danças brasileiras* são: o facto de gostar muito da professora, da música brasileira e a possibilidade de aprender uns passos de dança.

A aluna demonstrou interesse nas danças que está a aprender.

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

A aluna não aprendeu danças anteriormente à inscrição no GVN.

5.3.3.4. Entrevista realizada à Aluna A4 (cf. Anexo 4)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

A aluna de *dança do ventre* referiu que as motivações que estão na base da procura das danças orientais são os sentimentos de bem-estar, auto-estima e de libertação.

A4: “(...) A dança faz-me sentir bem, ajudou-me muito na minha auto-estima e faz-me libertar.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores

A aluna referiu que a *dança do ventre* é importante na educação de crianças, jovens e adultos pela postura, pela sensualidade, pela forma de andar. Constitui uma forma de exercício físico e de orientação e equilíbrio afectivo e emocional.

A4: “(...) pela postura. Ajuda imenso. Na sensualidade, na forma de andar. É uma forma de exercício físico, orientação e equilíbrio afectivo e emocional.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1* – Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Conhecimento das danças orientais
- *Subcategoria 3* – Familiaridade das danças brasileiras
- *Subcategoria 4* – Familiaridade das danças orientais

Categoria III – Dificuldades das danças e razões da dificuldade

- *Subcategoria 1* – Dificuldade das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Dificuldade das danças orientais

Indicadores:

As danças preferidas da entrevistada são a *dança do ventre*, a *dança brasileira*, os *ritmos latinos* e os *ritmos africanos*.

A aluna enquadra-se nas danças mencionadas, fazendo-a sentir-se solta e liberta e fazendo-a esquecer os problemas.

A aluna referiu conhecer *danças brasileiras* como o *samba*, o *forró* e o *axé*.

Referiu conhecer *danças orientais* como a *dança do ventre* em várias situações: *saggats*, *bandeja*, etc.

Já dançou *danças brasileiras*.

Já dançou a *dança do ventre* com acessórios (*bandeja*, *véu*, *velas*, *asas dizis*) e sem acessórios (*corporal*).

Quanto às dificuldades das *danças orientais*, em concreto na *dança do ventre*, a entrevistada referiu que sente dificuldades em soltar o corpo, em fazer o repartido do corpo, nos movimentos em si e na delicadeza das mãos.

A4: “Encontrei dificuldades em soltar o corpo e conseguir fazer o repartido do corpo, os movimentos em si, principalmente a delicadeza das mãos, na *dança do ventre*.”

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da religião, a entrevistada referiu que os orientais, através da dança do ventre, são considerados um povo com mais rituais, onde as crenças emergem em maior profundidade.

A4: “(...) Os orientais, através da dança do ventre, são mais vinculados na cultura, em relação aos rituais e às crenças. As crenças emergem com mais profundidade.”

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, dos costumes e das tradições, a aluna referiu que através da dança brasileira consegue-se perceber que o povo brasileiro é um povo mais *quente* nas suas atitudes.

A3: “Através da dança brasileira conseguimos perceber que o povo brasileiro é um povo mais quente.”

No que se refere às razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural, a aluna referiu, especificamente, que quando compra roupas de bailarina de *dança do ventre* é tratada de uma outra forma, havendo uma grande interacção com os indianos.

No que diz respeito ao interesse em visitar os países das *danças brasileiras e orientais*, a aluna referiu que gostaria de visitar e conhecer a Índia, o Egipto, a Síria e Marrocos, pois entende que ficaria mais enriquecida como pessoa e poderia conhecer mais um pouco destes países e destas culturas, para além da dança.

A4: “Gostava de viajar e conhecer a Índia, o Egipto, a Síria, Marrocos, porque acho que me iria enriquecer como pessoa e

para conhecer, mais um bocadinho destes países e destas culturas, para além da dança.”

No que se refere ao futuro das *danças orientais e brasileiras*, a aluna referiu que estão a diversificar-se mais.

A4: “Penso que se estão a diversificar mais.”

Tema E – Razões para a escolha das danças neste ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem, motivação e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem das danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

A motivação de ordem intercultural, que está na base da escolha das danças neste ginásio por parte da aluna, é a existência no ginásio de aulas de *dança do ventre*.

A dança que está a aprender é precisamente a dança do ventre.

A motivação para a dança do ventre tem a ver com o facto de ser uma dança muito sensual, com uma cultura muito interessante. A aluna referiu que através dela podemos aprender a conhecer bem o corpo.

A3: “Estou a aprender dança do ventre (...). Porque é uma dança muito sensual, com uma cultura muito interessante. No fundo ensina-nos a conhecer muito bem o nosso corpo.”

A aluna referiu ter interesse na dança que pratica.

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

A entrevistada dançou as seguintes danças, anteriormente ao GVN: *danças de salão*, *axé*, *samba* e *ritmos africanos* como o *kizomba*.

A4: “Aprendi axé, samba e frequentei danças de salão. Dancei também ritmos africanos nomeadamente kizomba.”

5.3.3.5. Entrevista realizada à Aluna A5 (cf. Anexo 4)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

A aluna de dança do ventre e danças brasileiras teve como principais motivações na procura da dança: a diversão, a procura de exercício físico e o gosto pela música.

A5: “As razões são: em primeiro lugar, porque me divirto imenso, em segundo lugar, porque procuro fazer exercício físico e em terceiro lugar, porque adoro música.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores:

Em relação à importância da dança para a educação de crianças, jovens e adultos, a entrevistada afirmou que através da dança se aprende a trabalhar em grupo e que a dança contribui para o desenvolvimento.

A5: “(...) considero a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos, porque estes aprendem a trabalhar em grupo e ajuda-os no desenvolvimento.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1* – Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Conhecimento das danças orientais
- *Subcategoria 3* – Familiaridade das danças brasileiras
- *Subcategoria 4* – Familiaridade das danças orientais

Categoria III – Dificuldades das danças e razões das dificuldades

- *Subcategoria 1* – Dificuldade das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Dificuldade das danças orientais

Indicadores:

A dança preferida da aluna é a *dança do ventre*.

Conhece as *danças brasileiras* como o *samba*, o *farró* e o *axé* entre outras danças brasileiras.

Em termos de *danças orientais* conhece a *dança do ventre* e as suas variantes, conforme os países e os adereços utilizados.

Já dançou o *samba* e *ritmos brasileiros*.

Já dançou *dança do ventre*.

As dificuldades sentidas na *dança do ventre* são ao nível da coordenação dos movimentos.

A5: “Algumas dificuldades a nível da coordenação.”

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, dos costumes e das tradições, a entrevistada respondeu que, antes de iniciar qualquer tipo de dança, costuma estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história. Ao nível das aulas é-lhe dada informação sobre essas mesmas culturas.

A5: “No meu caso, antes de iniciar qualquer tipo de dança, costumo estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história, e, mesmo ao nível das aulas é-nos dada informação sobre essas mesmas culturas.”

As razões pelas quais a aluna refere que a dança contribui para o diálogo intercultural prendem-se com o facto de, através da dança, ser possível entender melhor as pessoas de outras culturas e elas a nós.

A5: “(...) nós entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor.”

A aluna gostaria de visitar os países das *danças brasileiras e orientais*. Gostaria de conhecer a Índia, o Brasil, Marrocos, o Egipto e outros países.

Quanto ao futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal, a aluna referiu que estas estão cada vez mais enraizadas no nosso país e que as pessoas vão tomando conhecimento e aderindo cada vez mais.

A5: “Estas danças estão cada vez mais enraizadas, as pessoas vão tomando conhecimento e aderindo cada vez em maior número.”

Tema E – Razões para a escolha das danças neste ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem, motivação e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem de que danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

As motivações gerais para a inscrição no GVN foram a proximidade da residência, assim como a razoabilidade dos preços.

Quanto às motivações interculturais, a entrevistada referiu a existência de modalidades apelativas como a *dança do ventre*.

A5: “Além de ser perto de casa, os preços eram razoáveis, as modalidades apelativas nomeadamente a dança do ventre.”

A aluna está a aprender danças brasileiras e a dança do ventre.

Escolheu estas danças, porque estas ajudam fisicamente ao nível da saúde e também ajudam psicologicamente pois ajudam-na a desinibir-se.

A5: “Escolhi estas danças porque me ajudam fisicamente e também a nível psicológico, visto que sou uma pessoa tímida e a dança ajuda-me a desinibir-me. A nível físico é a questão da saúde.”

A aluna tem interesse nas danças que pratica.

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

As modalidades de dança aprendidas anteriormente ao GVN foram o *samba*, a *dança do ventre* e o *hip-hop*.

A5: “Aprendi samba, danças de salão, hip hop e dança do ventre.”

5.3.3.6. Entrevista da Aluna A6 (cf. Anexo 4)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Quanto às motivações que levaram a procurar a dança, a aluna respondeu: pelo bem-estar psicológico e emocional e porque despende tempo só para si.

A6: “Pelo bem-estar físico, psicológico e emocional. Pelo facto de despende tempo só comigo, um espaço para mim acho que é muito importante. São estas as razões.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores:

Relativamente à importância da dança para a educação de crianças, jovens e adultos, a entrevistada respondeu que a dança contribuía para o bem-estar físico, era uma forma de socialização e de convívio, contribuía para o desenvolvimento e para a transformação pessoal.

A6: “Muito, muito importante. Não só pelo bem-estar físico, mas como uma forma de socialização e convívio e também de desenvolvimento e transformação pessoal.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1 – Conhecimento das danças brasileiras*
- *Subcategoria 2 – Conhecimento das danças orientais*
- *Subcategoria 3 – Familiaridade das danças brasileiras*
- *Subcategoria 4 – Familiaridade das danças orientais*

Categoria III – Dificuldades das danças e razões das dificuldades

- *Subcategoria 1 – Dificuldade das danças brasileiras*
- *Subcategoria 2 – Dificuldade das danças orientais*

Indicadores:

As danças preferidas da aluna são a *dança do ventre* e o *zumba*.

As razões da preferência que a aluna deu foram: porque trabalham muito bem a parte física, ajudam na sensualidade e contribuem para o bem-estar pessoal e familiar.

Quanto ao conhecimento das *danças brasileiras*, a aluna conhece o *samba* e o *forró*.

Quanto ao conhecimento das *danças orientais* referiu conhecer a *dança do ventre*.

Já dançou *axé*, *forró* e *samba*.

Já dançou *dança do ventre*.

Em relação às dificuldades das danças orientais, a aluna vê-as como um desafio, porque a obriga a trabalhar e a esforçar-se mais.

A6: “Na dança do ventre e no zumba eu vejo as dificuldades num sentido de desafio, porque obriga-nos a trabalhar e a esforçar-nos mais (...).”

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, dos costumes e das tradições, a aluna afirmou que estas danças são um contributo para conhecer o Brasil. O povo brasileiro é conhecido como um povo alegre e festivo, daí as danças brasileiras terem tantos seguidores. Ao sair das danças brasileiras, a aluna sai com alegria, satisfeita, percebendo melhor o povo brasileiro. Em relação à dança do ventre, a entrevistada afirma que esta dança é uma porta para despertar o interesse pelas culturas orientais, é um despertar para essa consciência. Antes de se ouvir música oriental e antes da dança do ventre, não se tinha conhecimento nem interesse pela cultura oriental, mas com a expansão que se tem assistido desta dança, existe um maior interesse até de visitar os países do Oriente onde se pratica a dança do ventre.

A6: “Estas danças são um contributo importante para conhecermos o Brasil. O povo brasileiro é conhecido como sendo um povo alegre e festivo (...). A dança do ventre é uma porta para despertar o interesse pelas culturas orientais (...).”

Quanto às razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural, a entrevistada indicou que a dança é uma forma de comunicação e de expressão e que através da dança, as pessoas conseguem expressar a sua maneira de ser.

A6: “Claro, obviamente. Muito importante. A dança é uma forma de comunicação. Só pela dança em si se consegue exprimir a pessoa que se é. É uma forma de expressão.”

Relativamente ao interesse em visitar os países das *danças brasileiras e orientais*, a entrevistada respondeu que se encontra motivada e que os países das danças em

questão fazem parte da sua *lista de sonhos*: o Brasil pelo sol, alegria e samba e o Oriente pelo misticismo, a sensualidade e a beleza.

A6: “Muito! Fazem parte da minha lista de sonhos. O Brasil equivale a sol, alegria, samba. É tudo isto que me desperta. No Oriente o que me desperta é o misticismo, a sensualidade, a beleza.”

Quanto ao futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal, a aluna A6 referiu que existirão cada vez mais escolas e ginásios com modalidades de dança, com diferentes vertentes.

Tema E – Razões para a escolha das danças neste ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem das danças, motivações e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem de que danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

As motivações gerais para a inscrição no GVN foram: a acessibilidade, qualidade e preços.

A aluna está a aprender *dança do ventre e zumba*.

As motivações para as danças referenciadas são: a alegria, o tentar vencer desafios e o aperfeiçoamento da forma física.

A6: “Pela alegria, pelo tentar vencer desafios e aperfeiçoar a minha forma física.”

A entrevistada tem interesse nas danças que está a aprender, por todos os motivos referidos e pela experiência de aprender coisas novas.

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

A aluna frequentou aulas de ginástica antes de se inscrever no GVN.

Por último, vamos descrever o quadro referente ao Anexo 5: *Síntese da Análise de Conteúdo das Entrevistas das Alunas (A1, A2, A3, A4, A5 e A6)*.

5.3.5. Síntese da Análise de Conteúdo das Entrevistas das Alunas (cf. Anexo 5)

Tema A – Dança e Motivação

Categoria I – Motivações que levam a procurar a dança

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Relativamente às motivações que levam as alunas a procurarem as danças brasileiras e orientais, encontramos os seguintes tipos de indicadores: 1) motivações que estão ligadas ao gosto pela música e pela dança, 2) motivações pessoais de ordem física e 3) motivações de ordem psicológica e emocional.

Em relação ao primeiro tipo de indicadores encontramos as seguintes respostas: valorização da música brasileira e da dança brasileira – A1 e A5; gosto pessoal na actividade da dança – A2; aprender a dançar este tipo de danças – A3.

A3: “As razões prendem-se com (...) o aprender a dançar as danças brasileiras.”

No que se refere ao segundo tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: perda de peso – A2 e fazer exercício – A5.

A5: “As razões são: (...) procuro fazer exercício (...)”

Relativamente ao terceiro tipo de indicadores constatámos que existem respostas diferentes e variadas: possibilidade de expressividade e de criatividade – A1; descontração geral – A3; convívio interpessoal – A3; esquecer problemas – A3; sentimento de bem-estar – A4; ajuda na auto-estima – A4; acção libertadora – A4; diversão – A5; disponibilidade de tempo só para si – A6 e bem-estar físico, psicológico e emocional – A6.

A6: “Pelo bem-estar físico, psicológico e emocional.”

Tema B – Educação e Dança

Categoria I – Importância da dança para a Educação

- *Subcategoria 1* – Educação de crianças, jovens e adultos

Indicadores:

Relativamente à importância da dança para a educação de crianças, jovens e adultos encontramos os seguintes tipos de indicadores: 1) educação em geral, 2) educação para o desenvolvimento físico e 3) educação para o desenvolvimento psicológico e bem-estar.

Em relação ao primeiro tipo de indicadores encontramos as seguintes respostas: a dança é uma forma de educação artística, fundamental na educação, na sua globalidade – A1; as crianças, jovens e adultos deveriam ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma criativa e expressiva – A1; as crianças, jovens e adultos aprendem a trabalhar em grupo – A5; a dança contribui para o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos – A5 e A6; a dança é uma forma de socialização e convívio – A6; a dança é uma forma de transformação pessoal – A6.

A6: “ (...) uma forma de socialização e convívio e também de desenvolvimento e transformação pessoal.”

Em relação ao segundo tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: crianças, jovens e adultos deteriam de ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma relaxadora – A1 e A2; a dança faz muito bem à saúde – A2; a dança é uma forma de exercício físico – A2, A4 e A6; a dança é muito importante ao nível da postura – A3 e A4, e na forma de andar – A4.

A4: “ (...) pela postura. (...) na forma de andar. É uma forma de exercício físico.”

No que respeita ao terceiro tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: a dança faz exercitar a mente – A2; a música e a dança ajudam a descontrair – A2; a dança ajuda a encarar a vida de outra forma – A2; a dança é muito importante na maneira de estar – A3, na disciplina – A3, no espírito de equipa – A3, na sensualidade – A4, e na orientação e equilíbrio afectivo e emocional – A4.

A3: “ (...) é sem dúvida muito importante ao nível (...) da maneira de estar, da disciplina, do espírito de equipa.”

Tema C – Aptidões para as diferentes danças

Categoria I – Danças preferidas dos alunos

- *Subcategoria 1 - Danças preferidas*
- *Subcategoria 2 – Razões da preferência*

Categoria II – Conhecimento e familiaridade das danças

- *Subcategoria 1* – Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Conhecimento das danças orientais
- *Subcategoria 3* – Familiaridade das danças brasileiras
- *Subcategoria 4* – Familiaridade das danças orientais

Categoria III – Dificuldades das danças e razões das dificuldades

- *Subcategoria 1* – Dificuldade das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Dificuldade das danças orientais

Indicadores:

Relativamente às danças preferidas das alunas obtivemos as seguintes respostas: danças de salão particularmente a valsa vienense – A1; danças brasileiras – A1, A2 e A3 e A4; dança do ventre – A4, A5 e A6; ritmos latinos – A4; ritmos africanos – A4 e zumba – A6.

A5: “(...) a dança do ventre tem prioridade.”

No que se refere às razões da preferência das danças encontramos três tipos de respostas: 1) danças brasileiras, 2) dança do ventre e zumba e 3) dança do ventre, brasileira, latina e africana.

Quanto ao primeiro tipo de respostas encontramos o seguinte indicador: pelo ritmo, alegria e expressividade – A1.

A1: “(...) aprecio substancialmente as danças brasileiras pelo ritmo que contêm e pela alegria que exprimem e também pela expressividade.”

Em relação ao segundo tipo de respostas obtivemos os seguintes indicadores: trabalha muito bem a parte física – A6, ajuda na sensualidade – A6, contribui para o bem-estar pessoal e familiar – A6.

A6: “ Gosto muito de zumba, porque acho que trabalha muito bem a parte física, mas também ajuda na sensualidade. Contribui, por isso, para o bem-estar pessoal e familiar (...) também gosto de dança do ventre.”

No que respeita ao terceiro tipo de respostas encontramos os seguintes indicadores: enquadro-me nestas danças – A4, fazem-me sentir solta e liberta – A4; fazem esquecer os problemas – A4.

A4: “As minhas danças preferidas são a dança do ventre, a dança brasileira, os ritmos latinos e africanos, porque são danças nas quais me enquadro, fazem-me sentir solta, liberta, fazem-me esquecer os problemas.”

Relativamente ao conhecimento das danças brasileiras obtivemos os seguintes indicadores: samba – A1, A2, A4, A5 e A6; forró – A1, A2, A3, A4, A5 e A6; axé – A4 e A5, e outras danças brasileiras – A5.

A5: “(...) conheço o samba, o forró, o axé entre outras danças brasileiras.”

Quanto ao conhecimento das danças orientais obtivemos as seguintes respostas: dança do ventre – A1, A2, A3, A4, A6; dança do ventre e suas variantes, conforme os países e os adereços utilizados – A5.

A5: “ (...) conheço a dança do ventre e suas variantes, conforme os países e os adereços utilizados. “

Em relação à familiaridade das danças brasileiras obtivemos as seguintes respostas: dancei o samba – A1, A5 e A6; dancei danças brasileiras – A2, A4 e A5; dancei o axé – A6; dancei o forró – A6; encanta-me o ritmo, a alegria e expressividade e a sensualidade – A1; encontrei ritmos bem marcados, alegria, movimento e uma grande expressividade – A3.

A6: “ Já dancei o axé, forró, samba (...).”

Em relação à familiaridade das danças orientais obtivemos as seguintes respostas: dancei dança do ventre – A6; já dancei dança do ventre com acessórios (bandeja, véu, velas, asas d'izis) e sem acessórios (corporal) – A4; encontrei uma dança com maior sensualidade, especialmente dedicada às mulheres – A3; dancei danças chinesas, das quais gostei imenso – A1.

A4: “Já dancei dança do ventre com bandeja, com véu, com velas, com asas d'izis e corporal (sem acessórios) (...).”

Em relação às dificuldades das danças brasileiras obtivemos as seguintes respostas: falta de prática e de competência – A2; adaptação aos ritmos e saber os passos – A3; não encontrei grandes dificuldades – A1.

A1: “Não encontrei grandes dificuldades (...).”

No que se refere às dificuldades das danças orientais encontramos os seguintes indicadores: soltar o corpo – A4; fazer o repartido do corpo – A4; movimentos em si – A4; delicadeza das mãos – A4; coordenação – A5.

A4: “Encontrei dificuldades em soltar o corpo e conseguir fazer o repartido do corpo, os movimentos em si, principalmente a delicadeza das mãos, na dança do ventre.”

Tema D – Dança e Interculturalidade

Categoria I – A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, dos costumes e das tradições

Categoria II – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural.

Categoria III – Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais
- *Subcategoria 2* – Danças orientais
- *Subcategoria 3* – Danças brasileiras

Categoria IV – Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

Em relação à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro - conhecimento do indivíduo, encontramos o seguinte indicador: as danças são um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro – A1.

A1: “Claro que as danças são um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro (...).”

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro - conhecimento da religião encontramos os seguintes indicadores: através do conhecimento do outro, pode-se entrar nas questões e no conhecimento de religiões

de cada povo e cultura – A1; os orientais são um povo com mais rituais e crenças profundas, a dança do ventre reflecte esses rituais e crenças - A4.

A4: “Com os orientais (...) conseguimos perceber os seus rituais (...). Os orientais, através da dança do ventre, são mais vincados na cultura, em relação aos rituais e crenças. As crenças emergem com mais profundidade.”

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro – conhecimento da história, dos costumes e das tradições encontramos os seguintes tipos de indicadores: 1) danças brasileiras e orientais, 2) danças brasileiras e 3) danças orientais.

No que se refere ao primeiro tipo de indicadores encontramos as seguintes respostas: através do conhecimento das danças brasileiras e orientais entramos rapidamente no mundo de outros povos e culturas – A1; este conhecimento motivador e cheio de interesse conduz-nos ao estudo e à percepção de outras culturas diferentes da nossa, onde as músicas, as coreografias e os movimentos são diferentes – A1; as danças poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e o Oriente e a forma como vivem e se expressam – A2; as danças brasileiras e orientais poderão contribuir para o conhecimento da vivência destas culturas (brasileira e oriental) – A2; antes de iniciar qualquer tipo de dança, costumo estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história – A5; ao nível das aulas é-nos dada informação sobre essas mesmas culturas (brasileira e oriental) – A5.

A2: “Poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e os povos que habitam o Oriente, a forma como vivem, a forma como se expressam. De certo modo, as vivências destas culturas.”

No que se refere ao segundo tipo de indicadores encontramos as seguintes respostas: poderão contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, os seus costumes e a sua história – A3; estas danças são um contributo importante para conhecermos o Brasil – A6; o povo brasileiro é conhecido como um povo alegre e festivo; através da dança brasileira conseguimos perceber que o povo brasileiro é um povo mais “quente” – A4.

A6: “Estas danças são um contributo importante para conhecermos o Brasil. O povo brasileiro é conhecido como sendo um povo alegre e festivo, daí as danças brasileiras terem

tantos seguidores. Ao sair destas danças saio com alegria, satisfeita e percebo melhor esse povo (...).”

No que se refere ao terceiro tipo de indicadores encontramos as seguintes respostas: a dança e a música permitem-nos ter noção de como vivem e expressam os povos orientais – A3; com os orientais conseguimos perceber os seus rituais, mas de forma diferente – A4; a dança do ventre é uma porta para despertar o interesse e consciência pelas culturas orientais - A6; com a expansão que se tem assistido da dança do ventre existe um maior interesse em visitar os países do Oriente - A6.

A6: “(...) A dança do ventre é uma porta para despertar o interesse pelas culturas orientais (...).”

Em relação às razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural encontramos as seguintes respostas: através da dança sente-se de imediato o desejo de contactar com pessoas de outras culturas – A1; a dança coloca as pessoas em contacto com povos de outras culturas – A2; as danças e as culturas brasileiras e orientais são melhor conhecidas quando nos encontramos com brasileiros e orientais – A3; porque através da dança entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor – A5; porque a dança é uma forma de comunicação e de expressão – A6; só pela dança em si se consegue mostrar a pessoa que se é – A6; na compra de roupas próprias da dança do ventre, as bailarinas interagem mais com os indianos – A4.

A5: “ Sim, porque nos põe em contacto (...) com os povos de outras culturas.”

No que se refere ao *interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais* obtivemos os seguintes indicadores: gostaria de visitar os países das danças brasileiras e orientais – A1, A2, A3, A4, A5 e A6; pela diversidade cultural em cada país e pelas danças, cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas – A1; porque entendo que ficaria mais enriquecida como pessoa e para conhecer mais um pouco destes países e destas culturas, para além da dança – A4; gostava de conhecer a Índia, o Brasil, Marrocos, Egipto e outros países – A5.

A4: “(...) porque acho que me iria enriquecer como pessoa e para conhecer, mais um bocadinho destes países e destas culturas, para além da dança.”

No que se refere ao *interesse em visitar os países das danças orientais* obtivemos os seguintes indicadores: gostava de viajar e conhecer a Índia, o Egípto, a Síria, Marrocos – A4; no Oriente, o que me desperta é o misticismo, a sensualidade e a beleza – A6.

A6: “ (...) No Oriente o que me desperta é o misticismo, a sensualidade, a beleza.”

No que se refere ao *interesse em visitar os países das danças brasileiras* obtivemos os seguintes indicadores: o Brasil é um dos países que sem dúvida adorava conhecer – A3; estes países fazem parte da minha lista de sonhos: o Brasil equivale a sol, alegria, samba – A6.

A6: “Muito! Fazem parte da minha “lista de sonhos”: o Brasil equivale a sol, alegria, samba. É tudo isto que me desperta.”

Em relação ao futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal obtivemos as seguintes respostas: as escolas e ginásios onde existe a vertente da dança têm uma preocupação crescente na divulgação de danças de outras culturas, pois convidam professores nativos das próprias culturas para ministrarem a docência dessas danças e estes factores são fundamentais para a motivação dos alunos e para o enriquecimento da nossa própria cultura – A1; em Portugal estas danças estão bem implementadas – A3 e A5; continuarão a surgir novas escolas e ginásios com estas modalidades de dança – A2, A3 e A6; estas danças estão a ser mais diversificadas – A4; as pessoas vão tomando conhecimentos e aderindo cada vez em maior número – A5.

A2: “Penso que cada vez mais em Portugal as escolas de dança e ginásios com estas modalidades de dança estão a proliferar por todos os lados.”

Tema E – Razões para a escolha das danças neste ginásio

Categoria I – Motivações para se inscrever no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Motivações em geral
- *Subcategoria 2* – Motivações interculturais

Categoria II – Aprendizagem das danças, motivações e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* – Aprendizagem de que danças
- *Subcategoria 2* – Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* – Interesse nas danças

Indicadores:

Relativamente às motivações gerais para a inscrição no GVN encontramos os seguintes indicadores: proximidade da residência – A1, A5 e A6; perda de peso – A2 e A3; questões clínicas – A3; conhecer novas pessoas – A3; passar o tempo – A3; preços razoáveis – A5, A6; qualidade – A6.

A3: “ Inscrevi-me para ajudar a emagrecer, por ordens médicas, para conhecer novas pessoas, para passar o meu tempo (...).”

Em relação motivações interculturais para a inscrição no GVN encontramos os seguintes indicadores: interesse por danças com carácter intercultural – A1; interesse por actividades diferentes ao nível da dança, fora do meu país – A1; aprender danças brasileiras – A2 e A3; aprender dança do ventre – A4 e A5.

A2: “Para aprender danças brasileiras (...).”

Relativamente às danças que as alunas estão a aprender obtivemos as seguintes respostas: danças brasileiras – A1, A2, A3, A5; dança do ventre – A4, A5, A6; zumba – A6.

A5: “Dança do ventre e danças brasileiras.”

Em relação às motivações para as diferentes danças que estão a aprender obtivemos os seguintes tipos de indicadores; 1) dança e música, 2) professor, 3) razões físicas e 4) razões psicológicas e bem-estar.

No que se refere ao primeiro tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: pela expressividade, originalidade que a dança brasileira me oferece – A1; porque gosto muito da música brasileira – A3; porque queria aprender uns passos de dança – A3.

A1: “ (...) sobretudo pela expressividade e pela originalidade que esta dança me oferece.”

Quanto ao segundo tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: porque tenho uma professora que me motiva bastante – A2; porque tenho uma professora que nos ajuda a compreender melhor esta dança – A2; porque gosto muito da professora – A3.

A2: “Porque tenho uma professora que me motiva bastante (...).”

Relativamente ao terceiro tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: através desta dança (dança do ventre), aprende-se a conhecer bem o corpo – A4; ajudam a aperfeiçoar a minha forma física – A5 e A6.

A4: “(...) No fundo ensina-nos a conhecer muito bem o nosso corpo [a dança do ventre].”

No que se refere ao quarto tipo de indicadores obtivemos as seguintes respostas: porque é uma dança muito sensual – A4; porque é uma dança com uma cultura muito interessante – A4; ajudam ao nível psicológico, visto que sou uma pessoa tímida e a dança ajuda-me a desinibir-me – A5; pela alegria – A6; pelo tentar vencer os desafios – A6. A entrevistada A1 também refere: pelas razões já descritas.

A6: “Pela alegria, pelo tentar vencer os desafios (...)”

Relativamente ao interesse nas danças que estão a aprender obtivemos os seguintes indicadores: porque me obriga a sentir mais descontraída – A2; porque me obriga a conhecer a cultura do povo brasileiro – A2; pela experiência de aprender coisas novas – A6; por todos os motivos que já referi – A6.

A2: “Gosto. Porque me obriga a sentir mais descontraída, a conhecer a cultura do povo brasileiro.”

Tema F – Experiência de danças já realizadas

Categoria I – Aprendizagem anterior de danças

- *Subcategoria 1* – Modalidades de dança

Indicadores:

Em relação à aprendizagem anterior de modalidades de danças obtivemos os seguintes indicadores: samba – A4 e A5; axé – A4; dança do ventre – A5; danças de salão – A1 e A4; ritmos africanos: kizomba – A4; hip-hop – A5.

A4: “Aprendi axé, samba e frequentei danças de salão. Dancei também ritmos africanos nomeadamente kizomba.”

Após a análise de conteúdo das nove entrevistas, passamos à discussão dos resultados e às conclusões gerais.

Capítulo VI – Discussão dos Resultados e Conclusões Gerais

Depois de termos finalizado o estudo empírico desta Dissertação, baseado no modelo de análise qualitativo e centrado num estudo de caso, eis-nos chegado o momento da interpretação dos dados obtidos, da discussão dos resultados e das conclusões gerais.

Descoberto um tema nos dados, é preciso comparar enunciados e ações entre si, para ver se existe um conceito que os unifique. Quando se encontram temas diferentes, é necessário achar semelhanças entre eles. Durante a interpretação dos dados, é preciso voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes na investigação, pois eles dão o suporte e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica é que dará sentido à interpretação. Para Bardin (1977) e também Esteves (2006) as interpretações serão sempre no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer em profundidade certas afirmações/ constatações aparentemente superficiais (Coutinho, 2013, pp.221-222)

À luz do cruzamento dos dados obtidos no contexto da metodologia empírica utilizada, e, percorrendo todo o caminho realizado, através de um quadro teórico-conceptual, que norteou toda a problemática do nosso estudo, retomamos de novo, a pergunta de partida desta investigação, as questões de investigação e os objectivos gerais e os específicos que nos conduzirão à procura de contributos no sentido da obtenção de respostas que consolidem o nosso objecto de estudo.

Assim, a pergunta de partida do nosso estudo é a seguinte: *Qual a contribuição da prática das danças brasileiras e orientais para o conhecimento do outro e para o diálogo intercultural?*

As questões de investigação são as seguintes: a) *Como será possível conhecer o outro através da dança?* e b) *De que modo a dança contribui para a diálogo intercultural?*

O objecto de estudo desta investigação consiste em *analisar e estudar a contribuição das danças brasileiras e orientais para a educação, a comunicação e o diálogo interculturais.*

Os objectivos gerais desta investigação são os seguintes:

- a) Sensibilizar para os valores que se revelam através da dança, como forma de expressão artística, corporal e universal, através do movimento, na qual a música exerce uma importância primordial,
- b) Conhecer danças de outras culturas, percebendo a expressividade de sentimentos e de emoções entre povos e culturas de todo o mundo,
- c) Sentir a dança como fonte de união e de partilha entre culturas, desenvolvendo a criatividade e a expressividade e a comunicação numa dimensão intercultural,
- d) Sensibilizar para a aprendizagem de danças de outras culturas através da investigação em curso.

Os objectivos específicos são os seguintes:

- a) Conhecer especificamente danças Brasileiras e danças Orientais, dentro dos seus contextos históricos, sociais e culturais;
- b) Investigar no âmbito do *Ginásio da Venda Nova*, previamente escolhido, as práticas de ensino-aprendizagem que se exercem nesta instituição de ensino privado, nomeadamente, a aprendizagem das danças Brasileiras e das danças Orientais;
- c) Analisar qual a contribuição das danças estudadas para o conhecimento do *outro* e para o diálogo intercultural.

É nosso interesse demonstrar nesta Dissertação de Mestrado, após a realização de um conjunto significativo de entrevistas semiestruturadas, cujos respectivos guiões se encontram referenciados no corpo de texto, quais os significados que os entrevistados, todos eles pertencentes ao *Ginásio da Venda Nova* – instituição onde se desenvolveu o estudo empírico, atribuíram às questões enunciadas.

Para que a sustentabilidade da nossa pesquisa fosse abrangente e fundamentada, construímos um quadro teórico-conceitual, cujos horizontes abarcaram três grandes dimensões teóricas, baseadas em estudos já realizados e que abarcam três grandes capítulos: I - A Dança nos Processos de Educação, Comunicação e Diálogo Interculturais, II – Ensino-Aprendizagem da Dança como forma de Expressividade de Povos e Culturas do Mundo e III - As Danças em Sociedades Orientais e Brasileiras numa Visão Social, Cultural e Visual. Todos estes capítulos abordaram as questões da dança de povos e culturas numa perspectiva da interculturalidade.

No Estudo Empírico, apresentado ao longo dos capítulos IV e V, podemos encontrar as opções metodológicas e a análise de dados recolhidos. A interpretação e discussão dos resultados obtidos e as conclusões gerais serão abordadas neste capítulo. Sobre as opções metodológicas (Capítulo IV), tal como foi referido, optámos por uma investigação de análise qualitativa de um estudo de caso, pela utilização da entrevista semiestruturada e pela técnica da análise de conteúdo das entrevistas realizadas. O estudo de caso incidiu sobre a instituição *Ginásio da Venda Nova*, que nos permitiu a recolha de dados, com as entrevistas efectuadas ao director, às professoras e às alunas de duas classes de dança bem distintas: danças brasileiras e danças orientais. A análise dos dados (Capítulo V) aborda, através da análise de conteúdo, toda a problemática inerente aos protocolos das entrevistas onde ficaram expressos os seguintes elementos: tema, categorias, subcategorias e indicadores, sobre os quais trabalhamos as entrevistas. De seguida, apresentamos um exemplo da análise efectuada à entrevista concedida pelo director, exemplo seguido para cada uma das entrevistas das professoras e das alunas.

Entrevista realizada ao Director (cf. Anexo 1)

Tema A – Fundação do Ginásio

Categoria I – Fundação do *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Razões que fundamentam a sua criação
- *Subcategoria 2* – Ano da sua fundação
- *Subcategoria 3* – Elementos que compõem a Direcção
- *Subcategoria 4* – Possibilidade de acesso aos Estatutos
- *Subcategoria 5* – Informações gerais

Indicadores:

O director do GVN entendeu que a razão principal que fundamentou a criação deste consistiu no facto de este ter sido considerado uma novidade na altura em que foi criado, em 1979.

Os elementos que compõem a Direcção são dois sócios-gerentes e dois gestores.

Não foi possível aceder aos estatutos do GVN.

Conseguimos obter informações gerais no *site* do Ginásio da Venda Nova:

[http:// www.gvnova.net](http://www.gvnova.net)

D: “O Ginásio fez 33 anos em Setembro último. Por isso foi fundado em 1979.”

Tema B – Interculturalidade

Categoria I – Motivações de carácter intercultural para o ensino-aprendizagem das aulas

- *Subcategoria 1* – Escolha de danças que se ensinam e aprendem
- *Subcategoria 2* – Critérios para a escolha e selecção de professores

Categoria 2 – Motivações de carácter intercultural para a escolha do nome *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Possibilidades de comunicação e diálogo interculturais

Indicadores:

O director afirmou que as danças ensinadas e aprendidas no GVN, iam no sentido da tendência modalidades ensinadas noutros ginásios e escolas de dança.

As características exigidas aquando da selecção dos professores são a experiência, o desempenho, o profissionalismo, a média de alunos por aula, o espírito de equipa, a assiduidade e a opinião dos alunos.

Quanto à escolha do nome da instituição, o director não referiu uma intenção de carácter intercultural, mas sim de carácter comercial, salientando a questão do marketing. Deste modo, o nome *Ginásio da Venda Nova* foi escolhido de acordo com o local onde este se encontrava inserido.

D: “Quando escolhemos o nome Ginásio da Venda Nova, tivemos a intenção de o associar à zona, eramos os únicos na zona. (...) Foi uma óptima jogada de marketing (...).”

Tema C – Razões motivadoras para a frequência dos alunos

Categoria I – Motivações dos alunos para a escolha deste Ginásio

- *Subcategoria 1* – Características dos alunos e exigências para a frequência do ginásio
- *Subcategoria 2* – Número e identidade dos mesmos
- *Subcategoria 3* – Graus de frequência dos alunos desde a sua fundação

Indicadores:

O director do GVN referiu que não há segmentação, nem nenhuma classe específica a frequentar o ginásio. São apenas exigidos, por parte de todos os intervenientes, boa disposição, diversão e orgulho em frequentar o ginásio, procurando-se um ambiente muito familiar e protector.

O número de alunos do GVN encontra-se entre os 2000 e os 2300, dentro das várias modalidades de actividades existentes no ginásio.

Os graus de frequência dos alunos, desde a sua fundação, têm vindo a aumentar gradualmente ao longo dos tempos.

D: “Não temos segmentação. É apenas exigida boa disposição e orgulho em estar aqui. Não temos nenhuma classe específica (...).”

Tema D – Danças na sua globalidade

Categoria I – Tipologia de danças na sua globalidade

- *Subcategoria 1* – Modalidades de danças existentes
- *Subcategoria 2* – Objectivos gerais de cada uma delas
- *Subcategoria 3* – Modalidades mais procuradas pelos alunos

Indicadores:

As modalidades de dança existentes no GVN são: *rit-mix, danças de crianças, ritmos urbanos, zumba, dança do ventre, baby class, danças brasileiras, ritmos local.*

Os objectivos gerais de cada uma das modalidades são os seguintes: diversão, fazer exercício físico, procura de hábitos não sedentários.

No contexto das modalidades mais procuradas pelos alunos encontram-se *as danças brasileiras, o zumba, danças de crianças e rit-mix.*

D: “Os objectivos são os de divertir e fazer exercício, fazer com que os hábitos não sejam sedentários.”

Tema E – A dança e a educação

Categoria I – Graus de participação e de relevância das danças

- *Subcategoria 1* – Reacções de crianças e adultos relativamente a danças

Categoria I – Importância das danças na educação

- *Subcategoria 1* – Crianças e adultos

Indicadores:

O director afirmou haver reacções muito positivas em crianças e adultos relativamente à dança. As crianças e os adultos reagem bastante bem à dança e acabavam por se divertir.

O director afirmou que a dança contribui para o crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da sua postura. Referiu existir um interesse na escolha de bons professores com formação adequada. O entrevistado, referiu, novamente, o factor comercial, ao afirmar que, enquanto empresários, há um interesse na rentabilidade das modalidades e em que estas sejam positivas.

D: “É importante no crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da postura. Como empresários estamos interessados na rentabilidade das modalidades. (...) Dá-mos maior

importância aos professores. Estamos atentos à sua boa formação.”

Tema F – Organização do ginásio

Categoria I – Exibições públicas das danças

- *Subcategoria 1* – Formas de organização e de apresentação de exibições públicas das danças

Categoria II - Parâmetros da organização do Ginásio

- *Subcategoria 1* – Desenvolvimento de actividades do Ginásio
- *Subcategoria 1* – Horizontes e perspectivas quanto ao seu crescimento

Categoria III – Sustentabilidade desta instituição

- *Subcategoria 1* – Sustentabilidade individual
- *Subcategoria 1* – Sustentabilidade patrocinada

Indicadores:

Segundo o director do ginásio em estudo, existem preocupações no contexto da exibição pública das danças leccionadas. O GVN costuma organizar e apresentar exibições das danças praticadas, nos dias da Dança, os dias D – como aconteceu no dia 24 de Novembro de 2012.

O desenvolvimento de actividades do ginásio ultrapassou qualquer tipo de parâmetro e expectativa.

Há uma constante adaptação e evolução por parte do ginásio.

A sustentabilidade desta instituição é individual, não existindo qualquer patrocínio.

D: “Ultrapassou qualquer parâmetro. Vamo-nos adaptando ao mercado, vamos evoluindo.”

Tema G – Futuro do ensino-aprendizagem da dança

Categoria I – Futuro do ensino-aprendizagem da dança no Ginásio e em Portugal

- *Subcategoria 1* – No Ginásio
- *Subcategoria 2* – Em Portugal

Indicadores:

O futuro do ensino-aprendizagem da dança no Ginásio vai no sentido de seguir as tendências de outros ginásios e de outras escolas de dança, de criar outras tendências e de apostar, por exemplo, no *kizomba*.

No que se refere à evolução da dança em Portugal, o director optou por não dar resposta a esta questão.

D: “O futuro do Ginásio da Venda Nova é para seguir a tendência. (...) Vamos acompanhando as tendências e criando outras.”

Após um resumo de todo o processo de investigação até agora realizado, passamos a enunciar os indicadores globais alcançados, após termos terminado o estudo empírico. Assim, fazemos a síntese global da análise de conteúdo das entrevistas realizadas junto do director do *Ginásio da Venda Nova*, das duas professoras de *dança do ventre* e de *danças brasileiras* e das seis alunas destas mesmas danças.

Passamos ao desenvolvimento desta síntese.

Síntese Global da Análise de Conteúdo das Nove Entrevistas (cf. Anexo 6)

Nesta síntese procuramos temas comuns aos três guiões de perguntas e vamos considerar os seguintes temas:

- 1) Educação,**
- 2) Interculturalidade,**
- 3) Danças Brasileiras e Danças Orientais.**

Tema A – Educação

Categoria I – A dança e a educação

- *Subcategoria 1* – Importância da dança na educação

Indicadores:

O director considerou que a dança é importante na educação, porque interfere no crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da postura. Referiu o factor económico e de *marketing*, quando afirmou que o GVN estava interessado na

rentabilidade das modalidades e no espírito positivo das pessoas que lá praticam as danças. Demonstrou preocupação pela boa formação dos professores.

D: “É importante no crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da postura.”

Na opinião de P1, a dança é importante na educação. A professora de *danças brasileiras* trouxe o elemento felicidade para a entrevista, referindo que quem dança é mais feliz. A mudança está presente também no seu discurso quando refere que a dança pode mudar a vida dos seus alunos.

P1: “Quem dança é mais feliz e a partir desse princípio, acredito eu, que posso passar através do meu corpo e da minha expressão corporal e facial, algo que mude, por alguns instantes, a vida de cada aluno que está dentro da minha aula.”

A professora de *dança do ventre* – P2 - considera a dança importante na educação em termos da disciplina e objectivos que a dança proporciona aos alunos, além destes ficarem a saber lidar com pessoas diferentes.

P2: “Porque a partir do momento que fazem parte de um grupo de dança têm de ter disciplina, objetivos e acima de tudo aprendem a lidar com pessoas de personalidades completamente diferentes, o que ajuda bastante na educação.”

Na perspectiva da aluna A1 a dança é importante na educação, porque é uma forma de expressividade, de criatividade e de relaxamento.

A1: “Considero a dança como forma de expressão artística fundamental na educação, na sua globalidade. Todas as crianças, jovens e adultos deveriam ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma criativa, expressiva e relaxadora.”

Segundo a aluna A2 a dança é importante na educação de crianças, jovens e adultos, pois ela traz benefícios para a saúde através do relaxamento (à semelhança de A1), exercita a mente e o corpo e ajuda a encarar a vida de uma outra forma.

A2: “Sim, faz muito bem à saúde, relaxa, faz-nos exercitar a mente, o corpo, e sobretudo, a música e a dança ajudam-nos a descontrair e a encarar a vida de outra forma.”

De acordo com a aluna A3, a dança é importante na educação ao nível da postura (à semelhança com a resposta do director), e da maneira de estar, da disciplina (à semelhança com P2) e do espírito de equipa.

A3: “Sim, é sem dúvida muito importante ao nível da postura, da maneira de estar, da disciplina, do espírito de equipa.”

A aluna A4 referiu que a dança é importante na educação devido à postura (à semelhança do director e da aluna A3), à sensualidade, à forma de andar. A dança segundo A4 é uma maneira de fazer exercício físico, proporcionando um equilíbrio afectivo e emocional.

A4: “Sim, pela postura. Ajuda muito. Na sensualidade, na forma de andar. É uma forma de exercício físico, orientação e equilíbrio afectivo e emocional.”

A aluna A5 também considerou a dança importante na educação, pois as crianças, jovens e adultos aprendem a trabalhar em grupo (como referiu também P2), ajudando-as no desenvolvimento (como referiu D).

A5: “Sim, considero a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos, porque estes aprendem a trabalhar em grupo e ajuda-os no desenvolvimento.”

A aluna A6 referiu que a dança na educação é muito importante, pois constitui uma forma de bem-estar físico (à semelhança de A2), de socialização e convívio (como refere P2 e A5), de desenvolvimento (à semelhança de D e A5) e transformação pessoal (como refere P1).

A6: “Muito, muito importante. Não só pelo bem estar-físico, mas como uma forma de socialização e convívio e também de desenvolvimento e transformação pessoal.”

Conclusões Globais do Tema: Educação

Na sua globalidade, as respostas dos entrevistados são semelhantes. Podemos concluir que todos os entrevistados consideram que a dança é fundamental no processo educativo de crianças, jovens e adultos. É potenciadora de um clima de alegria e de felicidade. Os entrevistados falam em desenvolvimento, em postura, em disciplina, em socialização, em trabalho de grupo, em transformação pessoal, em

bem-estar físico, em relaxamento, em expressividade que a dança pode proporcionar. Segundo Pinto (2000, p.6), “(...) é bem saudável dançar, criando gestos expressivos, aprendendo a movimentar-se num espaço limitado, conseguindo extroverte-se e sabendo como se situar num grupo de pessoas”.

Tema B – Interculturalidade

Categoria I – Motivações de carácter intercultural no ensino-aprendizagem das aulas no *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Escolha de danças que se ensinam e aprendem
- *Subcategoria 2* – Critérios para a escolha e selecção dos professores

Categoria II – Motivações de carácter intercultural para a escolha do nome *Ginásio da Venda Nova*

- *Subcategoria 1* – Possibilidades de comunicação e diálogo interculturais

Categoria III – Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro*

- *Subcategoria 1* – Conhecimento do indivíduo
- *Subcategoria 2* – Conhecimento da religião
- *Subcategoria 3* – Conhecimento da história, costumes e tradições

Categoria IV – A dança e o diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural

Categoria V – Contributo do estudo e da prática da dança na comunicação e diálogo intercultural

- *Subcategoria 1* – Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais
- *Subcategoria 2* – Influências do diálogo e da comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras

Indicadores:

De acordo com o director, os critérios utilizados na escolha das danças no GVN, vão no sentido das tendências das aulas em outros ginásios ou escolas de dança.

Os critérios que presidem à selecção dos professores que leccionam as danças vão no sentido da experiência do professor, no seu desempenho, no seu profissionalismo, na média dos alunos por aula, no espírito de equipa. É feita uma avaliação a cada três meses, onde é abordada precisamente a média dos alunos por aula, o esforço em equipa dos professores, a assiduidade e a opinião dos alunos.

D: “Os critérios que são utilizados para a escolha das danças são tomados consoante as tendências.”

De acordo com D, o nome GVN foi escolhido de acordo com a zona onde este se encontra inserido – Venda Nova, em Rio Tinto, concelho de Gondomar, distrito do Porto, não havendo motivações de carácter intercultural na sua escolha.

D: “Quando escolhemos o nome Ginásio da Venda Nova, tivemos a intenção de o associar à zona, éramos os únicos na zona. O ginásio vende-se pela zona. Na internet é muito importante como motor de pesquisa. Foi uma ótima jogada de marketing. (...) Agora é conhecido por GVN ou Venda Nova.”

No que se refere à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento do indivíduo, obtivemos as seguintes respostas: as danças são o verdadeiro caminho para o conhecimento do outro - A1 e a pesquisa e o estudo da dança que estão a aprender, por parte das alunas - P2.

A1: “Claro que as danças são um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro.”

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da religião, obtivemos os seguintes indicadores: a dança de cada país, pelas suas características e cultura próprias, transmite crenças próprias – P1; através do conhecimento do outro, pode-se entrar nas questões/conhecimento de cada povo e cultura – A1 e os orientais são um povo com mais rituais e crenças profundas/ a dança do ventre reflecte esses rituais e crenças – A4.

A4: “Com os orientais também conseguimos perceber os seus rituais (...). Os orientais, através da dança do ventre, são mais vinculados na cultura, em relação aos rituais e às crenças. As crenças emergem com mais profundidade.”

Quanto à dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do *outro* – conhecimento da história, costumes e tradições, dividimos as respostas em três tipos: 1) dança brasileira e oriental, 2) dança brasileira e 3) dança oriental.

Portanto, quanto ao primeiro tipo de indicadores obtivemos as seguintes: a dança de cada país, pelas suas características e cultura próprias, transmite costumes próprios – P1; através do conhecimento das danças brasileiras e orientais entramos no mundo de outros povos e culturas/as danças poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e o Oriente e a forma como se expressam/poderão contribuir para o conhecimento da vivência da cultura brasileira e oriental – A1 e A2; o conhecimento

das danças brasileiras e orientais conduz-nos ao estudo e percepção de outras culturas diferentes da nossa, onde as músicas, as coreografias e os movimentos são diferentes – A1; antes de iniciar qualquer tipo de dança, costumo estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história/ ao nível das aulas é-nos dada informação sobre as culturas brasileira e oriental – A5.

A5: “ No meu caso, antes de iniciar qualquer tipo de dança, costumo estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história, e, mesmo ao nível das aulas, é-nos dada informação sobre essas mesmas culturas.”

Quanto ao segundo tipo de indicadores obtivemos as seguintes: as danças poderão contribuir para conhecer o povo brasileiro, a sua cultura, costumes e história/ contributo importante para conhecermos o Brasil – A3 e A6; o povo brasileiro é conhecido como alegre, festivo e *quente* pelas suas danças – A4 e A6.

A3: “Estas danças podem contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, os seus costumes e a sua história.”

No que diz respeito ao terceiro tipo de indicadores obtivemos as seguintes: a dança e a música permitem-nos ter noção de como vivem e se expressam os povos orientais, os seus rituais – A3 e A4; a dança do ventre é uma porta para despertar o interesse e consciência pelas culturas orientais/com a expansão da dança do ventre há maior interesse em visitar os países do Oriente – A6.

A3: “(...) poderemos ter uma noção de como vivem e se expressam através da dança e da música os povos orientais.

No que diz respeito às razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural obtivemos os seguintes indicadores: através do corpo, as pessoas interagem com qualquer etnia ou raça/o que importa é como podemos expressar-nos através da dança – P1; as alunas de dança do ventre estarão em contacto com outra, cultura, costumes, língua (árabe) – P2; através da dança sente-se de imediato o desejo de contactar com pessoas de outras culturas/a dança coloca-nos em contacto com povos de outras culturas – A1 e A2; as danças e as culturas brasileiras e orientais são melhor conhecidas quando nos encontramos com brasileiros e orientais – A3; através da dança entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor/a dança é uma forma de comunicação e expressão – A5 e A6; na compra de roupas próprias da dança do ventre, as bailarinas interagem mais com os indianos.

A5: “Sim, porque nós entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem a nós.”

No que se refere às influências do diálogo e da comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais obtivemos o seguinte indicador: diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ajudam no conhecimento de novas culturas, dos costumes dessas mesmas pessoas, ajudando na prática da dança do ventre – P2.

No que se refere às influências do diálogo e da comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras obtivemos o seguinte indicador: há uma empatia com as pessoas que conhecem a música e as letras/grande aceitação e receptividade das danças brasileiras e cultura brasileira – P1.

P2: “O diálogo e a comunicação com pessoas de outras culturas ajudam imenso no conhecimento de novas culturas, no conhecimento dos costumes dessas mesmas pessoas e com toda a certeza que isso ajuda muito na prática da dança oriental, facilitando a comunicação intercultural.”

Conclusões Globais sobre o Tema: Interculturalidade

Na sua globalidade, podemos concluir, através dos indicadores apresentados, que todos os entrevistados consideram a dança como forma de diálogo e de comunicação interculturais. As danças brasileiras e orientais constituem um caminho aberto para o conhecimento de povos e culturas, costumes e tradições. Consideram também que através da dança se encontram processos de ligação, de aceitação e de receptividade do *outro*. Segundo Pinto (2000, p.7) “(...) A dança pode ser veículo de aquisição de novos conhecimentos e de sensibilização a novas culturas, se ensinarmos danças de povos diferentes países, raças e etnias”.

Tema C – Danças Brasileiras e Dança Oriental

Categoria I – Percepção das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Opinião acerca das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Opinião acerca das danças orientais

Categoria II – Conhecimento das danças

- *Subcategoria 1* - Conhecimento das danças brasileiras
- *Subcategoria 2* - Conhecimento das danças orientais

Categoria III – Aprendizagem de que danças, motivação e interesse nas danças

- *Subcategoria 1* - Aprendizagem de que danças
- *Subcategoria 2* - Motivações para as diferentes danças
- *Subcategoria 3* - Interesse nas danças

Categoria IV – Interesse em visitar os locais das danças brasileiras e orientais

- *Subcategoria 1* – Danças brasileiras
- *Subcategoria 2* – Danças orientais
- *Subcategoria 3* – Danças brasileiras e orientais

Indicadores:

No que se refere à percepção e opinião acerca das danças brasileiras obtivemos as seguintes respostas: o mundo da professora/realização pessoal e profissional – P1 e muito alegres – P2, e acerca das danças orientais as seguintes: de uma grande sensualidade – P1 e todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se melhor, ajudando-as a nível físico e psicológico – P2.

P1: “É o meu mundo. É a minha realização pessoal e profissional.”

No que se refere ao conhecimento das danças brasileiras, obtivemos as seguintes respostas: samba – A1, A2, A4, A5, A6; forró – A1, A2, A3, A4, A5, A6; axé – A4, A5 e outras danças brasileiras – A5. Quanto ao conhecimento das danças orientais, obtivemos as seguintes respostas: dança do ventre – A1, A2, A3, A4, A6; dança do ventre e suas variantes conforme os países e adereços utilizados – A5.

No que se refere à aprendizagem de que danças, obtivemos as seguintes respostas: danças brasileiras – A1, A2, A3 e A5; dança do ventre – A4, A5 e A6; zumba – A6.

Quanto às motivações para dançar as diferentes danças obtivemos os seguintes indicadores: expressividade/originalidade da dança brasileira – A1; interesse pela música brasileira – A2; aprender passos de dança – A3; professora que motiva/ ajuda a compreender a dança – A2 e A3; conhecer bem o corpo – A4; aperfeiçoar a forma física – A5 e A6; dança muito sensual – A4; dança com cultura muito interessante (dança do ventre) – A4; dança ajuda a desinibir/ajuda a nível psicológico – A5; pela alegria – A6; tentar vencer desafios – A6.

A4: “Porque é uma dança (...) com uma cultura muito interessante.”

No que diz respeito ao interesse nas danças obtivemos os seguintes indicadores: descontração – A2; conhecer cultura do povo brasileiro – A2; experiência de conhecer coisas novas/alegria/tentar vencer desafios – A6.

A2: “Gosto. Porque me obriga a (...) conhecer a cultura do povo brasileiro.”

No que se refere ao interesse em visitar os locais das danças brasileiras e orientais dividimos em três tipos de resposta: 1) danças brasileiras, 2) danças orientais e 3) danças brasileiras e orientais.

Quanto ao primeiro tipo de respostas obtivemos as seguintes: para actualização das competências profissionais no Brasil – P1; o Brasil é um dos países que a aluna adorava conhecer – A3; estes países fazem parte da minha “lista de sonhos”: o Brasil equivale a sol, alegria, samba – A6.

A6: “Muito! Fazem parte da minha lista de sonhos. O Brasil equivale a sol, alegria, samba.”

Quanto ao segundo tipo de respostas obtivemos as seguintes: para confirmação dos estudos realizados sobre a cultura Oriental – P2; viajar e conhecer a Índia, o Egito, a Síria, Marrocos – A4; misticismo, sensualidade e beleza da cultura oriental – A6.

A4: “Gostava de viajar e conhecer a Índia, o Egito, a Síria, Marrocos.

No que se refere ao terceiro tipo de respostas obtivemos as seguintes: interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais – A1, A2, A3, A4, A5, A6; pela diversidade cultural em cada país e pelas danças, cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas – A1; enriquecimento como pessoa e conhecer mais um pouco destes países e destas culturas, para além da dança – A4; a aluna gostava de conhecer a Índia, o Brasil, Marrocos, Egito e outros países – A5.

A4: “Acho que me iria enriquecer como pessoa e para conhecer mais um bocadinho destes países e destas culturas, para além da dança.”

Conclusões Globais sobre o Tema: Danças Brasileiras e Dança Oriental

Na sua globalidade, podemos concluir, através dos indicadores apresentados, que todos os entrevistados consideram a dança como forma de conhecimento do esquema corporal, das suas virtualidades ao nível da expressividade, da sensualidade, da alegria e da realização profissional. Consideram, ainda, que todas as mulheres deveriam aprender a *dança do ventre*. Sobre as danças brasileiras consideram-nas um manancial de alegria e de grande liberdade interior e exterior. Apreciam estas danças pelos ritmos, cor e movimento, desejando incluir estas culturas no conjunto das suas *viagens de sonho*. Consideram de grande importância o conhecimento dos povos e culturas para além da dança. Segundo Ferreira (2005, p. 15)

A dança é arte e movimento; aprender arte envolve, além do desenvolvimento das actividades artísticas e estéticas, apreciar o belo, situar a produção artístico-social de todas as épocas nas diversas culturas, estabelecer relações entre trabalhos artísticos individuais e grupais, assimilar e perceber correlações entre o que se faz na escola e o que se faz na sociedade local, regional, nacional e internacional.

Chegados ao final deste percurso de investigação, podemos concluir que a dança é, na realidade, uma forma de expressão corporal e artística de natureza humana. Desde os primórdios da humanidade, que encontramos vestígios onde a dança e o movimento corporal aparecem como forma libertadora de expressividade e de criatividade. Ao longo de todas as civilizações, a dança foi encarada sempre como forma de expressão religiosa, artística e integrada em contextos e em realidades características. Neste estudo, foi-nos possível constatar o valor da dança no processo educativo de crianças, jovens e adultos, tanto em escolas portuguesa como estrangeiras. O *Ginásio da Venda Nova*, espaço escolhido para a nossa investigação, foi evoluindo ao longo dos tempos, tornando-se nos dias de hoje uma instituição de ensino com dimensões consideráveis. Depois das entrevistas realizadas encontramos elevados graus de convergência, de receptividade e de aceitação deste fenómeno artístico no contexto da interculturalidade, onde a par de um desenvolvimento corporal e artístico, nos surgem caminhos potenciadores da comunicação e do diálogo interculturais. As danças brasileiras abarcam extractos de culturas, que embora longínquas se aproximam da cultura portuguesa, e onde a música e as artes se encontram ao longo da História. Sobre as danças orientais, encontramos outras

riquezas artísticas e culturais onde a arte de dançar se conjuga com a sensualidade, com a expressividade e com sentimentos de viagem e de sonho.

Segundo Zenicola (2005, p.1), num artigo denominado *Dança, Samba e Performance* (2005),

(...) a performance abrange a ideia de prática corporal como transmissão de conhecimentos ou saberes, a mobilidade do jogo está na actividade do performer, no discurso do corpo que dança. Historicamente, o corpo tem sido adequado às necessidades sociais, à cultura de uma determinada sociedade em que está inserido. (...) O movimento é um modo de ser socialmente construído, culturalmente transmitido e existencialmente aceito.

Como conclusão geral, podemos mencionar que os indicadores das categorias III, IV e V do tema Interculturalidade dão resposta à pergunta de partida inicialmente elaborada, assim como às questões de investigação. Assim, e de acordo com as respostas das entrevistas efectuadas e dos indicadores aqui mencionados, podemos referir que as danças brasileiras e as danças orientais contribuem para o conhecimento do *outro*, do *outro* enquanto indivíduo, da sua religião, da sua história, dos seus costumes e das suas tradições. Por outro lado, podemos referenciar que os indicadores sugeridos no tema Interculturalidade revelam que as danças brasileiras e as danças orientais contribuem para o diálogo intercultural.

Todo este percurso foi interessante. Conhecemos danças brasileiras e danças orientais e conseguimos obter resultados que confirmam os objectivos gerais e específicos desta Dissertação. Não existiram entraves a esta pesquisa. Ficou em nós o desejo de conhecer mais e melhor. De abrir novos caminhos onde a interculturalidade como fenómeno da globalização crescente nas sociedades actuais encontre portas abertas e trajectos de comunicação e de diálogo interculturais. Conscientes de toda esta problemática, estamos disponíveis para novos desafios e novos rumos escolhendo e aprofundando a temática aqui abordada, fazendo dos princípios enunciados recomendações para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Enquadramento Teórico-Conceptual

- Ardley, N. et al. (1997). *O Livro da música*. Lisboa: Dinalivro.
- Bamford, A. (2006). *The wow factor: global research compendium on the impact of the arts in the education*. Münster: Waxman Verlag.
- Campbell, P. (1997). La diversidad de culturas y los mundos musicales en las escuelas americanas. *Eufonia*, 6, 7-14.
- Canal, M. F. (2002). *A vida tem música, vivamos a música* (Vol.1). Setúbal: Marina Editores.
- Castelo-Branco, S. E. (1986). A etnomusicologia urbana: uma introdução. *Boletim Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM)*, 48, 44-46.
- Cardoso, C. (1996). *Educação multicultural*. Lisboa: Texto Editora
- Cardoso, E., Teixeira, M. & Ramalho, T. (2007). *Conhecer para interagir melhor em Soutelo e Rio Tinto: Dinâmicas do território e diagnósticos de intervenção – Estudo integrado no Projecto Interagir*. Gondomar: Gondoprint – artes gráficas Lda.
- Currículo Nacional do Ensino Básico. (2001). *Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Delors, J. et al. (2005). *Educação, um tesouro a descobrir - relatório para a UNESCO da Comissão internacional sobre educação para o século XXI* (9ª ed.). Porto: Edições Asa.
- Faro, A. (1987). *Pequena história da dança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Encontro Nacional de Fundações. (2009). *As Fundações e o Diálogo Intercultural/X Encontro Nacional de Fundações*. Lisboa: Centro Português de Fundações.
- Ferreira, M. (2003). *Educação intercultural*. Lisboa. Universidade Aberta.
- Ferreira, V. (2005). *Dança escolar – um novo ritmo para a educação física*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Gehres, A. F. (2008). *Corpo-dança-educação: na contemporaneidade ou da desconstrução de corpos fractais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gonçalves, S et al. (2008). *Identity, diversity and intercultural dialogue*. Coimbra: Escola Superior de Educação (ESEC).
- Jaritonsky, P. (1996). Algunas reflexiones acerca de la expresión corporal, *Eufonia*, 3, 53-63.
- Ladmiral, J. & Lipiansky, E. (1989). *La Communication interculturelle*. Paris: Armand Colin.

- Naudin, C. (2000). *A Música*. Porto: Campo das Letras Editores.
- Pasi, M. (1991). *A Dança e o bailado - guia histórico das origens a Bejart*. Lisboa: Editorial Caminho.~
- Pinto, N. M. (2000). *Oh! Como é bom dançar... Danças pedagógicas coreografadas para crianças e jovens*. Lisboa: Portugalmundo.
- Prudhommeau, G. (1995). *Histoire de la danse, tome 1: des origines à la fin du Moyen Age*. Nîmes: La recherché en danse.
- Ramos, N. (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: Para uma comunicação intercultural. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 35, 2, 155-178.
- Read, H. (1958). *A Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.
- Sasportes, J. (1970). *História da dança em Portugal*. Lisboa: Neogravura Lda.
- Sopeña, F. & Olmedo, D. (1997). Danzas del Mundo. *Eufonia*, 6, 45-51.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação – drama e dança (Vol.2)*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, M. R. (2002). *A Educação intercultural através da Música*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Aberta.
- Sousa, M. R. (2008). *Música, educação artística e interculturalidade – A alma da arte na descoberta do outro*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sousa, M. R. (2010). *Música, educação artística e interculturalidade – A alma da arte na descoberta do outro*. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora
- Sousa, M. R. (2012). *Pedagogia e didáticas da música intercultural: Programas artísticos e musicais interculturais*. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora
- Volk, T. M. (1998). *Music, education, and multiculturalism: foundations and principles*. New York: Oxford University Press.
- Wyman, S. L. (2000). *Como responder à diversidade cultural dos alunos*. Porto: Edições Asa.
- Zenicola, D. M. (2005). Dança, samba e performance. In Zenicola, D. M. (2005). *Samba de Gafieira: performance da ginga*. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação Artes Cénicas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Estudo Empírico

- Albarello, L. et al. (2005). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais – trajectos*. Lisboa: Gradiva.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor Projectos e Edições Lda.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2010). Prefácio. In Lessard-Hébert et al., *Investigação qualitativa – fundamentos e práticas* (pp.7-8). Lisboa: Instituto Piaget.
- Rodrigues, M. (2001). *Diversidade étnica, atitudes dos professores e formação contínua – um estudo de caso* (Vol. I e II). Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais – trajectos*. Lisboa: Gradiva.

Leituras Bibliográficas Complementares

- Blommaert, J. (1991). How much culture is there in intercultural communication? In Blommaert, J. & Verschueren, J. (Ed.), *The Pragmatics of international and intercultural communication*. (pp. 1-13). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Castelo-Branco, S. S. & Branco, J. F. (2003). *Vozes do povo e folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Giffoni, M. (1974). *Danças folclóricas da Europa*. São Paulo: Edições Melhoramento/Editora da Universidade de São Paulo.
- Kimbanda, W. (2009). *Religião, Identidade e Diálogo. Experiência Intercultural de um jovem negro africano*. Colectânea de Publicações dos 50 Anos. Montes Claros: Editorial Unimontes.
- Ladmiral, J. R. (1989). *La communication interculturelle*. Bibliothèque Européenne des Sciences de L'Éducation. Paris. Armand Colin Éditeur.
- Martínez, A. (2009). *El diálogo intercultural*. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones.
- Mello, P. H. (1962). *Danças portuguesas*. Porto: Lello & Irmão.
- Molina, M. A. & Fernández, A. O. (2006). *Cultura, culturas. estudios sobre música y educación intercultural*. Granada: GEU.
- Neves, R. et al. (2004). *Interculturalidades – traduções, línguas e culturas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Ouellet, F. (1991). *L'éducation interculturelle. Essai sur le contenu de la formation des maîtres*. Paris: L'Harmattan.

Scollon, R.; Scollon, S. & Wong, C. (2001). *Intercultural Communication*. (2nd Ed.). Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.

Soeiro, A & Pinto, M. (2006). O projecto inter e a educação intercultural. Como abordar... A escola e a diversidade cultural – Multiculturalismo, interculturalismo e educação. Porto: Areal Editores.

Souta, L. (1977). *Multiculturalidade e Educação*. Porto: Profedições.

Sousa, M. R. (2000). *Metodologias do ensino da música para crianças*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

WEBGRAFIA

- Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) (2013). *Mais diversidade, melhor humanidade*. Acedido em 23 de Outubro, 2013 a partir de <http://www.acidi.gov.pt/>
- American Psychological Association (APA) (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6th Ed.). Acedido em 27 de Fevereiro, 2013 a partir de http://www.stritch.edu/uploadedFiles/Library/Doing_Research/Citation_Help/APAStyleGuide6.pdf
- Bamford, A. (2007, Outubro). *Aumento da participação e relevância na educação artística e cultural*. Acedido em 31 de Julho, 2012 a partir de <http://www.educacao-artistica.gov.pt/programaConf.htm>
- Baratto, M. (2009). Direitos humanos e diálogo intercultural: possibilidades e limites. Acedido em 14 de Março, 2012 a partir de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000469848>
- Corbellari, J. & Mota, J. (2013). *Universo.ufes. Coisa de velho? Quem disse?* Acedido em 24 de Outubro, 2013 a partir de <http://universo.ufes.br/blog/2013/04/coisa-de-velho-quem-disse/>
- Dance, R. (2013). *Mundo da dança, dança axé – sua história*. Acedido em 22 de Outubro, 2013 a partir de <http://mundodadanca1.blogspot.pt/2013/05/danca-axe-sua-historia.html>
- Débora, C. (2010). *O Forró*. Acedido em 10 de Dezembro, 2012 a partir de http://deboracarla23.blogspot.pt/2010/10/o-forro_22.html
- El-Sayed, L. (2011). *História da dança oriental*. Acedido em 11 de Dezembro, 2012 a partir de http://dancaoriental_ventre.no.comunidades.net/index.php?pagina=1298336497
- Ferreira, M. (2008). Aprofundamento temático. In: Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação, guia para auto-aprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta. Acedido em 1 de Janeiro, 2013 a partir de http://catalogo.uab.pt/docs/acessibilidades/MetodologiaInvestigacao_147.pdf
- Garcia, C. (2012). *Etnografia e folclore de Portugal*. Acedido em 20 de Dezembro, 2012 a partir de http://www.flickriver.com/groups/etnografia_folclore_de_portugal/pool/random/

- Ginásio da Venda Nova. (2013). *Ginásio da Venda Nova*. Acedido em 21 de Dezembro, 2012 a partir de <http://www.gvnova.net/Default.aspx#.Umoa6VJdbIU>.
- Kolnick, P. (2012). *Serenade - Pennsylvania ballet*. Acedido em 24 de Outubro, 2013 a partir de <http://www.fanpop.com/clubs/ballet/images/701059/title/serenade-pennsylvania-ballet-photo>
- Martins, A. et al. (2011). *Arte e educação: a magia da dança*. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido em 17 de Novembro, 2012 a partir de <http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/book/print.php?id=29>
- Martins, A. (2012). *Plano de unidade curricular, seminário de práticas de dança-educação e teatro-educação*. Acedido em 17 de Novembro, 2012 a partir de <http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/book/print.php?id=29>
- Routhier, C. (2013). *Swipp blog, Carnaval na Terra Brasilis*. Acedido em 22 de Outubro, 2013 a partir de <http://www.swipp.com/pt-br/blog/carnaval-na-terra-brasilis>
- Seixas, M. (2011). *Segunda festa de dança do ventre*. Acedido a 8 de Dezembro de 2012 a partir de <http://www.flickr.com/photos/mseixas/6935033487/>
- Wikipédia (2008). *Ficheiro: Rio Tinto Paisagem.jpg*. Acedido em 17 de Outubro, 2013 a partir de http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rio_Tinto_Paisagem.jpg#filehistory
- Wikipédia (2012). *História da dança do ventre*. Acedido em 12 de Dezembro, 2012 a partir de http://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a_do_ventre
- Wikipédia (2012). *Axé (gênero musical)*. Acedido em 11 de Dezembro, 2012 a partir de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Axé_\(gênero_musical\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Axé_(gênero_musical))
- Wikipédia (2013). *Rio Tinto (Gondomar)*. Acedido em 17 de Outubro, 2013 a partir de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tinto_\(Gondomar\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tinto_(Gondomar))

ANEXOS

ANEXO 1 – SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO DIRECTOR (D)

SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO DIRECTOR (D)			
TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Fundação do Ginásio	I. Fundação do Ginásio da Venda Nova	1. Razões que fundamentam a sua criação	Ginásios eram uma novidade.
		2. Ano da sua fundação	1979, Setembro (34 anos)
		3. Elementos que compõem a Direcção	Dois sócios-gerentes e dois gestores.
		4. Possibilidade de acesso aos Estatutos	<i>Não foi possível aceder aos estatutos.</i>
		5. Informações gerais	<i>Site do GVN.</i>
b) Interculturalidade	I. Motivações de carácter intercultural para o ensino-aprendizagem das aulas	1. Escolha de danças que se ensinam e aprendem	Escolhas feitas de acordo com as tendências.
		2. Critérios para a escolha e selecção de professores	Experiência. Desempenho. Profissionalismo. Média de alunos por aula. Espírito de equipa. Assiduidade. Opinião dos alunos.
	II. Motivações de carácter intercultural para a escolha do nome “Ginásio da Venda Nova”	1. Possibilidades de comunicação e diálogo intercultural	<i>A grande preocupação foi de carácter comercial de acordo com a zona onde está inserido. O marketing foi a primeira aposta dado ser a primeira instituição do género no local.</i>
c) Razões motivadoras para a frequência dos alunos.	I. Motivações dos alunos para a escolha deste Ginásio.	1. Características dos alunos e exigências para a frequência do Ginásio	Não há segmentação, nem nenhuma classe específica. Apenas é exigida boa disposição, diversão e orgulho em estar no Ginásio da Venda Nova. Procura-se ambiente muito familiar e de protecção.
		2. Número e identidade dos mesmos	Entre 2000 e 2300.
		3. Graus de frequência dos alunos desde a sua fundação	Tem vindo a aumentar gradualmente ao longo dos tempos.
d) Danças na sua globalidade	I. Tipologia de danças na sua globalidade.	1. Modalidades de danças existentes	<i>Rit-mix, danças de crianças, ritmos urbanos, zumba, dança do ventre, baby class, danças brasileiras, ritmos local.</i>
		2. Objectivos gerais de cada uma delas	Divertir-se. Fazer exercício físico. Fazer com que os hábitos não sejam sedentários.
		3. Modalidades mais procuradas pelos alunos	Danças brasileiras. Zumba. Danças de crianças. <i>Rit-mix.</i>

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO DIRECTOR (D)			
TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
e) A dança e a educação	I. Graus de participação e de relevância das danças.	1. Reacções das crianças e adultos relativamente a danças	Reagem bastante bem. Acabam por se divertir.
	II. Importância das danças na educação	1. Crianças e adultos	Importantes no crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da postura. Interesse, como empresários, na rentabilidade das modalidades e que estas sejam positivas. Grande importância dada à boa formação dos professores.
f) Organização do Ginásio	I. Exibições públicas das danças	1. Formas de organização e de apresentação de exibições públicas de danças.	Costumam organizar e apresentar exibições das danças praticadas, nos dias D.
	II. Parâmetros da organização do Ginásio	1. Desenvolvimento de actividades do Ginásio	Ultrapassou qualquer parâmetro.
		2. Horizontes e perspectivas quanto ao seu crescimento	Há uma adaptação e evolução.
	III. Sustentabilidade desta instituição	1. Sustentabilidade individual	Existe sustentabilidade individual.
2. Sustentabilidade patrocinada		Não tem.	
g) Futuro do ensino-aprendizagem da dança	I. Futuro do ensino-aprendizagem da dança no Ginásio e em Portugal	1. No Ginásio	Para seguir a tendência e criar outras tendências. Apostar no <i>Kizomba</i> .
		2. Em Portugal	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>

**ANEXO 2 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DAS PROFESSORAS
(P1 E P2)**

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P1			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Experiência pedagógica e didáctica no ensino da dança	I. Caracterização dos professores de dança brasileira e oriental do Ginásio da Venda Nova	1. Opção ou vocação.	Sou apaixonada pela dança. É mesmo por opção.
		2. Factores de maior influência na opção para uma formação em dança	A inteira adaptação ao mundo mágico da dança.
		3. Anos de ensino da dança	Desde que entrei para a faculdade, desde 1986.
		4. Danças ensinadas	Dança brasileira e suas variantes.
		5. Razões da escolha das danças que lecciona	Acredito que através de músicas brasileiras, onde há uma empatia com a letra da música, a expressão corporal é inevitável, e faz das coreografias momentos únicos. Quando estou a dar aulas sinto algo que me dá imenso prazer fazer.
	II. A dança na educação	1. Importância da dança na educação	Quem dança é mais feliz. A partir desse princípio, acredito, que posso através do meu corpo e expressão facial, algo que muda por alguns instantes a vida de cada aluno que está dentro da minha aula.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA P1			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
b) Dança e interculturalidade	I. Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	A dança de cada país, por ter as suas características e cultura diferentes, faz-nos transmitir possíveis crenças do nosso país.
		3. Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	A dança de cada país, por ter as suas características e cultura diferentes, faz-nos transmitir possíveis costumes desse país.
	II. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Acredito que, através do corpo, as pessoas possam interagir com qualquer etnia ou raça. O que importa é podermos expressar-nos através da dança.
		III. Percepção que o professor tem das danças	1. Opinião acerca das danças brasileiras
	2. Opinião acerca das danças orientais		Penso que são de uma grande sensualidade.
c) Comunicação e diálogo interculturais	I. Contributos do estudo e da prática da dança para a comunicação e diálogo intercultural	1. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras	Uma empatia quase total, pois todo o mundo se identifica com a música e a letra brasileira, e isso torna cada vez mais prazeroso estarmos em contacto com pessoas que têm uma receptividade e uma aceitação cada vez mais surpreendente.
		2. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais	Não pratico dança do ventre.
	II. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras	Actualização das competências profissionais no Brasil.
		2. Danças orientais	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
	III. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras	A cada dia que passa vai tomando proporções maiores e colocando nas danças brasileiras um espírito novo e motivador.
		2. Danças orientais	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEUDO DA ENTREVISTA P2			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Experiência pedagógica e didáctica no ensino da dança	I. Caracterização dos professores de dança brasileira e oriental do Ginásio da Venda Nova	1. Opção ou vocação.	Sou bailarina por opção.
		2. Factores de maior influência na opção para uma formação em dança	Porque me interesse muito pela cultura. Porque a dança do ventre é de um grau de dificuldade bastante elevado.
		3. Anos de ensino da dança	Há oito anos.
		4. Danças ensinadas	<i>Dança do ventre, ballet clássico e zumba.</i>
		5. Razões da escolha das danças que lecciona	A dança do ventre, pelas razões acima referidas. O ballet clássico, porque me inscreveram quando tinha sete anos de idade. O zumba por ser uma modalidade que está na moda.
	II. A dança e a educação	1. Importância da dança na educação	Porque a partir do momento em que fazem parte de um grupo de dança têm de ter disciplina, objectivos e acima de tudo aprendem a lidar com pessoas de personalidades completamente diferentes, o que ajuda bastante na educação.
b) Dança e interculturalidade	I. Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		3. Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	Durante todo o percurso como professora, faço questão que as alunas procurem e estudem sobre o que estão a aprender.
	II. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Porque as minhas alunas de dança do ventre vão estar em contacto com outras culturas, outros costumes, outra língua e muitas delas foram aprender árabe.
	III. Percepção que professor tem das danças	1. Opinião acerca das danças brasileiras	Penso que são muito alegres.
		2. Opinião acerca das danças orientais	Acho que todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se muito melhor e ajuda-as muito a nível físico e psicológico.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEUDO DA ENTREVISTA P2			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
c) Comunicação e diálogo interculturais	I. Contributos do estudo e da prática da dança para a comunicação e diálogo intercultural	1. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras	Não lecciono dança brasileira, por isso é-me difícil responder a esta questão.
		2. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais	Ajuda imenso no conhecimento de novas culturas e dos costumes dessas mesmas pessoas Facilitam a comunicação intercultural. Ajudam muito na prática da dança oriental.
	II. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Danças orientais	Confirmação dos estudos realizados sobre a cultura oriental.
	III. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Danças orientais	Infelizmente um futuro não muito risonho para a dança do ventre.

ANEXO 3 – SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DAS PROFESSORAS (P1 E P2)

TEMA A – EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA NO ENSINO DA DANÇA			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENT.
I. Caracterização dos professores de dança brasileira e oriental do “Ginásio da Venda Nova”	1. Opção ou vocação	Sou apaixonada pela dança, é mesmo por opção. Sim, sou bailarina por opção.	P1 P2
	2. Factores de maior influência na opção por uma formação em dança	Pela inteira adaptação ao mundo mágico da dança. Porque me interessa muito pela cultura. Porque a dança do ventre é de um grau de dificuldade bastante elevado.	P1 P2 P2
	3. Anos de ensino da dança	Desde que entrei para a faculdade, desde 1986. Há oito anos.	P1 P2
	4. Danças ensinadas	Dança brasileira e suas variantes. Dança do ventre, ballet clássico e zumba.	P1 P2
	5. Razões da escolha das danças que lecciona	Acredito que através de músicas brasileiras, onde há uma empatia com a letra da música, a expressão corporal é inevitável, e faz das coreografias momentos únicos. Quando estou a dar aulas sinto algo que me dá imenso prazer fazer. A dança do ventre, pelas razões acima referidas. O ballet clássico, porque me inscreveram quando tinha sete anos de idade. O zumba por ser uma modalidade que está na moda.	P1 P2 P2 P2
II. A dança e a educação	1. Importância da dança na Educação	Quem dança é mais feliz. A partir desse princípio, acredito, que posso através do meu corpo e expressão facial, algo que mude por alguns instantes a vida de cada aluno que está dentro da minha aula.	P1
		Porque a partir do momento em que fazem parte de um grupo de dança têm de ter disciplina, objectivos e acima de tudo aprendem a lidar com pessoas de personalidades completamente diferentes, o que ajuda bastante na educação.	P2
TEMA B – DANÇA E INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENT.
I. Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não responderam à subcategoria.</i>	—
	2. Conhecimento da religião	A dança de cada país, pelas suas características e cultura próprias transmite crenças próprias	P1
	3. Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	A dança de cada país, pelas suas características e cultura próprias transmite costumes próprios Procura e estudo da dança que estão a aprender por parte das alunas	P1 P2
II. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Através do corpo, as pessoas interagem com qualquer etnia ou raça/ o que importa é como podemos expressar-nos através da dança.	P1
		As alunas de dança do ventre estarão em contacto com outra cultura, costumes, língua (árabe)	P2
III. Percepção das danças brasileiras e orientais	1. Opinião acerca das danças brasileiras	Mundo da professora realização pessoal e profissional. Muito alegres.	P1 P2
	2. Opinião acerca das danças orientais	De uma grande sensualidade. Todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se melhor, ajudando-as a nível físico e psicológico.	P1 P2

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

TEMA C – COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAIIS			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENT.
I. Contributos do estudo e da prática da dança na comunicação e diálogo intercultural	1. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais	Não pratica dança do ventre. Diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ajudam no conhecimento de novas culturas, dos costumes dessas mesmas pessoas, ajudando na prática da dança do ventre.	P1 P2
	2. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras	Há uma empatia com as pessoas que conhecem a música e as letras/ grande aceitação e receptividade da dança brasileira e cultura brasileira. Não lecciono danças brasileiras.	P1 P2
II. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras	Para actualização das competências profissionais no Brasil. <i>Não respondeu à subcategoria.</i>	P1 P2
	2. Danças orientais	<i>Não respondeu à subcategoria</i> Para confirmação dos estudos realizados sobre a cultura Oriental.	P1 P2
III. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras	A cada dia que passa vai tomando proporções maiores e colocando nas danças um espírito novo e motivador <i>Não respondeu à subcategoria.</i>	P1 P2
	2. Danças orientais	<i>Não respondeu à subcategoria</i> Infelizmente um futuro não muito risonho	P1 P2

**ANEXO 4 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DAS ALUNAS
(A1,A2,A3,A4,A5 E A6)**

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA A1			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Dança e motivação	I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Pela possibilidade de expressividade e criatividade Pela valorização da música e da dança brasileira
b) Educação e dança	I. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	A dança como forma de educação artística fundamental na Educação. Deveriam de ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma criativa, expressiva e relaxadora.
c) Aptidões para as diferentes danças	I. Danças preferidas dos alunos	1. Danças preferidas	Danças de salão: valsa vienense e danças brasileiras.
		2. Razões da preferência	Pelo ritmo, alegria e expressividade (danças brasileiras).
	II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	O samba e o forró.
		2. Conhecimento das danças orientais	A dança do ventre.
		3. Familiaridade das danças brasileiras	Dancei o samba. Encanta-me o ritmo, a alegria, a expressividade e sensualidade.
		4. Familiaridade das danças orientais	Dancei danças chinesas das quais gostei imenso.
	III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldade das danças brasileiras	Não encontrei grandes dificuldades.
2. Dificuldades das danças orientais		<i>Não respondeu à subcategoria.</i>	

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEUDO DA ENTREVISTA A1			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
d) Dança e interculturalidade	I.A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1.Conhecimento do indivíduo	São um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro.
		2.Conhecimento da religião	Através do conhecimento do outro, pode-se entrar nas questões e no conhecimento de religiões de cada povo e cultura.
		3.Conhecimento da história, dos costumes e tradições	Através do conhecimento de danças brasileiras e orientais entramos rapidamente no mundo de outros povos e culturas. Este conhecimento, motivador e cheio de interesse, conduz-nos ao estudo e à percepção de outras culturas diferentes da nossa, onde as músicas, as coreografias e os movimentos são diferentes.
	II.A dança e o diálogo intercultural	1.Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Pelo desejo imediato de contactar com as culturas.
	III. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras e orientais	Pela diversidade cultural em cada país e pelas danças, cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas.
IV. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras e orientais	As escolas e ginásios onde existe a vertente da dança têm uma preocupação crescente na divulgação de danças de outras culturas, pois convidam professores nativos das próprias culturas para ministrarem a docência dessas danças e estes factores são fundamentais para a motivação dos alunos e para o enriquecimento da nossa própria cultura.	
e) Razões para a escolha das danças neste Ginásio.	I. Motivações para se inscrever no “Ginásio da Venda Nova”	1.Motivações em geral	Proximidade da residência.
		2.Motivações interculturais	Pelo interesse por danças com carácter intercultural. Pelo interesse por actividades diferentes ao nível da dança, fora do meu país.
	II. Aprendizagem, motivação e interesse nas danças	1.Aprendizagem das danças	Danças brasileiras.
		2.Motivações para as danças	Pelas razões já descritas. Pela expressividade e originalidade que a dança brasileira me oferece.
		3. Interesse nas danças	Sim.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEUDO DA ENTREVISTA A1			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
f) Experiência de danças já realizadas	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	Danças de salão.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEUDO DA ENTREVISTA A2			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Dança e motivação	I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Pela perda de peso. Pelo gosto pessoal na actividade da dança.
b) Educação e dança	II. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	Faz muito bem à saúde. Relaxa. Faz exercitar a mente e o corpo. É uma forma de exercício físico. A música e a dança ajudam a descontrair. Ajuda a encarar a vida e outra forma.
c) Aptidões para as diferentes danças	I. Danças preferidas dos alunos	1. Danças preferidas	Danças brasileiras.
		2. Razões da preferência	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
	II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	O samba e o forró.
		2. Conhecimento das danças orientais	Dança do ventre.
		3. Familiaridade das danças brasileiras	Dancei danças brasileiras.
		4. Familiaridade das danças orientais	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
	III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldade das danças brasileiras	Falta de prática e de competências.
2. Dificuldade das danças orientais		<i>Não respondeu à subcategoria.</i>	
d) Dança e interculturalidade	I. A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		3. Conhecimento da história, dos costumes e tradições	As danças poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e o Oriente e a forma como vivem e se expressam. Poderão contribuir para o conhecimento da vivência destas culturas.
	II. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Porque a dança nos coloca em contacto, ainda que de forma indirecta, com povos de outras culturas.
	III. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras e orientais	Gostaria de visitar os países das danças brasileiras e orientais.
	IV. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras e orientais	Continuarão a surgir novas escolas e ginásios com estas modalidades de dança.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

ANÁLISE DE CONTEUDO DA ENTREVISTA A2			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
e) Razões para a escolha das danças neste Ginásio	I. Motivações para se inscrever no Ginásio da Venda Nova	1.Motivações em geral	Para perder peso.
		2.Motivações interculturais	Para aprender danças brasileiras.
	II. Aprendizagem, motivação e interesse nas danças	1.Aprendizagem de que danças	Danças brasileiras
		2.Motivações para as diferentes danças	Porque tenho uma professora que me motiva bastante e nos ajuda a compreender melhor esta dança.
	3. Interesse nas danças	Sim, gosto. Porque me obriga a conhecer a cultura do povo brasileiro.	
f) Experiência de danças já realizadas	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	Não aprendi danças anteriormente.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista da Aluna A3			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Dança e motivação	I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Pela descontração geral. Pelo convívio interpessoal. Para esquecer os problemas. Para aprender a dançar as danças brasileiras.
b) Educação e Dança	I. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	Muito importante ao nível da postura. Muito importante na maneira de estar. Muito importante na disciplina. Muito importante no espírito de equipa.
c) Aptidões para as diferentes danças	I. Danças preferidas dos alunos	1. Danças preferidas	Danças brasileiras nomeadamente o forró.
		2. Razões da preferência	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
	II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	O forró.
		2. Conhecimento das danças orientais	Dança do Ventre.
		3. Familiaridade das danças brasileiras	Encontrei ritmos bem marcados, alegria, movimento e uma grande expressividade.
		4. Familiaridade das danças orientais	Na dança do ventre encontrei uma dança com maior sensualidade. Especialmente dedicada às mulheres.
	III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldade das danças brasileiras	Adaptar-me aos ritmos. Saber os passos.
2. Dificuldades das danças orientais		<i>Não respondeu à subcategoria.</i>	

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista da Aluna A3			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
d) Dança e interculturalidade	I. A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		3. Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	Estas danças podem contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, os seus costumes e a sua história. Poderemos ter noção de como os povos orientais vivem e se expressam através da dança e da música.
	II. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Porque quando nos encontramos com pessoas brasileiras e orientais teremos um maior conhecimento sobre a dança em si.
e) Razões para a escolha das danças neste Ginásio	I. Motivações para se inscrever no “Ginásio da Venda Nova”	1. Motivações em geral	Para ajudar a emagrecer. Por ordens médicas. Para conhecer novas pessoas. Para passar o meu tempo.
		2. Motivações interculturais	Para aprender danças brasileiras.
	II. Aprendizagem, motivação e interesse nas danças	1. Aprendizagem de que danças	Danças brasileiras.
		2. Motivações para as diferentes danças	Porque gosto muito da professora. Porque gosto muito da música brasileira. Porque queria aprender uns passos de dança.
3. Interesse nas danças		Sim.	
f) Experiências de dança já realizadas	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	Não aprendeu danças anteriormente ao Ginásio da Venda Nova.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A4			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Dança e motivação	I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Porque me faz sentir bem. Porque me ajuda na auto-estima. Porque me faz libertar.
b) Educação e Dança	I. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	Pela postura (dança do ventre) Pela sensualidade. Pela forma de andar. É uma forma de exercício físico. Pela orientação e equilíbrio afectivo e emocional.
c) Aptidões para as diferentes danças	I. Danças preferidas dos alunos	3.1. Danças preferidas	Dança do ventre. Dança brasileira. Ritmos latinos. Ritmos africanos.
		3.2. Razões da preferência	Enquadro-me nestas danças. Fazem-me sentir solta, liberta. Fazem-me esquecer os problemas.
	II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	O samba, o forró e o axé.
		2. Conhecimento das danças orientais	Dança do ventre em várias situações: <i>saggats</i> , bandeja, etc.
		3. Familiaridade das danças brasileiras	Dancei danças brasileiras.
		4. Familiaridade das danças orientais	Já dancei dança do ventre com acessórios (bandeja, véu, velas, <i>dizis</i>) e sem acessórios (corporal).
	III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldades das danças brasileiras	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
2. Dificuldade das danças orientais		Soltar o corpo (dança do ventre). Fazer o repartido do corpo. Movimentos em si. Delicadeza das mãos.	

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A4			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
d) Dança e interculturalidade	I.A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1.Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	Os orientais, através da dança do ventre, são um povo com mais rituais, onde as crenças emergem com mais profundidade.
		3.Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	Através da dança brasileira conseguimos perceber que o povo brasileiro é um povo mais quente.
	II.A dança e o diálogo intercultural	1.Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Porque ao comprarmos roupas de bailarinas de dança do ventre, somos tratadas de outra forma, interagimos mais com os indianos.
	III. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras e orientais	Gostaria de viajar e conhecer a Índia, o Egipto, a Síria, Marrocos. Porque entendo que ficaria mais enriquecida como pessoa e para conhecer mais um pouco destes países e destas culturas, para além da dança.
IV. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras e orientais	Estão a ser mais diversificadas.	
e) Razões para a escolha das danças neste Ginásio	I. Motivações para se inscrever no Ginásio da Venda Nova	1. Motivações em geral	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2.Motivações interculturais	Por causa da dança do ventre.
	II. Aprendizagem, motivação e interesse nas danças	1.Aprendizagem das danças	Dança do ventre.
		2.Motivações para as diferentes danças	Porque é uma dança muito sensual. Porque é uma dança com uma cultura muito interessante. Através desta dança, aprendemos a conhecer bem o nosso corpo.
3. Interesse nas danças	Sim.		
f) Experiências de danças já realizadas	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	Danças de salão. Axé. Samba. Ritmos africanos: <i>kizomba</i> .

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A5			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Dança e motivação	I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Porque me divirto imenso. Porque procuro fazer exercício físico/Porque adoro música.
b) Educação e dança	I. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	Aprendem a trabalhar em grupo/ Pelo seu desenvolvimento.
c) Aptidões para as diferentes danças	I. Danças preferidas dos alunos	1. Danças preferidas	Dança do ventre.
		2. Razões da preferência	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
	II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	Samba/Forró/Axé. Outras danças brasileiras.
		2. Conhecimento das danças orientais	Dança do ventre e suas variantes, conforme os países e os adereços utilizados.
		3. Familiaridade das danças brasileiras	Samba. Ritmos brasileiros.
		4. Familiaridade das danças orientais	Dancei dança do ventre.
	III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldades das danças brasileiras	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
2. Dificuldade das danças orientais		Ao nível da coordenação.	
d) Dança e Interculturalidade	I. A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		3. Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	Antes de iniciar qualquer tipo de dança, costume estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história/Ao nível das aulas é-nos dada informação sobre essas mesmas culturas.
	II. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Porque através da dança nós entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor.
	III. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras e orientais	Encontro-me motivada/ Gostaria de visitar os países das danças brasileiras e orientais/Gostava de conhecer a Índia, o Brasil, Marrocos, o Egipto e outros países.
	IV. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras e orientais	Estão cada vez mais enraizadas/As pessoas vão tomando conhecimento e aderindo cada vez em maior número.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A5			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
e) Razões para a escolha das danças neste Ginásio	I. Motivações para se inscrever no Ginásio da Venda Nova	1.Motivações em geral	Proximidade da residência. Preços razoáveis.
		2.Motivações interculturais	Modalidades apelativas como a dança do ventre.
	II. Aprendizagem, motivação e interesse nas danças	1.Aprendizagem de que danças	Danças brasileiras e dança do ventre.
		2.Motivações para as diferentes danças	Ajudam fisicamente, na saúde. Ajudam ao nível psicológico, visto que sou uma pessoa tímida e a dança ajuda-me a desinibir-me.
		3.Interesse nas danças	Sim, gosto.
f) Experiências de danças já realizadas	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	Samba. Dança do ventre. Hip-hop.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A6			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
a) Dança e motivação	I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Pelo bem-estar físico, psicológico e emocional. Porque despendo tempo só para mim.
b) Educação e dança	I. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	Pelo bem-estar físico. É uma forma de socialização e convívio. Pelo seu desenvolvimento. Pela transformação pessoal.
c) Aptidões para as diferentes danças	I. Danças preferidas dos alunos	1. Danças preferidas	Dança do ventre e zumba.
		2. Razões da preferência	Porque trabalha muito bem a parte física. Porque ajuda na sensualidade. Porque contribui para o bem-estar pessoal e familiar.
	II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	O samba e o forró.
		2. Conhecimento das danças orientais	Dança do ventre.
		3. Familiaridade das danças brasileiras	Dancei o axé. Dancei o forró. Dancei o samba.
		4. Familiaridade das danças orientais	Dancei dança do ventre.
	III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldades das danças brasileiras	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
2. Dificuldade das danças orientais		Vejo as dificuldades num sentido de desafio, porque obriga-nos a trabalhar e a esforçar-nos mais.	

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A6			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
d) Dança e Interculturalidade	I.A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		2. Conhecimento da religião	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
		3. Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	Estas danças são um contributo importante para conhecermos o Brasil. O povo brasileiro é conhecido como um povo alegre e festivo, daí as danças brasileiras terem tantos seguidores. Ao sair destas danças saio com alegria, satisfeita e percebo melhor o povo brasileiro. A dança do ventre é uma porta para despertar o interesse pelas culturas orientais, é um despertar para essa consciência. Antes de se ouvir música oriental e antes da dança do ventre, não se tinha conhecimento nem interesse pela cultura oriental, mas com a expansão que se tem assistido desta dança, existe um maior interesse até de visitar os países do Oriente onde se pratica dança do ventre.
	II.A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Porque a dança é uma forma de comunicação e de expressão. Só pela dança em si, se consegue exprimir a pessoa que se é.
	III. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras e orientais	Estes países fazem parte da minha lista de sonhos: o Brasil equivale a sol, alegria e samba. No Oriente, o que me desperta é o misticismo, a sensualidade, a beleza.
	IV. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras e orientais	Existirão cada vez mais escolas e ginásios com modalidades de dança, com diferentes vertentes.

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Análise de Conteúdo da Entrevista A6			
TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
e) Razões para a escolha de danças neste Ginásio	I. Motivações para se inscrever no Ginásio da Venda Nova	1. Motivações em geral	Acessibilidade. Qualidade. Preço.
		2. Motivações interculturais	<i>Não respondeu à subcategoria.</i>
	II. Aprendizagem, motivação e interesse nas danças	1. Aprendizagem de que danças	Dança do ventre e zumba.
		2. Motivações para as diferentes danças	Pela alegria. Pelo tentar vencer desafios. Ajudam a aperfeiçoar a forma física.
		3. Interesse nas danças	Sim. Por todos os motivos referidos. Pela experiência de aprender coisas novas.
f) Experiências de dança já realizadas	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	Apenas ginástica.

ANEXO 5 - SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DAS ALUNAS (A1, A2, A3, A4, A5 E A6)

Tema A – DANÇA E MOTIVAÇÃO			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. Motivações que levam a procurar a dança	1. Danças brasileiras e orientais	Pela valorização da música brasileira. Pela valorização da dança brasileira. Pelo gosto pessoal na actividade da dança. Para aprender a dançar estas danças.	A1,A5 A1 A2 A3
		Pela perda de peso. Porque procuro fazer exercício físico.	A2 A5
		Pela possibilidade de expressividade e criatividade. Pela descontração geral. Pelo convívio interpessoal. Para esquecer os problemas. Porque me faz sentir bem. Porque me ajuda na auto-estima, Porque me faz libertar. Porque me divirto imenso. Porque despendo tempo só para mim. Pelo bem-estar físico, psicológico e emocional.	A1 A3 A3 A3 A4 A4 A4 A5 A6 A6
Tema B – EDUCAÇÃO E DANÇA			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. Importância da dança para a Educação	1. Educação de crianças, jovens e adultos	A dança como forma de educação artística fundamental na educação, na sua globalidade. Deveriam ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma criativa. Deveriam ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma expressiva Aprendem a trabalhar em grupo. Pelo seu desenvolvimento. É uma forma de socialização e convívio. Pela transformação pessoal.	A1 A1 A1 A5 A5,A6 A6 A6
		Deveriam ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma relaxadora. Faz muito bem à saúde. É uma forma de exercício físico Muito importante ao nível da postura Pela forma de andar.	A1,A2 A2 A2,A4,A6 A3,A4 A4
		Faz exercitar a mente. A música e a dança ajudam a descontrair. Ajuda a encarar a vida de outra forma. Muito importante na maneira de estar. Muito importante na disciplina. Muito importante no espírito de equipa. Pela sensualidade. Pela orientação e equilíbrio afectivo e emocional.	A2 A2 A2 A3 A3 A3 A4 A4

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema C – APTIDÕES PARA AS DIFERENTES DANÇAS			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. Danças preferidas dos alunos	1. Danças preferidas	<i>Danças de salão</i> particularmente a <i>valsa vienense</i> . <i>Danças brasileiras</i> . <i>Dança do ventre</i> . <i>Ritmos latinos</i> . <i>Ritmos africanos</i> . <i>Zumba</i> .	A1 A1,A2,A3,A4 A4,A5,A6 A4 A4 A6
	2. Razões da preferência	Pelo ritmo, alegria e expressividade (<i>danças brasileiras</i>)	A1
		Porque trabalha muito bem a parte física (<i>ventre, zumba</i>).	A6
		Porque ajuda na sensualidade (<i>ventre, zumba</i>).	A6
		Porque contribui para o bem-estar pessoal e familiar (<i>ventre, zumba</i>).	A6
Enquadro-me nestas danças (<i>ventre, brasileira, latina, africana</i>).	A4		
Fazem-me sentir solta, liberta (<i>ventre, brasileira, latina, africana</i>).	A4		
Fazem esquecer os problemas (<i>ventre, brasileira, latina, africana</i>).	A4		
II. Conhecimento e familiaridade das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	<i>Samba</i> . <i>Forró</i> . <i>Axé</i> . <i>Outras danças brasileiras</i> .	A1,A2,A4,A5,A6 A1,A2,A3,A4,A5,A6 A4,A5 A5
	2. Conhecimento das danças orientais	<i>Dança do ventre</i> . <i>Dança do ventre</i> e suas variantes, conforme os países e os adereços utilizados.	A1,A2,A3,A4,A6 A5
	3. Familiaridade das danças brasileiras	Dancei o <i>samba</i> . Dancei <i>danças brasileiras</i> . Dancei o <i>axé</i> . Dancei o <i>forró</i> . Encanta-me o ritmo, a alegria e expressividade e a sensualidade. Encontrei ritmos bem marcados, alegria, movimento e uma grande expressividade.	A1,A5,A6 A2,A4,A5 A6 A6 A1 A3
	4. Familiaridade das danças orientais	Dancei <i>dança do ventre</i> . Já dancei <i>dança do ventre</i> com acessórios (<i>bandeja, véu, velas, asas dízis</i>) e sem acessórios (<i>corporal</i>). Encontrei uma dança com maior sensualidade, especialmente dedicada às mulheres. Dancei danças chinesas, das quais gostei imenso.	A5,A6 A4 A3 A1

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema C – APTIDÕES PARA AS DIFERENTES DANÇAS			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
III. Dificuldade das danças e razões da dificuldade	1. Dificuldade das danças brasileiras	Falta de prática e de competências. Adaptar-me aos ritmos e saber os passos. Não encontrei grandes dificuldades.	A2 A3 A1
	2. Dificuldade das danças orientais	Soltar o corpo. Fazer o repartido do corpo. Movimentos em si. Delicadeza das mãos. Coordenação.	A4 A4 A4 A4 A5

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema D – DANÇA E INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I.A dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1.Conhecimento do indivíduo	As danças são um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro.	A1
	2.Conhecimento da religião	Através do conhecimento do outro, pode-se entrar nas questões e no conhecimento de religiões de cada povo e cultura.	A1
		Os orientais são um povo com mais rituais e crenças profundas/a dança do ventre reflecte esses rituais e crenças	A4
	3.Conhecimento da história, dos costumes e das tradições	Através do conhecimento das danças brasileiras e orientais entramos rapidamente no mundo de outros povos e culturas. Este conhecimento motivador e cheio de interesse conduz-nos ao estudo e à percepção de outras culturas diferentes da nossa onde as músicas, as coreografias e os movimentos são diferentes. As danças poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e o Oriente e a forma como vivem e se expressam. Poderão contribuir para o conhecimento da vivência destas culturas (brasileira e oriental). Antes de iniciar qualquer tipo de dança, costume estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história. Ao nível das aulas é-nos dada informação sobre essas mesmas culturas (brasileira e oriental).	A1
			A1
			A2
			A2
			A5
			A5
			Poderão contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, os seus costumes e a sua história. Estas danças são um contributo importante para conhecermos o Brasil. O povo brasileiro é conhecido como um povo alegre, festivo e «quente» pelas suas danças,
A6 A6; A4			
A dança e da música permitem-nos ter noção de como vivem e se expressam os povos orientais, os seus rituais Com os orientais conseguimos perceber os seus rituais, mas de forma diferente. A dança do ventre é uma porta para despertar o interesse e consciência pelas culturas orientais/ com a expansão da dança do ventre existe um maior interesse em visitar os países do Oriente	A3		
	A6		

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema D – DANÇA E INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
II.A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Pelo desejo imediato de contactar com as culturas.	A1
		Porque a dança nos coloca em contacto com povos de outras culturas.	A2
		As danças e as culturas brasileiras e orientais são melhor conhecidas quando nos encontramos com brasileiros e orientais.	A3
		Porque através da dança nós entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor.	A5
		Porque a dança é uma forma de comunicação e de expressão.	A6
		Só pela dança em si se consegue exprimir a pessoa que se é.	A6
		Na compra de roupas próprias da dança do ventre, as bailarinas interagem mais com os indianos.	A4
III. Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras e orientais	Gostaria de visitar os países das danças brasileiras e orientais.	A1,A2,A3,A4,A5,A6
		Pela diversidade cultural em cada país e pelas danças, cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas.	A1
		Porque entendo que ficaria mais enriquecida como pessoa e para conhecer mais um pouco destes países e destas culturas, para além da dança.	A4
	2. Danças orientais	Gostava de viajar e conhecer a Índia, o Egipto, a Síria, Marrocos.	A5
		No Oriente, o que me desperta é o misticismo, a sensualidade e a beleza.	A4
			A6
3. Danças brasileiras	O Brasil é um dos países que sem dúvida adorava conhecer.	A3	
	Estes países fazem parte da minha lista de sonhos: o Brasil equivale a sol, alegria e samba.	A6	

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema D – DANÇA E INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
IV. Futuro das danças brasileiras e orientais em Portugal	1. Danças brasileiras e orientais	As escolas e ginásios onde existe a vertente da dança têm uma preocupação crescente na divulgação de danças de outras culturas, pois convidam professores nativos das próprias culturas para ministrarem a docência dessas danças e estes factores são fundamentais para a motivação dos alunos e para o enriquecimento da nossa própria cultura. Em Portugal estas danças estão bem implementadas. Continuarão a surgir novas escolas e ginásios com estas modalidades de dança. Estão a ser mais diversificadas. As pessoas vão tomando conhecimento e aderindo cada vez em maior número.	A1 A3,A5 A2,A3,A6 A4 A5
Tema E – RAZÕES PARA A ESCOLHA DAS DANÇAS NESTE GINÁSIO			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. Motivações para se inscrever no “Ginásio da Venda Nova”	1.Motivações em geral	Proximidade da residência. Para perder peso. Por questões clínicas. Para conhecer novas pessoas. Para passar o meu tempo. Preços razoáveis. Qualidade.	A1,A5,A6 A2,A3 A3 A3 A3 A5,A6 A6
	2.Motivações interculturais	Pelo interesse por danças com carácter intercultural. Pelo interesse por actividades diferentes ao nível da dança, fora do meu país. Para aprender danças brasileiras. Por causa da dança do ventre.	A1 A1 A2,A3 A4,A5

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema E – RAZÕES PARA A ESCOLHA DAS DANÇAS NESTE GINÁSIO				
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS	
II. Aprendizagem das danças, motivações e interesse nas danças	1. Aprendizagem de que danças	Danças brasileiras. Dança do ventre. Zumba.	A1,A2,A3,A5 A4,A5,A6 A6	
	2. Motivações para as diferentes danças	Pela expressividade e originalidade que a dança brasileira me oferece. Porque gosto muito da música brasileira. Porque queria aprender uns passos de dança.	A1 A3 A3	
		Porque tenho uma professora que me motiva bastante. Porque tenho uma professora que nos ajuda a compreender melhor esta dança. Porque gosto muito da professora.	A2 A2 A3 A4	
		Através desta dança, aprendemos a conhecer bem o nosso corpo (ventre). Ajudam a aperfeiçoar a minha forma física.	A5,A6 A4	
		Porque é uma dança muito sensual. Porque é uma dança com uma cultura muito interessante. Ajudam ao nível psicológico, visto que sou uma pessoa tímida e a dança ajuda-me a desinibir-me. Pela alegria. Pelo tentar vencer os desafios. Pelas razões já descritas.	A4 A5 A6 A6 A1	
		3. Interesse nas danças	Sim, gosto. Porque me obriga a sentir mais descontraída. Porque me obriga a conhecer a cultura do povo brasileiro. Pela experiência de aprender coisas novas. Por todos os motivos que já referi.	A1,A2,A3,A4,A5,A6 A2 A2 A6 A6
	Tema F – EXPERIÊNCIAS DE DANÇAS JÁ REALIZADAS			
	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
	I. Aprendizagem anterior de danças	1. Modalidades de dança	<i>Samba.</i> <i>Axé.</i> <i>Dança do ventre.</i> <i>Danças de salão.</i> <i>Ritmos africanos: kizomba.</i> <i>Hip-hop.</i> Não aprendi danças anteriormente.	A4,A5 A4 A5 A1,A4 A4 A5 A2,A3

ANEXO 6 - SÍNTESE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOVE ENTREVISTAS

Tema A - EDUCAÇÃO			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. A dança e a educação	1. Importância da dança na educação	Crescimento/ desenvolvimento/ transformação pessoal Postura/ maneira de estar/ forma de andar Felicidade Mudança/ encarar a vida de outra forma Expressividade/ criatividade Eelaxamento Sensualidade Faz bem à saúde/ bem-estar físico Exercício físico Exercício da mente e corpo Equilíbrio afectivo e emocional Disciplina/objectivos Espírito de equipa/ trabalho de grupo/ socialização	D;A5;A6 D; A3;A4 P1 P1; A2 A1 A1;A2 A4 A2;A6 A4 A2 A4 P2; A3 P2; A3; A5; A6
Tema B - INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. Motivações de carácter intercultural no ensino-aprendizagem das aulas no “Ginásio da Venda Nova”	1. Escolha de danças que se ensinam e aprendem	De acordo com as tendências	D
	2. Critérios para a escolha e selecção dos professores	Experiência/ desempenho/ profissionalismo/ média de alunos por aula/ espírito de equipa/ assiduidade/ opinião dos alunos	D
II. Motivações de carácter intercultural para a escolha do nome “Ginásio da Venda Nova”	1. Possibilidades de comunicação e diálogo interculturais	Grande preocupação de carácter comercial, de acordo com a zona onde o GVN está inserido/ marketing foi a primeira aposta	D

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema B - INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
III. Dança como acto intercultural que leva ao conhecimento do outro	1. Conhecimento do indivíduo	A procura e o estudo da dança que estão a aprender por parte das alunas As danças são o verdadeiro caminho para o conhecimento do outro	P2 A1
	2. Conhecimento da religião	A dança de cada país, pelas suas características e cultura próprias, transmite crenças próprias A procura e o estudo da dança que estão a aprender por parte das alunas Através do conhecimento do outro, pode-se entrar nas questões/ conhecimento de cada povo e cultura Os orientais são um povo com mais rituais e crenças profundas/a dança do ventre reflecte esses rituais e crenças	P1 P2 A1 A4
	3. Conhecimento da história, costumes e tradições	<i>Dança Brasileira e Oriental</i> A dança de cada país, pelas suas características e cultura próprias, transmite costumes próprios Através do conhecimento das danças brasileiras e orientais entramos no mundo de outros povos e culturas/As danças poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e o Oriente e a forma como se expressam/ poderão contribuir para o conhecimento da vivência da cultura brasileira e oriental O conhecimento das danças brasileiras e orientais conduz-nos ao estudo e percepção de outras culturas diferentes da nossa, onde as músicas, as coreografias e os movimentos são diferentes Antes de iniciar qualquer tipo de dança, costume estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história/ ao nível das aulas é-nos dada informação sobre as culturas brasileira e oriental <i>Dança Brasileira</i> As danças poderão contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, costumes e história/ contributo importante para conhecermos o Brasil O povo brasileiro é conhecido como alegre, festivo, «quente» pelas suas danças <i>Dança Oriental</i> A procura e o estudo da dança que estão a aprender por parte das alunas A dança e a música permitem-nos ter noção de como vivem e se expressam os povos orientais, os seus rituais A dança do ventre é uma porta para despertar o interesse e consciência pelas culturas orientais/com a expansão da dança do ventre há maior interesse em visitar países do Oriente	P1 A1;A2 A1 A5 A3; A6 A4: A6 P2 A3; A4 A6

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema B – INTERCULTURALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
IV. A dança e o diálogo intercultural	1. Razões pelas quais a dança contribui para o diálogo intercultural	Através do corpo, as pessoas interagem com qualquer etnia ou raça/o que importa é como podemos expressar-nos através da dança As alunas de dança do ventre estarão em contacto com outra cultura, costumes, língua (árabe) Através da dança sente-se de imediato o desejo de contactar com pessoas de outras culturas/ a dança coloca-nos em contacto com povos de outras culturas As danças e as culturas brasileiras e orientais são melhor conhecidas quando nos encontramos com brasileiros e orientais Através da dança entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor/ a dança é uma forma de comunicação e de expressão Na compra de roupas próprias da dança do ventre, as bailarinas interagem mais com os indianos	P1 P2 A1;A2 A3 A5; A6 A4
V. Contributos do estudo e da prática da dança na comunicação e diálogo intercultural	1. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais	Diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ajudam no conhecimento de novas culturas, dos costumes dessas mesmas pessoas, ajudando na prática da dança do ventre	P2
	2. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras	Há uma empatia com as pessoas que conhecem a música e as letras/ grande aceitação e receptividade das danças brasileiras e cultura brasileira	P1
Tema C – DANÇAS BRASILEIRAS E DANÇA ORIENTAL			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
I. Percepção das danças brasileiras e orientais	1. Opinião acerca das danças brasileiras	“É o meu mundo”/ realização pessoal e profissional Muito alegres	P1 P2
	2. Opinião acerca das danças orientais	De uma grande sensualidade Todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se melhor ajudando-as a nível físico e psicológico	P1 P2
II. Contributos do estudo e da prática da dança na comunicação e diálogo intercultural	1. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais	Diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ajudam no conhecimento de novas culturas, dos costumes dessas mesmas pessoas, ajudando na prática da dança do ventre	P2
	2. Influências do diálogo e comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras	Há uma empatia com as pessoas que conhecem a música e as letras/ grande aceitação e receptividade das danças brasileiras e cultura brasileira	P1

A Educação, a Comunicação e o Diálogo Interculturais através da Dança

Mestrado em Relações Interculturais – Sara Morais Ribeiro de Sousa

Tema C – DANÇAS BRASILEIRAS E DANÇA ORIENTAL			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES	ENTREVISTADOS
III. Conhecimento das danças	1. Conhecimento das danças brasileiras	Samba Forró Axé Outras danças brasileiras	A1;A2;A4;A5;A6 A1;A2;A3;A4;A5;A6 A4;A5 A5
	2. Conhecimento das danças orientais	Dança do ventre Dança do ventre e suas variantes conforme os países e adereços utilizados	A1;A2;A3;A4;A6 A5
IV. Aprendizagem de que danças, motivação e interesse nas danças	1. Aprendizagem de que danças	Danças brasileiras Dança do ventre Zumba	A1;A2;A3;A5 A4;A5;A6 A6
	2. Motivações para as diferentes danças	Expressividade/originalidade da dança brasileira Interesse pela música brasileira Aprender passos de dança Professora que motiva/ajuda a compreender a dança Conhecer bem o corpo Aperfeiçoar forma física Dança muito sensual Dança com cultura muito interessante Dança ajuda a desinibir/ajuda a nível psicológico Alegria Tentar vencer desafios	A1 A2 A3 A2;A3 A4 A5;A6 A4 A4 A5 A6 A6
	3. Interesse nas danças	Descontração Conhecer cultura do povo brasileiro Experiência de conhecer coisas novas/ alegria/ tentar vencer desafios	A2 A2 A6
V. Interesse em visitar os locais das danças brasileiras e orientais	1. Danças brasileiras	Para actualização das competências profissionais no Brasil O Brasil é um dos países que sem dúvida adorava conhecer. Estes países fazem parte da minha lista de sonhos: o Brasil equivale a sol, alegria e samba.	P1 A3 A6
	2. Danças orientais	Para confirmação dos estudos realizados sobre a cultura Oriental Viajar e conhecer a Índia, o Egito, a Síria, Marrocos Misticismo, sensualidade e beleza da cultura oriental	P2 A4 A6
	3. Danças brasileiras e orientais	Interesse em visitar os países das danças brasileiras e orientais. Pela diversidade cultural em cada país e pelas danças, cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas. Enriquecimento como pessoa e para conhecer mais um pouco destes países e destas culturas, para além da dança. Gostava de conhecer a Índia, o Brasil, Marrocos, Egito e outros países.	A1,A2,A3,A4,A5,A6 A1 A4 A5

Anexo 7 - Protocolos das Entrevistas

ENTREVISTA DO DIRECTOR – D

Entrevistadora (E): Qual o ano da fundação do “Ginásio da Venda Nova”?

Director (D): O ginásio fez 33 anos em Setembro último. Por isso foi fundado em 1979.

E: Que razões fundamentam a criação do “Ginásio da Venda Nova”?

D: Os ginásios eram uma novidade, fomos os primeiros a fazer piscina. As primeiras instalações foram no Teatro Dramático de Rio Tinto e passados dois anos viemos para um armazém agrícola e depois fomos crescendo até o Ginásio se tornar no que é agora. Só iniciamos com karaté.

E: Diga, por favor, quais são os elementos que compõem a Direcção deste Ginásio e, se possível se poderei ter acesso aos estatutos referentes à sua criação e a outras informações inerentes?

D: Os elementos que compõem a Direcção são dois sócios gerentes e dois gestores.

E: Que critérios são utilizados para a escolha das danças que se ensinam e aprendem neste Ginásio?

D: Os critérios que são utilizados para a escolha das danças são tomados consoante as tendências.

E: Que critérios presidem à selecção dos professores que as leccionam?

D: Em relação aos professores os critérios consistem na experiência que o professor tem, o seu desempenho, o seu profissionalismo, a média de alunos por aulas, o espírito de equipa. Fazemos uma avaliação de professores a cada três meses. Abordamos a média de alunos por aula, o esforço em equipa, a assiduidade, a opinião dos alunos.

E: Porquê o nome “Ginásio da Venda Nova”?

D: Quando escolhemos o nome Ginásio da Venda Nova, tivemos a intenção de o associar à zona, eramos os únicos na zona. O ginásio vende-se pela zona. Na internet é muito importante como motor de pesquisa. Foi uma ótima jogada de marketing. Fazia mais sentido um local maior como Rio Tinto. Agora é conhecido por GVN ou Venda Nova.

E: Qual a frequência de alunos desde a sua criação?

D: Tivemos a festa dos 50 alunos há anos atrás. Temos entre 2000 e 2300 alunos.

E: Que características são exigidas aos mesmos para a sua frequência?

D: Não temos segmentação. É apenas exigida boa disposição e orgulho em estar aqui. Não temos nenhuma classe específica. As pessoas gostam de se divertir, gostam de praticar fitness para destressar. É o nosso objectivo. Procuramos um ambiente muito familiar e de protecção.

E: Que modalidades de dança existem?

D: As modalidades de dança que existem são rit-mix, dança de crianças, ritmos urbanos, zumba, dança do ventre, baby class, danças brasileiras, ritmos local.

E: Que objectivos presidem a cada uma delas?

D: Os objectivos são os de divertir e fazer exercício, fazer com que os hábitos não sejam sedentários.

E: Quais as modalidades mais procuradas pelos alunos?

D: As danças mais procuradas são sobretudo as danças brasileiras, o zumba, as danças de crianças, os rit-mix. É tudo relativo, é tendencial, não são aulas que estejam com o mesmo padrão. Se surge uma novidade sobre body-pump, por exemplo, as pessoas acabam por escolher essa modalidade.

E: Como reagem as crianças e os adultos à dança?

D: Reagem bastante bem, as aulas são constituídas por grupos grandes de pessoas e tanto crianças como adultos acabam por se divertir.

E: Considera a dança importante na Educação?

D: É importante no crescimento e desenvolvimento da criança ao nível da postura. Como empresários estamos interessados na rentabilidade das modalidades. O que é importante é que seja algo positivo e que crie rentabilidade. Dá-mos maior importância aos professores. Estamos atentos à sua boa formação.

E: Neste Ginásio costumam organizar exposições das danças aqui praticadas?

D: Sim, diversas. Amanhã, por exemplo, é o dia da Dança no Ginásio da Venda Nova. As pessoas alinham todas, o staff também, criamos boa sinergia. No YouTube estão as várias exposições dos dias D.

E: O desenvolvimento do Ginásio da Venda Nova está dentro dos parâmetros inicialmente previstos, ou gostaria que se desenvolvesse doutra forma?

D: Ultrapassou qualquer parâmetro. Vamo-nos adaptando ao mercado, vamos evoluindo.

E: Este Ginásio vive por si próprio, ou tem alguma entidade ou entidades que o subsidiam?

D: Não, não tem. Hoje em dia, o mercado está extremamente fragilizado, pessimista. As pessoas ficam avessas ao consumo e cortam, por exemplo, no ginásio. O pessimismo faz com que tenhamos de lutar para manter o nosso nível de crescimento, embora a conjuntura esteja sempre contra a evolução da mentalidade pró-exercício físico. O financiamento subiu os 6%. Toda a gente deve fazer ginásio, como hábito, como rotina. Falta apoio, falta tudo. Estamos muito bem, porque temos dez vezes mais esforço de marketing do que teríamos há um ano atrás.

E: Que pensa do futuro dos Ginásios e das Escolas de Dança em Portugal? (e muito particularmente das danças brasileiras e orientais?)

D: O futuro do Ginásio da Venda Nova é para seguir a tendência. Neste momento, está em voga o zumba. Também poderemos apostar noutras coisas como o kizomba. Vamos acompanhando as tendências e criando outras. O ginásio vive do mercado interno e está dependente do rendimento gerado no raio de 3 a 4 quilómetros. Há sempre o risco de as pessoas desistirem do Ginásio. Depende da conjuntura e do futuro da economia.

E: Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me foi concedido.

ENTREVISTA DA PROFESSORA DE DANÇAS BRASILEIRAS - P1

Entrevistadora (E): Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade e a profissão?

Professora (P1): *Eu tenho 40 anos. Sou Licenciada em Educação Física, Pós-Graduada em Ginástica de Academia e tenho imensos cursos na área da dança, porque eu dancei 25 anos da minha vida, desde o ballet clássico, ao jazz, ao contemporâneo, a dança brasileira que eu comecei a leccionar com todas as suas variantes: Axé, Forró, Samba. Desde então, faço as actualizações através de cursos feitos no Brasil e através de alguns conhecimentos na internet. Fui aluna e professora no Brasil até 1998, vindo para Portugal e logo integrei no corpo de professores do Ginásio da Venda Nova onde lecciono até hoje.*

E: *É bailarina por opção?*

P1: *Sou apaixonada pela dança, é mesmo por opção.*

E: *Que factores tiveram maior influência na sua formação?*

P1: *Os factores que me influenciaram na dança foram a inteira adaptação ao mundo mágico da dança.*

E: *Há quantos anos ensina dança?*

P1: *Eu ensino dança desde que entrei para a faculdade. Desde 1986 que sou professora de ballet clássico para crianças. Desde então entrei na faculdade e nunca mais deixei de ser professora.*

E: *Quais as danças que ensina?*

P1: *No momento, dança brasileira e suas variantes.*

E: *Porque escolheu dançar essas danças?*

P1: *Escolhi dançar essas danças, pois acredito que através de músicas brasileiras onde há uma empatia com a letra da música, a expressão corporal é inevitável e faz das coreografias momentos únicos. Quando estou dando as aulas sinto algo que me dá imenso prazer ao fazer.*

E: *Na sua opinião considera a dança importante na Educação?*

P1: *Sim.*

E: *Porquê?*

P1: *Quem dança é mais feliz e a partir desse princípio, acredito eu, que posso passar através do meu corpo e da minha expressão corporal e facial, algo que mude, por alguns instantes, a vida de cada aluno que está dentro da minha aula.*

E: *Da sua experiência como professora considera as danças de outros países como contributos para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?*

P1: *Sem dúvida. Além de as danças serem uma característica de cada país, de uma cultura diferente, nos faz a partir daí transmitir aos alunos possíveis costumes e crenças do nosso país.*

E: *Nesta perspectiva, de que forma contribuirá a dança, na sua globalidade, para o diálogo intercultural?*

P1: *Acredito que através do corpo, a gente possa de qualquer forma nos interagir com qualquer que seja a etnia ou raça, pois o que importa é como podemos através da dança nos expressar.*

E: *Qual a sua opinião acerca das danças brasileiras?*

P1: *É o meu mundo. É a minha realização pessoal e profissional.*

E: Qual a sua opinião acerca das danças orientais?

P1: Penso que são de uma grande sensualidade.

E: Na sua perspectiva que influência encontra no diálogo e na comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras?

P1: Uma empatia quase total, pois todo o mundo se identifica com a música brasileira e com a letra das músicas, e isso torna cada vez mais prazeroso estarmos em contacto com pessoas que têm uma receptividade e uma aceitação cada vez mais surpreendente. Todo o dia é um dia diferente.

E: Na sua perspectiva quais as influências que encontra no diálogo e na comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais?

P1: Não pratico dança do ventre.

E: Gostaria de visitar os países de origem das danças mencionadas?

P1: Sou imigrante e sempre que posso vou à minha origem para assim estar sempre actualizada e sempre em busca de algo diferente para nunca deixar de crescer, pois quando não se busca novidades deixa-se de ser profissional.

E: Que pensa do futuro destas danças em Portugal?

P1: A cada dia que passa vai tomando proporções maiores, e colocando nas danças brasileiras um espírito novo e motivador. Ao mesmo tempo, todos aqueles que nos vêem pela primeira vez sentem-se pessoas e seres humanos diferentes. Sinto com isso uma realização pessoal e profissional sem dimensão exacta. Faço o que faço por inteira paixão. "Viva a dança!"

E: Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me foi concedido.

ENTREVISTA DA PROFESSORA DE DANÇA DO VENTRE – P2

Entrevistadora (E): Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade e a profissão?

Professora (P2): Tenho 33 anos de idade. Sou Licenciada em Engenharia Química e exerço esta profissão também, além de ser professora de Dança do Ventre, de Ballet Clássico e Zumba.

E: É bailarina por opção?

P2: Sim, sou bailarina por opção.

E: Que factores tiveram maior influência na sua formação?

P2: Primeiro porque me interessei muito pela cultura e depois por a dança do ventre ser de um grau de dificuldade bastante elevado. Foi um desafio.

E: Há quantos anos ensina dança?

P2: Ensino dança há oito anos.

E: Quais são as danças que ensinam?

P2: Dança do ventre, ballet clássico e zumba

E: Porque escolheu dançar essas danças?

P2: *A dança do ventre pelas razões acima referidas. O ballet clássico, porque me inscreveram no ballet desde os sete anos de idade. E o zumba por ser uma modalidade que está agora na moda.*

E: *Na sua opinião considera a dança importante na Educação?*

P2: *Considero.*

E: *Porquê?*

P2: *Porque a partir do momento que fazem parte de um grupo de dança têm de ter disciplina, objectivos e acima de tudo aprendem a lidar com pessoas de personalidades completamente diferentes o que ajuda bastante na educação.*

E: *Da sua experiência como professora considera as danças de outros países como contributos para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?*

P2: *Sim, sem dúvida. Aliás, durante todo o percurso como professora, faço questão que as alunas procurem e estudem sobre o que estão a aprender.*

E: *Nesta perspectiva, de que forma contribuirá a dança, na sua globalidade, para o diálogo intercultural?*

P2: *É importante, porque as minhas alunas de dança do ventre vão estar em contacto com outras culturas, outros costumes, outra língua e também porque muitas delas foram aprender árabe.*

E: *Qual a sua opinião acerca das danças brasileiras?*

P2: *Penso que as danças brasileiras são muito alegres.*

E: *Qual a sua opinião acerca das danças orientais?*

P2: *Acho que todas as mulheres deveriam praticar dança do ventre, pois ficam a conhecer-se muito melhor e ajuda-as muito a nível físico e psicológico.*

E: *Na sua perspectiva que influência encontra no diálogo e na comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças brasileiras?*

P2: *Não lecciono aulas de dança brasileira, por isso é-me difícil responder a esta questão.*

E: *Na sua perspectiva que influência encontra no diálogo e na comunicação com pessoas de outras culturas ao realizar danças orientais?*

P2: *O diálogo e a comunicação com pessoas de outras culturas ajudam imenso no conhecimento de novas culturas, no conhecimento dos costumes dessas mesmas pessoas e com toda a certeza que isso ajuda muito na prática da dança oriental, facilitando a comunicação intercultural.*

E: *Gostaria de visitar os países de origem das danças mencionadas?*

P2: *Gostava bastante, porque estudo bastante sobre o que lecciono e gostaria de saber se é assim mesmo na realidade.*

E: *Que pensa do futuro destas danças em Portugal?*

P2: *Infelizmente um futuro não muito risonho.*

E: *Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me foi concedido.*

ENTREVISTA DA ALUNA - A1

Entrevistadora (E): *Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade e a profissão?*

Aluna (A1) - *Tenho 45 anos, sou Licenciada e sou Professora.*

E: *Quais são as razões para praticar a dança?*

A1: *As razões que presidem à minha inscrição nas danças brasileiras consistem não só na possibilidade que estas danças me oferecem nas dimensões da expressividade e da criatividade como também na valorização da música e da dança brasileira.*

E: *Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?*

A1: *Considero a dança como forma de expressão artística fundamental na educação, na sua globalidade. Todas as crianças, jovens e adultos deveriam ter oportunidade de conhecer e experimentar a dança de uma forma criativa, expressiva e relaxadora.*

E: *Quais são as suas danças preferidas?*

A1: *As minhas danças preferidas são as danças de salão particularmente a valsa vienense, mas também aprecio substancialmente as danças brasileiras pelo ritmo que contêm e pela alegria que exprimem e também pela expressividade.*

E: *Conhece danças brasileiras?*

A1: *Conheço danças brasileiras nomeadamente o samba e o forró. O samba, pelas suas características, permite às pessoas que o praticam, uma expressividade através do ritmo, da expressão corporal e do movimento implícito nela, uma visão muito muito alargada da dança na sua globalidade.*

E: *De igual forma, conhece danças orientais?*

A1: *Conheço danças orientais nomeadamente a dança do ventre. A música oriental e a dança oriental trazem-nos melodias e músicas atonais, sempre com visões e expressividades e características diferentes das culturas ocidentais, que lhes dão beleza, um colorido especial e timbres que podemos considerar de certa forma exóticos, mas bonitos.*

E: *Já dançou algumas destas danças?*

A1: *Sim. Dancei o samba e encanta-me o ritmo, a alegria, a expressividade e a sensualidade. Dancei também danças chinesas das quais gostei imenso.*

E: *Que dificuldades encontraram na prática destas danças?*

A1: *Não encontrei grandes dificuldades. Tenho prática de movimento e de expressividade que foram facilitadoras da aquisição destas competências.*

E: *Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?*

A1: *Claro que as danças são um verdadeiro caminho para o conhecimento do outro. Através do conhecimento do outro, pode-se entrar nas questões e no conhecimento de religiões de cada povo e cultura. Através do conhecimento das danças brasileiras e através das danças orientais entramos, rapidamente, no mundo de outros povos e culturas. Este conhecimento*

motivador e cheio de interesse conduz-nos ao estudo e à percepção de outras culturas diferentes da nossa onde as músicas, as coreografias e os movimentos são diferentes. Através do conhecimento do outro, poder-se-á entrar nas questões e no conhecimento da religião de cada povo e de cada cultura.

E: *Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?*

A1: *Sim, claro. Porque através da dança sente-se de imediato o desejo de contactar com pessoas dessas culturas. No caso das danças brasileiras a língua não constitui qualquer entrave, nas danças orientais existem formas através de vídeos e de uma linguagem corporal que permitem o contacto intercultural.*

E: *Encontra-se motivada para a dança na sua faceta intercultural?*

A1: *Sim, muito.*

E: *Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?*

A1: *Sim, gostaria imenso, sobretudo pela diversidade cultural em cada país e pelas danças cujas raízes provêm possivelmente dessas culturas.*

E: *Que pensa do futuro destas danças em Portugal?*

A1: *Penso que cada vez mais as escolas de dança e ginásios onde existe a vertente da dança se preocupam cada vez mais na sua divulgação, convidando professores das próprias culturas para ministrarem a docência dessas danças, motivando os alunos e enriquecendo a nossa própria cultura.*

E: *Por que razão se inscreveu neste ginásio?*

A1: *Primeiro, porque se situa próximo da minha residência. Segundo, porque me interessa por danças com carácter intercultural e por actividades diferentes ao nível da dança fora do meu país.*

E: *Quais as danças que está a aprender?*

A1: *No momento actual estou a aprender danças brasileiras.*

E: *Porque escolheu estas danças?*

A1: *Pelas razões já descritas e sobretudo pela expressividade e pela originalidade que esta dança me oferece.*

E: *Gosta de dançar as danças que escolheu?*

A1: *Sim, claro.*

E: *Já frequentou outras escolas de dança ou ginásios com modalidades de dança?*

A1: *Sim.*

E: *Quais as danças que aprendeu nessa escola ou ginásio?*

A1: *Aprendi danças de salão.*

E: *Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me concedeu.*

ENTREVISTA DA ALUNA – A2

Entrevistadora (E): *Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade e a profissão?*

Aluna (A2): *Tenho 29 anos de idade. Tenho o 12º ano e estou desempregada.*

E: *Quais são as razões para praticar a dança?*

A2: *A dança faz perder peso. Tenho um gosto pessoal na actividade da dança.*

E: *Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?*

A2: *Sim, faz muito bem à saúde, relaxa, faz-nos exercitar a mente, o corpo, e sobretudo a música e a dança ajudam-nos a descontrair e a encarar a vida de outra forma.*

E: *Quais são as suas danças preferidas?*

A2: *Gosto de todas as danças, muito particularmente das danças brasileiras.*

E: *Conhece danças brasileiras?*

A2: *Sim conheço, o forró e o samba.*

E: *De igual forma, conhece danças orientais?*

A2: *Conheço a dança do ventre, mas nunca pratiquei.*

E: *Já dançou algumas destas danças?*

A2: *Sim, dança brasileira.*

E: *Quais as dificuldades que encontrou na prática destas danças?*

A2: *Falta de prática e falta de competências no sentido de perceber este tipo de dança.*

E: *Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?*

A2: *Poderão contribuir para conhecermos os povos que habitam o Brasil e os povos que habitam o Oriente, a forma como vivem, a forma como se expressam. De certo modo, as vivências destas culturas.*

E: *Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?*

A2: *Sim, porque nos põe em contacto, ainda que de forma indirecta, com os povos de outras culturas.*

E: *Encontra-se motivada para a dança na sua faceta intercultural?*

A2: *Sim, encontro-me.*

E: *Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?*

A2: *Sim, claro que sim. Naturalmente que gostaria de visitar os países de origem das danças que pratico.*

E: *Que pensa do futuro destas danças em Portugal?*

A2: *Penso que cada vez mais em Portugal as escolas de dança e os ginásios com estas modalidades de dança estão a proliferar por todos os lados.*

E: *Por que razão se inscreveu neste ginásio?*

A2: *Para aprender danças brasileiras e perder peso.*

E: *Quais as danças que está a aprender?*

A2: *Dança brasileira.*

E: *Porque escolheu estas danças?*

A2: *Porque tenho uma professora que me motiva bastante e que nos ajuda a compreender melhor esta dança.*

E: Gosta de dançar a dança que escolheu?

A2: Gosto. Porque me obriga a sentir mais descontraída, a conhecer a cultura do povo brasileiro.

E: Já frequentou outras escolas de dança ou ginásios com modalidades de dança?

A2: Não.

E: Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me concedeu.

ENTREVISTA DA ALUNA – A3

Entrevistadora (E): Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade e a profissão?

Aluna (A3): Tenho 33 anos, tenho o 12º ano e estou desempregada.

E: Quais são as razões para praticar a dança?

A3: As razões prendem-se com a descontração geral, o convívio interpessoal, o esquecer dos problemas e também com o aprender a dançar as danças brasileiras.

E: Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?

A3: Sim, é sem dúvida muito importante ao nível da postura, da maneira de estar, da disciplina, do espírito de equipa.

E: Quais são as suas danças preferidas?

A3: São as danças brasileiras. O forró, que comecei há pouco tempo.

E: Conhece danças brasileiras?

A3: Sim, o forró.

E: De igual forma, conhece danças orientais?

A3: Sim, conheço a dança do ventre, e acho interessante pelo elogio que faz à mulher.

E: Já dançou algumas destas danças?

A3: Já dancei e gostei imenso pelas particularidades especiais de cada uma. Nas danças brasileiras encontrei ritmos bem marcados, alegria, movimento e uma grande expressividade. Na dança do ventre encontrei uma dança com maior sensualidade.

E: Quais as dificuldades que encontrou na prática destas danças?

A3: As dificuldades tiveram a ver com o adaptar-me aos ritmos e saber os passos. Com o tempo vamo-nos adaptando.

E: Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?

A3: Estas danças podem contribuir para conhecermos o povo brasileiro, a sua cultura, os seus costumes e a sua história. Igualmente poderemos ter uma noção de como vivem e se expressam através da dança e da música os povos orientais.

E: Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?

A3: Sem dúvida. Acho que quando estivermos com as pessoas brasileiras temos mais conhecimentos sobre a dança em si, assim como com as pessoas orientais.

E: Encontra-se motivada para a dança na sua faceta intercultural?

A3: Sim, bastante.

E: Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?

A3: Adorava. O Brasil é um dos países que sem dúvida adorava conhecer.

E: Que pensa do futuro destas danças em Portugal?

A3: Acho que estão bem implementadas em Portugal e continuarão a surgir novas escolas e ginásios com estas modalidades de dança.

E: Por que razão se inscreveu neste ginásio?

A3: Inscrevi-me para ajudar a emagrecer, por ordens médicas, para conhecer novas pessoas, para passar o meu tempo, para aprender a dançar danças brasileiras.

E: Quais as danças que está a aprender?

A3: Estou a aprender danças brasileiras.

E: Porque escolheu estas danças?

A3: Porque gosto muito da professora, gosto muito da música brasileira e porque queria aprender uns passos de dança.

E: Gosta de dançar as danças que escolheu?

A3: Sim, gosto imenso.

E: Já frequentou outras escolas de dança ou ginásios com modalidades de dança?

A3: Não frequentei não.

E: Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me concedeu.

ENTREVISTA DA ALUNA – A4

Entrevistadora (E): Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade, a profissão?

Aluna (A4): Tenho 23 anos de idade. Tenho o curso de Medicina Alternativa, o qual em Portugal não é considerado como licenciatura, embora em Espanha já o seja. Neste momento faço animação com crianças e massagem em gabinete.

E: Quais são as razões para praticar a dança?

A4: As razões pelas quais pratico dança são várias. A dança faz-me sentir bem, ajudou-me muito na minha auto-estima e faz-me libertar.

E: Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?

A4: Sim, pela postura. Ajuda imenso. Na sensualidade, na forma de andar. É uma forma de exercício físico, orientação e equilíbrio afectivo e emocional.

E: Quais são as suas danças preferidas?

A4: As minhas danças preferidas são a dança do ventre, a dança brasileira, os ritmos latinos e africanos, porque são danças nas quais acho que me enquadro, fazem-me sentir solta, liberta, fazem-me esquecer os problemas.

E: Conhece danças brasileiras?

A4: Sim, conheço o forró, o samba e o axé.

E: De igual forma, conhece danças orientais?

A4: Sim, a dança do ventre em que se pode enquadrar com vários objectos, dependendo do que se pretende. Se for uma dança mais animada usam-se saggats. Podem-se usar objectos como uma bandeja entre outros. Há dança do ventre para várias situações.

E: Já dançou algumas destas danças?

A4: Já dancei dança do ventre com bandeja, com véu, com velas, com asas dizeis e corporal (sem acessórios). Também dancei danças brasileiras, africanas como a kizomba e o funaná, e latinas.

E: Quais as dificuldades que encontrou na prática destas danças?

A4: Encontrei dificuldades em soltar o corpo e conseguir fazer o repartido do corpo, os movimentos em si, principalmente a delicadeza das mãos, na dança do ventre.

E: Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?

A4: Através da dança brasileira conseguimos perceber que o povo brasileiro é um povo mais quente, assim como acontece com a dança africana. Com os orientais também conseguimos perceber os seus rituais, mas de forma diferente. Os orientais, através da dança do ventre, são mais vincados na cultura, em relação aos rituais e às crenças. As crenças emergem com mais profundidade.

E: Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?

A4: Sim, acho que sim, porque ao comprarmos roupas de bailarinas do ventre somos tratadas de outra forma. Interagimos muito mais com os indianos.

E: Encontra-se motivada para a dança na sua faceta intercultural?

A4: Sim, encontro-me muito motivada.

E: Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?

A4: Gostava de viajar e conhecer a Índia, o Egipto, a Síria, Marrocos, porque acho que me iria enriquecer como pessoa e para conhecer, mais um bocadinho destes países e destas culturas, para além da dança.

E: Que pensa do futuro destas danças em Portugal?

A4: Penso que se estão a diversificar mais.

E: Por que razão se inscreveu neste ginásio?

A4: Inscrevi-me neste ginásio por causa da dança do ventre.

E: Quais as danças que está a aprender?

A4: Estou a aprender dança do ventre.

E: Porque escolheu esta dança?

A4: Porque é uma dança muito sensual, com uma cultura muito interessante. No fundo ensinamos a conhecer muito bem o nosso corpo.

E: Gosta de dançar a dança que escolheu?

A4: Sim, gosto muito.

E: Já frequentou outras escolas de dança ou ginásios com modalidades de dança?

A4: *Sim, frequentei uma escola.*

E: *Quais foram as danças que aprendeu nessa escola?*

A4: *Aprendi axé, samba e frequentei danças de salão. Dancei também ritmos africanos nomeadamente kizomba.*

E: *Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me foi concedido.*

ENTREVISTA DA ALUNA – A5

Entrevistadora (E): *Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a idade, o nível ou níveis de escolaridade e a profissão?*

Aluna (A5): *Tenho 42 anos, tenho o 12º ano e sou empregada fabril.*

E: *Quais são as razões para praticar a dança?*

A5: *As razões são: em primeiro lugar, porque me divirto imenso, em segundo lugar, porque procuro fazer exercício e em terceiro lugar, porque adoro música.*

E: *Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?*

A5: *Sim, considero a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos, porque estes aprendem a trabalhar em grupo e ajuda-os no desenvolvimento.*

E: *Quais são as suas danças preferidas?*

A5: *Não tenho danças preferidas, experimento de todas as danças, mas a dança do ventre tem prioridade.*

E: *Conhece danças brasileiras?*

A5: *Sim, conheço o samba, o forró, o axé entre outras danças brasileiras.*

E: *De igual forma, conhece danças orientais?*

A5: *Sim, conheço a dança do ventre e as suas variantes, conforme os países e os adereços utilizados. Há vários tipos de dança do ventre. A dança do ventre do Egito é diferente do da Índia.*

E: *Já dançou algumas destas danças?*

A5: *Sim: a dança do ventre, o samba, ritmos brasileiros.*

E: *Quais as dificuldades que encontrou na prática destas danças?*

A5: *Algumas dificuldades a nível da coordenação.*

E: *Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?*

A5: *No meu caso, antes de iniciar qualquer tipo de dança, costumo estudar um pouco sobre as suas culturas, usos, costumes e história, e, mesmo ao nível das aulas é-nos dada informação sobre essas mesmas culturas.*

E: *Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?*

A5: *Sim, porque nós entendemos melhor as pessoas de outras culturas e elas também nos entendem melhor.*

E: *Encontra-se motivada para a dança na sua faceta intercultural?*

A5: *Sim.*

E: *Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?*

A5: *Sim, gostava de conhecer a Índia, o Brasil, Marrocos, Egito e outros países.*

E: *Que pensa do futuro destas danças em Portugal?*

A5: *Estas danças estão cada vez mais enraizadas, as pessoas vão tomando conhecimento e aderindo cada vez em maior número.*

E: *Por que razão se inscreveu neste ginásio?*

A5: *Além de ser perto de casa, os preços eram razoáveis, as modalidades apelativas nomeadamente a dança do ventre.*

E: *Quais as danças que está a aprender?*

A5: *Dança do ventre e danças brasileiras.*

E: *Porque escolheu estas danças?*

A5: *Escolhi estas danças porque me ajudam fisicamente e também a nível psicológico, visto que sou uma pessoa tímida e a dança ajuda-me a desinibir-me. A nível físico é a questão da saúde.*

E: *Gosta de dançar as danças que escolheu?*

A5: *Sim, gosto.*

E: *Já frequentou outras escolas de dança ou ginásios com modalidades de dança?*

A5: *Já frequentei uma escola de dança.*

E: *Quais as danças que aprendeu nessa escola?*

A5: *Aprendi samba, danças de salão, hip hop e dança do ventre.*

E: *Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me concedeu.*

ENTREVISTA DA ALUNA- A6

Entrevistadora (E): *Importa-se de me facultar alguns elementos que a identificam nomeadamente a sua idade, o nível ou níveis de escolaridade que possui, a sua profissão?*

Aluna (A6): *Tenho 33 anos. Sou bancária e tenho a Licenciatura em Ciências Empresariais, vertente Recursos Humanos.*

E: *Quais são as razões para praticar a dança?*

A6: *Pelo bem-estar físico, psicológico e emocional. Pelo facto de despender tempo só comigo, um espaço para mim acho que é muito importante. São estas as razões.*

E: *Na sua opinião considera a dança importante na educação de crianças, jovens e adultos?*

A6: *Muito, muito importante. Não só pelo bem-estar físico, mas como uma forma de socialização e convívio e também de desenvolvimento e transformação pessoal.*

E: *Quais são as suas danças preferidas?*

A6: *Gosto muito de zumba, porque acho que trabalha muito bem a parte física, mas também ajuda na sensualidade. Contribui, por isso, para o bem-estar pessoal e familiar, porque se a nossa auto-estima estiver mais elevada, maior é o nosso envolvimento familiar e tudo corre melhor na vida de um casal. E, claro, também gosto de dança do ventre.*

E: Conhece danças brasileiras?

A6: Conheço e gosto muito. O axé já pratiquei. Conheço o samba, o forró.

E: De igual forma, conhece danças orientais?

A6: Conheço a dança do ventre.

E: Já dançou algumas destas danças?

A6: Já dancei o axé, forró, samba, zumba e dança do ventre.

E: Quais as dificuldades que encontrou na prática destas danças?

A6: Na dança do ventre e no zumba eu vejo as dificuldades num sentido de desafio, porque obriga-nos a trabalhar e a esforçar-nos mais, logo a auto-satisfação vai ser superior face às expectativas da aula. Ao termos maior auto-satisfação, esta está relacionada com a auto-estima e isso é bom.

E: Na sua perspectiva, de que forma a prática destas danças poderá contribuir para o conhecimento do outro, isto é, do indivíduo, da sua religião, da sua arte, dos seus costumes, da sua história e das suas tradições?

A6: Estas danças são um contributo importante para conhecermos o Brasil. O povo brasileiro é conhecido como sendo um povo alegre e festivo, daí as danças brasileiras terem tantos seguidores. Ao sair destas danças saio com alegria, satisfeita e percebo melhor esse povo. A dança do ventre é uma porta para despertar o interesse pelas culturas orientais. É um despertar para essa consciência. Antes de se ouvir música oriental e antes da dança do ventre, não se tinha conhecimento nem interesse pela cultura oriental. Com a expansão que se tem assistido desta dança existe um maior interesse até de visitar os países do Oriente onde se pratica dança do ventre.

E: Contribuirá a dança para o diálogo intercultural?

A6: Claro, obviamente. Muito importante. A dança é uma forma de comunicação. Só pela dança em si se consegue exprimir a pessoa que se é. É uma forma de expressão.

E: Encontra-se motivada para a dança na sua faceta intercultural?

A6: Sim.

E: Gostaria de visitar os países das danças dos povos e culturas mencionados?

A6: Muito! Fazem parte da minha lista de sonhos. O Brasil equivale a sol, alegria, samba. É tudo isto que me desperta. No Oriente o que me desperta é o misticismo, a sensualidade, a beleza.

E: Que pensa do futuro destas danças em Portugal?

A6: No futuro existirão cada vez mais escolas, ginásios com modalidades de dança com diferentes vertentes.

E: Por que razão se inscreveu neste ginásio?

A6: Pela acessibilidade, qualidade e preço.

E: Quais as danças que está a aprender?

A6: Neste momento zumba e dança do ventre.

E: Porque escolheu estas danças?

A6: *Pela alegria, pelo tentar vencer os desafios e aperfeiçoar a minha forma física. Gosto de danças que exijam muito trabalho físico e muita emoção. Gosto de sair da aula completamente “estourada”.*

E: *Gosta de dançar as danças que escolheu?*

A6: *Gosto, por todos os motivos que já referi e pela experiência de aprender coisas novas.*

E: *Já frequentou outros ginásios e escolas de dança?*

A6: *Já.*

E: *Quais as danças que aprendeu nessas escolas?*

A6: *Frequentei apenas aulas de ginástica.*

E: *Agradeço as respostas a esta entrevista e o tempo que me concedeu.*

ⁱ Antes de iniciar as entrevistas propriamente ditas, lembrou-se os objectivo do trabalho e da entrevista, garantindo ao entrevistado a confidencialidade das respostas, a oportunidade de as completar aquando da leitura da sua transcrição e agradecendo a disponibilidade e o contributo para a concretização do estudo. Solicitou-se autorização para a gravação da conversa.